NO MINHO

NO MINHO

POR

D. ANTONIO DA COSTA

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

INDICE

CAPITULO I

A CAMINHO

I

Ordenou-me um dia a medicina que fosse para Vizella, e em seguida fazer uma digressão pelo Minho. Obedeci-lhe.

Dizem que é uma formosura o Minho. Pois vamos ver o Minho.

Felizmente que para o ver não é necessario mais do que ir com toda a commodidade n'este wagão, ponto em que eu, adorador da poesia, me separo dos poetas que declararam guerra aos caminhos de ferro por julgarem vilmente prosaico o não irmos abrasando pelas estradas quando viajâmos no verão, nem enregelados quando jornadeâmos de inverno, como se por entre gêlo nos podessem extasiar pomares de la-

ranjeiras, ou n'uma fornalha nos fosse possivel apreciar as pittorescas aldeias, recortadas no espaço.

Ora permittam-me os poetas que a seis dias de tempestades e dores para emprehender a viagem de Lisboa ao Porto prefira a minha réles prosa chegar em dez horas á cidade da Virgem, e tão descansado como se n'um gabinete estivesse lendo.

Bem sei que me podem allegar os poetas as vantagens do chouto e do albardão contra a praga dos massadores que nos victimam, e este argumento me decidiria pelo albardão e pelo chouto se a praga fosse capitulo obrigado; mas nem sempre o é, como d'esta vez o não foi.

Porque isto de viajar em caminhos de ferro só de dois modos: ou com intimos, e então é um céu aberto de gracejos, de franqueza, de expansão, ou sósinhos sem comprimentos com os semi-amigos, com os semi-estranhos, n'aquelle tranquillo scismar da alta noite em que entrevemos com os olhos da alma tudo quanto nos é querido e quanto para o diante nos póde ser felicidade, pelo menos nas illusões da esperança, e isto na precipitação vertiginosa em que a locomotiva nos leva, e ao som dos silvos que parece despertarem-nos do mysterio.

Que de planos então se não vão construindo como

edificios de fumo, desfeitos á primeira viração que entra pela carruagem quando o conductor nos abre a portinhola.

Assim chegaria ao Porto, do principio ao fim, se n'uma das ultimas estações me não entrasse no wagão um d'estes obsequiadores encartados, que não construem com esperanças edificios de fumo, mas que os construem de pedra e cal com as libras que enferrujharam. Como era já no fim, não fiz que dormia, nem abri machinalmente o livro que levava á mão. Deixei fallar o homem, e não me peça contas algum dia a sua memoria de me não lembrar do que elle me disse. Em compensação recordo-me de que ao menos era em extremo delicado, e d'isto me fiquei recordando, porque a delicadeza é hoje fructo prohibido.

Nas Devezas é que foi bonito. Quando me dispunha a alugar carro que me levasse para o Porto, o homem, que era um verdadeiro *rewolver* de obsequios, perguntou-me se eu não queria ir com elle, e, palavras não eram ditas, dá-me o braço não me admittindo desculpas, e leva-me... para onde? para a almofada de um omnibus, onde já tinha empoleirados os filhos, a bagagem d'elle, e até a minha.

Tentei resistir. Inutil. O omnibus partia.

E partiu levando-me todo o caminho até ao Porto á

torreira do sol, e a elle por castigo com as bagagens dos passageiros a impellirem-no constantemente com perigo de caír sobre os cavallos.

Quando chegámos ao Porto vieram as explicações. Eu resignára-me a ir no omnibus suppondo que elle não queria ir em carro; elle, suppondo que eu não queria ir em carro, lançára mão do omnibus, para me obsequiar. Que pena não ser algum de nós mulher, para casarmos um com o outro, e se comprehenderem assim as nossas duas almas durante a vida toda.

II

Haveria de requerer um livro, não um capitulo, a descripção do Porto.

Nas quarenta e oito horas, porém, que me podia demorar, vi o que do Porto ainda não conhecia.

Que de melhoramentos arrojados não tem elle emprehendido!

A obra da alfandega é das mais grandiosas. O hospital seria magestoso na propria Londres, e por magestoso de mais não quiz a capital da Inglaterra, diz-se, acceitar o projecto de um hospital similhante. O novo jardim das Fontainhas parece que se está a rir para nós. A Bolsa, edificio é mais que sumptuoso.

A sala grande chega a deslumbrar, com a sua galeria, em redor, assente sobre columnatas, com obra de talha admiravel, estuques finissimos, arrendados, arabescos, florões de caprichosa phantasia, e alumiado por vidros de cores.

O edificio, porém, que me encheu as medidas, pela memoravel iniciativa dos que á Europa quizeram mostrar que tomavamos quinhão nos progressos do mundo, foi o palacio de crystal.

Entremos. Desafoguemos o espirito pela espaçosa nave do centro, visitemos as galerias, assentemo-nos na platéa do grande theatro popular, tiremos o chapéu na sala dos concertos aos nomes dos genios musicaes; percorramos depois os jardins, e assentemo-nos defronte do formosissimo panorama que do alto do *chalet* se desfructa. Lá está o oceano diante de nós, á nossa esquerda o Douro esverdeado, orlado de embarcações, e n'uma graciosa curva que beija a povoação da Aforada, indo entrar no mar aos pés da risonha Foz; a margem d'alem, accidentada toda ella de verdura, e coroada de pinheiros; á direita, uma extensão de campinas e arvoredos, alternando-se as relvas e as casas de cores: quadro geral, a um tempo grandioso e engraçado.

Revelam-nos estes e outros melhoramentos o genio

emprehendedor do Porto, o arrojo da sua iniciativa e os brios da posição a que nobremente se elevou.

Nas idéas, que tão grandes progressos me suggeriam, levantava eu o meu espirito ao contemplar o Porto, mas de todas ellas a que as dominava, como a flor mais mimosa que de um bello ramalhete se destaca, era a idéa da liberdade.

Corria a noite, uma d'estas noites tepidas e scismadoras, e eu vagueava pela praça de D. Pedro e pela da Batalha. Parte da população passeava tomando o fresco. Viam-se abertas e alumiadas as janellas de quasi todas as casas, um dos espectaculos mais attrahentes que ha. Fixei então o meu pensamento n'aquelle espantoso facto de uns poucos de homens que em 1820, a preço de suas cabeças, levantaram o grito da independencia que a nação acceitou unanime. Aqui me appareciam muitas datas posteriores, de sangue, de lagrimas, de gloria, de que me fallava cada pedra, datas de que surgia a grande arvore, cuja sombra a todos abriga como filhos, cujos fructos podem todos saborear como irmãos, e vendo-a tão linda na minha phantasia, saudava o Porto que lhe fôra semente, e perguntava-lhe a ella no meu intimo: «Ó formosa liberdade, quando é que tu, apenas adivinhada agora, brilharás, como o sol, sobre todos os espiritos do ge-

nero humano? Quando é que tu, ó virgem martyr, realisando a missão do amor e da justiça que te deu o Eterno, poderás apparecer aos homens no esplendor da tua gloria, e levantar sobre o mundo todo, já então por ti seriamente conquistado, a palma do triumpho que symbolisa a felicidade universal?»

....

De ti me separo mais breve do que desejava, Porto, mas forçoso me é seguir para o Minho, que me abres com chave de oiro.

E tu, leitor amigo, se me queres acompanhar como até aqui, tens de deixar a tua casaca e de tomar bordão de peregrino.

Se te não podes desprender dos teus habitos cidadãos, não prosigas, regressa para os theatros, para os bailes, para os passeios, para a politica do gremio, para a pasmaceira do Chiado, que nós vamos ver as umbrosas ramarias, os verdes campos, os espelhados rios, o encanto de uma provincia, que abre as paginas vivas do seu album aos corações que as desejam admirar.

CAPITULO II

A PITTORESCA VIZELLA

I

Ao chegar a Vizella ás dez horas da noite de 30 de junho, esperava por mim o meu amigo D. Luiz da Camara Leme. Conhecem-lhe a singela distincção e o sorriso bondoso. Tinham acabado de tomar chá os hospedes do hotel *Cruzeiro do Sul*, e conversavam em colonia intima a sr.ª D. Laura Villar, uma das mais elegantes senhoras do Porto, sua estimavel familia, o sr. Domingos Ribeiro, cavalheiro delicado, e o amavel Antonio de Almeida Campos. Prolongou-se a conversação até depois das onze horas.

Era nado o sol, quando, ao abrir a janella do meu quarto, sorri instinctivamente á formosura da pittoresca aldeia.

Está situada n'uma baixa.

Ao longe um semi-circulo de cordilheiras cinzentas compunha o fundo do quadro. A linha recortada no extremo do horisonte variava airosamente. Parte d'esse fundo era de montes escalvados. Outra parte um grande pinheiral. Do pinheiral até á aldeia a vegetação mais luxuriante de que meus olhos tinham memoria. No intervallo desde os montes até Vizella, ponto central, monticulos formavam amphitheatros caprichosos, vestidos de verdura, afigurando alguns d'elles estarem suspensos no ar.

Para a esquerda uma planicie sobranceira a outro amphitheatro apparecia-nos toda coberta de arvores, cujo verde-escuro servindo de tecto campestre se destacava em lindo contraste da planicie verde-esmeralda, entremeando-se estes dois verdes de modo que nos offerecia um matiz de effeito encantador. Do meio de toda essa verdura surgia a igreja parochial, branca de jaspe, tendo á direita uma planicie verdejante, á esquerda um quadrado de arvoredo, e casas de diversas cores matizando ora a planicie, ora os amphitheatros.

A aldeia, apesar de situada n'uma baixa, fica sobranceira ao pittoresco rio e ás formosas margens que elle banha, de maneira que as ramarias marginaes,

em grande abundancia, estendem-se como largas alcatifas. O rio meio encoberto com tanta vegetação, já saltando d'entre fragas, já serpeando por entre arvoredo, alarga os braços debaixo da ponte nova, o sitio mais pittoresco, e reflectindo ao longo d'elle os castanheiros, os carvalhos e os salgueiraes, offerece então aos olhos um limpido espelho, e aos ouvidos um doce queixume produzido pelo som melancolico das successivas quédas de agua que nos acordam a saudade.

O que nos encanta sobretudo em Vizella não são destacadamente os montes, nem as planicies, nem as margens do rio espelhando-se nas aguas, nem as casas de cores meio escondidas nas ramagens, e como que a espreitarem-nos curiosas; o que nos encanta é a phantasiosa desharmonia de todos aquelles elementos campestres que brota uma das mais formosas harmonias que podem deliciar o espirito.

Assim como os milhões de rostos humanos formados de poucas feições são todos differentes, assim os quadros da natureza compostos de pouquissimos elementos diversificam até ao infinito, e combinados em cada localidade, representam uma impressão geral. Estou presentindo o leitor a pedir-me a impressão geral de Vizella. Aqui lh'a deixo como a estou sentindo. Vizella não é magestosa nem pensativa, é sobretudo

formosa. É uma linda creança a rir-se para nós, toda ella exuberando de vida, a pular, a palmear, a fazer-nos festas, e possuindo o dom mais sympathico d'este mundo ao coração humano: a preciosidade da meiguice.

Não ha extensão, ha graça em toda aquella paizagem. A extensão, como na vista do Bussaco, parece tê-la creado a magestade; a graça, como na vista de Vizella, creou-a a phantasia. A primeira inspira-nos a grandeza, como o firmamento, o mar, o deserto; a segunda dá-nos a candura. A primeira faz pensar, elevando o espirito; a segunda encanta a alma, faz estar bem ali, lograr a felicidade entre sorrisos. Na primeira o espirito quer irromper o corpo a demandar mundos novos; a segunda parece dizer-nos que o nosso mundo se acha ali encerrado d'aquelles montes a dentro, e gosando, n'aquelle encerro, de um tranquillo encanto que nos seduz. A primeira é a fascinadora mulher que sonhâmos, a segunda é a amoravel mulher que estremecemos.

II

Tal é Vizella no mais ligeiro esboço.

Mas, para nos encantarmos devéras não havemos de pensar nos banhos.

Meu Deus; os banhos de Vizella! Suppões talvez, amigo leitor, que são todos n'um edificio decente, como os das Caldas da Rainha, ou os de S. Paulo em Lisboa? Vaes ver.

Dá-me o braço, saiâmos do nosso hotel *Cruzeiro do Sul*, deixemos á esquerda o hotel do Padre, o hospedeiro mais generoso do Minho todo, e entremos no centro da aldeia. Ali a tendes, mero pretexto para a vegetação, poisque as arvores serpeam em volta das casas, entrevendo-se por entre a verdura ali meias janellas, alem penteadores de neve deixando transparecer tranças ondulantes, para outro lado arvoredo como se em povoação não estivessemos, e um sitio ha em que a relva de tal modo alcatifa o terreno que o disseramos um lago verde.

Assim vamos chegando á praça, cruzando-nos com enxames de pobres rheumaticos, pallidos, mancos, aleijados, uns por seu pé, outros ás portas das casas onde miseravelmente vem habitar, outros em carrinhos movediços; especie de mascarada em que a pequena população da terra fica absorvida pela população fluctuante de ricos, remediados e pobres, que nos cinco mezes da estação converte a formosa aldeia n'uma pequena cidade improvisada.

E ahi estão, por todo o logarejo risonho, as immen-

sas nascentes de caldas em grande diversidade de temperatura desde a agua fresca até á agua a ferver, e que fizeram de Vizella, já desde o tempo dos romanos, uma origem riquissima do prodigioso medicamento. Extraordinaria é a multiplicidade das nascentes (chegando até a have-las no leito do rio), e sobretudo aqui na praça e na Lameira; mas esta maravilha um phenomeno tem por contraste: o estado horroroso e incrivel em que estão os banhos.

Entremos.

Apresenta cada uma d'estas casinholas a configução de um forno, em cujo centro está a nascente. Ellas ahi estão por esse terreno fóra, sem luz, sem ar, sem espaço, cada uma com um banco só, para todos collocarem o fato; no cimo telha vã; algumas com meio tecto podre, porque a outra metade já desabou. Visitemos qualquer dos banhos, o da *Meia lua*, todo esboracado por cima; o banho *romano*, do tempo dos grandes conquistadores, segundo corre fama; o de *S. Miguel*, o da *Lua cheia*, o do *Quarto crescente*, o banho *Moreira*, o banho *Contra forte*, o banho *Quatro cabeças*, todos differentes na graduação da temperatura, e portanto riquissimos, mas irmãos todos no estado que os torna repugnantes.

A agua, mandada renovar duas vezes por dia, de

facto só se renova uma, de manhã. De tempo a tempo o guarda de todas aquellas cafúas deixa entrar para cada uma d'ellas um rebanho de gente pobre, pallida, entrevada, fecha-lhe a porta á chave, abre-lh'a depois, e assim se repete a repugnante scena até á noite. As classes elevadas tomam o banho em duas ou tres nascentes menos asquerosas, ou nos hoteis, preferindo perder em parte a força do medicamento.

Que é isso meu companheiro do passeio? Estás espantado, custando-te a crer o que vês, e perguntando-me para onde fugiu a rasão, a administração local, e, na falta d'ella, os governos d'este reino, na presença de um tal vandalismo em relação ao medicamento indicado para molestias gravissimas, e que não attrahe ali os doentes só de uma localidade, mas os do paiz todo? que não ministra annualmente duzias de banhos, mas trinta mil? que não é uma questão de campanario, mas uma questão nacional?

Ah meu caro Antonio Cardoso Avelino, ministro das obras publicas, tu sabes que a nossa boa amisade, filha dos felizes tempos de Coimbra, e do theatro academico, e d'aquellas noites do immortal *cavaco*, e d'aquelles dias em que ainda tinhamos ao nosso lado espiritos que se chamavam Bruschy, Gonçalves Lima, Gomes de Abreu, Alves da Silva, Fialho, em que as

lagrimas eram doces, e os sorrisos leaes; sabes que a nossa boa amisade não se prostituiu. Pois bem, meu amigo, Deus te encaixe nos ossos o mais tremendo rheumatismo de que haja memoria desde o tempo dos romanos, para ires a Vizella presencear aquella barbaridade, e tomares a peito a construcção de um edificio thermal que ha muitos annos ali devêra estar já levantado, se a companhia projectada o não realisar, se o realisar com demora, ou indevidamente. Bem vês, meu amigo, que não é em teu detrimento, mas para gloria tua, que invoco para ti, com todas as forças da minha prece, a mimosa doença da moda.

III

E torna já a desenrugar a fronte, meu bom companheiro. O sol queima. Voltemos para casa, vamos vendo os graciosos predios em construcção por entre as casas abarracadas que nos mostram a antiga feição da aldeia, e, reservando para o fim da tarde a vista que se desfructa do *chalet* do sr. Vilby, o passeio da ponte velha, a fabrica do papel, entremos, ao som mavioso d'estas quédas de agua, no pateo do hotel, onde os hospedes estão lendo, ou conversando.

Assento-me aqui, entre os meus dois amigos, Lopo

Vaz de Sampaio, uma das intelligencias mais perspicazes, um dos caracteres mais sãos que eu conheço, e o pallido Antonio de Mello, amigo intimo de Lopo, e coração aberto, coração á portugueza.

Tem pilhas de graça aquella franca amisade. Arrastado por um magnetismo de que só as almas sinceras, como a d'elle, têem o segredo, Antonio de Mello anda a dizer com os labios ao seu amigo Lopo que não executa o que elle lhe aconselha, e com os actos a realisa-lo. Se pela sua boa fé planeia algum contrato que póde ser desvantajoso, Lopo convida-o para uma digressão, a digressão prolonga-se, o contrato não se chega a fazer, e a fiel amisade de um salva a boa amisade do outro. Andam assim a fingir que se enganam com os labios, e a sellarem com os suppostos enganos novos pactos de affecto. Revelam nos mutuos gracejos a feição do seu paiz natal, de Traz os Montes, e nas almas, como a limpidez do seu paiz, a pureza da lealdade.

Exemplo formoso, a um tempo lição para a infancia e gloria das mães que souberam comprehender a sua nobre missão.

Se o leitor já teve a felicidade de frequentar as localidades especiaes de banhos, de aguas ou de outros medicamentos, ha de ter notado que o refri-

gerio dos doentes é contarem uns aos outros a sua historia.

Dava vontade de rir o estar ouvindo nos diversos grupos cada um dos martyres.

Um brazileiro, depois que andava doente, consultava cada dia um doutor. O doutor receitava-lhe um remedio. O remedio não o curava, que fazia elle? Outro doutor e outro remedio. Já tinha perdido a conta dos doutores e dos remedios.

—Ainda não foram capazes de atinar com a minha molestia, dizia elle.

—Pois a mim é diverso, retorquiu outro. Eu tambem consulto os medicos todos, mas dá-se uma particularidade: cada um dos doutores me diagnostica uma doença nova. Cheguei-me a persuadir de que tinha dentro em mim todas as doenças do genero humano.

Queixa não menos curiosa apresentava outro. Um dia foi correr mundo para consultar os medicos estrangeiros. Cada um lhe dizia sua cousa, e cada ensaio de medicamento lhe fôra nova catastrophe. Tinha principiado com uma doença, e agora achava-se cheio d'ellas. De repente largou-os a todos.

—Porque? Perguntaram-lhe d'ali.

—Porque os ultimos medicos me declararam que

dos medicamentos receitados pelos primeiros é que eu estava doente.

Outro estabeleceu este argumento: A mim disseram-me que já me não curavam, porque as doenças se me tinham tornado chronicas; mas se elles me tivessem curado logo ao principio das doenças agudas, como é que ellas se me teriam tornado chronicas? Chronicas m'as fizeram elles.

E n'este mesmo teor proseguiam e desafogavam as suas maguas aquelles proprios que na proxima doença ao verem entrar o medico hão de acreditar que lhes apparece o anjo salvador. E a ladainha d'elles continuariamos a ouvir, se nos não chamasse para outro lado uma originalidade de boa feição.

Habitavam em povoação proxima dois irmãos; morgado e filho segundo. Este, sem vintem. Certa madrugada o morgado entra no quarto do irmão, e acorda-o de repente.

—A estas horas? Pergunta o irmão todo estremunhado.

—Levanta-te, acudiu o morgado; acabas de ganhar cem contos de réis.

—Como cem contos de réis?

E abriu os olhos assombrado, como se despertasse de um sonho.

—Cedo-te á minha casa, disse o morgado.

O irmão deu um pulo, e, sem saber como, achou-se no meio do quarto.

—Repito-te, cedo-te a minha casa, e reservo-me apenas uma parte minima. Não tenho paciencia para a administrar.

E cedendo-lh'a effectivamente, andava de terra em terra entretendo-se «a matar o tempo».

D'estes morgados não ha lá por Lisboa.

Originalidade é, mas ainda ha em Vizella originalidade maior.

Quem diria á poetica aldeia que dentro de si não poderia abrigar amores? Aqui não baterão suavemente os corações, os rouxinoes não cantarão hymnos de amor aos namorados, nem as aguas do formoso rio murmurarão affectos aos que se podessem estremecer.

Não se admirem.

O passeio principal da pittoresca aldeia, o passeio da moda, é a *Lameira*, e toda a gente assim lhe chama. Ora digam se ha amores que resistam ao *esfriamento*, que de certo receberia um apaixonado quando ao perguntar á querida de sua alma:

— Ó filha, onde te poderei encontrar á tarde?

Lhe ouvisse responder:

—Na Lameira, meu amor!

Mas se não ha namorados, ha casadinhos de fresco.

Eu que o diga, que tive a felicidade de ficar entalado entre dois quartos que lograram a ventura de os possuir. Por um d'estes contrastes que ha no mundo, os noivos de um lado roncavam toda a santissima noite, os do outro lado incommodavam-me exactamente pelo opposto: levavam a noite a conversar, a arrulhar como dois pombinhos.

No meio d'estes extremos, eu, sem ter com quem resonar, nem a quem arrulhar, lastimava a desgraça de me achar solteiro.

CAPITULO III

A TIA JOSEFA

A grande figura do hotel *Cruzeiro do Sul* é a tia Josefa.

Lá anda ella, com os seus cincoenta e dois annos, ou antes, segundo a sua phrase official, com os seus quarenta mais doze; figura meã, trigueira, córada, nervosa. Quanto à hora de preparar o banho para a gente, a prometter a todos com os labios que ha de ser muito cedo, e a dizer de si para si que ha de ser tarde. Afóra esta restricção mental indispensavel, sem francesismos, coração de pomba, com as lagrimas promptas onde vê a desgraça, uma portugueza dos quatro costados. Sua saia de chita, roupinhas, lenço na cabeça, e por uma logica vedada aos profanos, de chinellas calçadas quando está no hotel, e descalça quando sáe à rua para dirigir a sua cohorte.

Mas porque é a tia Josefa a grande figura do hotel? Eu lhes digo.

Os banhos tomam-se unicamente em seis tinas. Ora em vez de ser encanada a agua sulphurea desde as nascentes para o hotel, a fim de se darem os banhos a todos os hospedes, vae-se buscar a agua ás nascentes, não em pipas, ou mesmo em barris, mas em bilhas de folha, á cabeça de sete raparigas e rapazes!

Esses maltrapilhos e descalços, o Antonio, o Francisco, a Anna, a Rita, a Maria, e mais duas (a quem peço perdão de me esquecer dos seus nomes) é que formam o batalhão aquatico da tia Josefa, creada original que tem a seu cargo a pasta dos banhos. Para cada um d'esses muitos banhos diarios se ha de encher e despejar a tina.

É então, desde a uma ou duas horas da madrugada até á noite, a faina da tia Josefa. No meio do corredor, entre as quatro portas dos quartos onde estão collocadas as tinas, a tia Josefa tem a habilidade de presidir simultaneamente aos preliminares todos, como Izabel de Inglaterra que dictava ao mesmo tempo umas poucas de cartas. A tia Josefa não logra a ventura de ser soberana de Inglaterra, mas tem a gloria de ser a princeza do *Cruzeiro do Sul*, de quem todos desejam uma graça, e a quem todos pedem um

sorriso para lhe fazer a bôca doce, e ella lhes dar o banho cedo.

— Ó Maria! agua quente para este banho, grita com todas as forças dos pulmões a tia Josefa para a mais pequena do seu batalhão. — Agua fria para este, Rita. Vossês são os meus peccados, demonios! grita ella ao mesmo tempo para os rapasolas, muito bem repimpados, sem fazerem nada. — José, olha a torneira d'aquella tina que está aberta. Aquella tem agua de mais, Antonio; vá, vá, mais agua... aviar... aviar...

E lá vae outra vez, e outra, e cem vezes, toda aquella malta pelo pateo fóra até á praça, buscar mais agua; e ella, a nervosa, a invencivel, de um quarto para outro quarto, de uma tina para outra tina, já com o lençol para um, já com a toalha para outro, com dois thermometros disparatados, um a noventa e seis graus, outro a oitenta, para certificar os hospedes da temperatura em que desejam tomar o banho, quando a atmosphera já alterára os thermometros; e muitas vezes com tudo isto milagrosamente junto, um sorriso de envolta com uma praga, um affago confundido com uma lamentação, a dirigir a sua faina, e a faltar a quasi todos quanto á hora do banho, exactamente por não querer faltar a nenhum.

A questão é esta. Querem os hospedes tomar o banho antes do almoço, sendo aliás as tinas inferiores ao pedido. Bem almeja a tia Josefa por fazer o milagre dos cinco pães e dois peixes, mas, pobre mortal, não lhe é dado realisar o milagre. Que faz então a tia Josefa? Como não póde, trapaceia. Quando chega o hospede a quem ella tinha promettido o banho para as sete horas, acha fechada a porta. Que succedêra? Fôra outro hospede que havendo observado um banho já prompto, se atirára para dentro d'elle um quarto de hora antes. O hospede roubado, encontrando fechada a porta, invoca o seu direito e a promessa da tia Josefa. Debalde. A tia Josefa quer ficar bem com gregos e troyanos, por um motivo que lá sabe, e que o leitor facilmente adivinhará.

Commigo mesmo se deu um exemplo.

Tinha-me cedido a hora do seu banho o meu amigo D. Luiz da Camara Leme, e era a das sete da manhã. A tia Josefa sellára o pacto com a sua palavra, e eu ficára descansado, confiando na palavra honrada da grande mulher. *La donna é muobile,* verdade seja; mas eu tinha em tanta conta a immobilidade da tia Josefa, que a suppuz excepção á regra universal. Pois enganei-me de meio a meio. A tia Josefa caiu aos r ambulhões pela escada abaixo do meu conceito.

Confiando na palavra da tia Josefa apresentei-me ás sete horas em ponto para o meu banho. Ía a entrar para elle, quando a tia Josefa, despregando o seu eterno sorriso envergonhado e malicioso da traiçoeira desculpa, me diz com a meia voz de quem não deseja dizer nada:

— Não sei o que hei de fazer! O sr. Miguelzinho é que vem agora tomar banho...

— O banho! respondi-lhe eu indignado. Pois o sr. D. Luiz da Camara não me cedeu a hora?

— Eu já não sei, eu já não sei, balbuciou a tia Josefa. São os meus peccados! Faça o que quizer...

— Ou o tomo, retorqui-lhe eu, ou mudo-me já para o hotel do Padre.

Á palavra fatidica *hotel do Padre,* a tia Josefa, como que assombrada, abriu-me a porta do banho, e bradou-me com desesperada resolução:

— Entre e tome.

Caí das nuvens. Confesso que imaginava tudo, menos que a palavra hotel do Padre produzisse sobre a tia Josefa o effeito de um raio. É que a tia Josefa quer tudo, comtantoque não perca os banhistas do hotel do Cruzeiro.

O mais curioso de tudo foi a scena que se succedeu a esta.

Momentos depois de eu já estar no banho senti chegar o senhor Miguelzinho, e ouvi ao mesmo tempo, no dialogo, as desculpas que a tia Josefa lhe dava.

Tudo quanto a tia Josefa, no corredor, me dissera a mim a bem do meu direito, era exactamente o que dos labios da tia Josefa e no mesmo sitio estava escorregando a favor do direito do sr. Miguelzinho. Desatei a rir dentro da tina e decifrei o enigma. A tia Josefa tem sempre o mesmo discurso preparado para todos, sempre as mesmas desculpas do dia actual, sempre as mesmas promessas para o dia seguinte, sempre o mesmo sorriso para o paciente, e, quando este lhe vae a retorquir contra a injustiça, sempre o mesmo ralho maliciosamente ensaiado para algum dos seus innocentes ajudantes, fingindo que este commetteu algum crime aquatico, e sem temor de reclamação, porque o ajudante já lhe sabe da tramoia.

Não vão imaginar por isto que a tia Josefa deixe de ser o coração mais affectivo que ha. Ninguem é capaz de se interessar tão devéras como ella pelos seus doentes. Dizerem-lhe que algum d'elles não vem n'aquelle anno, porque melhorou, é darem-lhe a noticia mais agradavel, apesar de prejudicial aos seus interesses. Onde correm lagrimas, lá se vê a tia Jo-

sefa, lacrimosa tambem; quando ouve narrar alguma acção caritativa, lá lhe está entre os labios aquelle sorriso bondoso. Toda ella então é sinceridade, toda ella este grande coração, que não ha em povo nenhum do mundo como no povo portuguez. Com os filhos é que é impagavel. Tem levado a vida a amá-los por entre sacrificios de sua propria pessoa, e conjunctamente a moe-los com uma *acha,* litteralmente com uma *acha,* segundo fama publica. E todavia são já crescidos os trolhas. Trolhas, não retiro a palavra, porque um dia querendo fazer a bôca doce á tia Josefa, perguntei-lhe pelos filhos pedreiros, e a tia Josefa, abrindo os olhos indignada, respondeu-me que os seus filhos eram trolhas e não pedreiros livres; severo castigo da minha civilidade, porque eu evitára exactamente a palavra *trolha* suppondo que assim agradaria mais á tia Josefa.

Frenetica, até ali! Quando vê que a sua gente vem chegando morosamente com as bilhas, agora um... logo outro... d'ahi a pouco outro... a tia Josefa, toldando-lhe a fronte a nuvem do frenesi, qual intrepida guerreira que vê o seu exercito em debandada, corre a todos, junta-os, exhorta-os ou descompõem-nos, e apoz a falla, pega n'uma bilha, brada que a sigam á nascente, lá vae pelo pateo fóra na frente

d'elles, e pouco depois vê-se regressar a cohorte compacta, lesta, com as bilhas á cabeça, trazendo na frente a tia Josefa, toda radiante de gloria.

D'ali por diante já ninguem a percebe, sempre a rosnar, de um lado para o outro, com aquella lingua de trapos. A grammatica lá lhe está no pensamento, mas os profanos só lhe ouvem pronunciar palavras descosidas. *Lençol*... por exemplo, é o lençol de um banhista que lhe tinha a ella esquecido no quarto de outro banhista. *Esteira*... são as esteiras que ella vê ainda molhadas de mais, para dar ao banhista que vae chegar. E assim por diante. Ninguem é capaz de decifrar, senão a tia Josefa, aquella rosnadella, que aliás segue a ordem logica de um livro no cerebro da grande mulher, e sobre o seu batalhão vae lançando ao mesmo tempo os ralhos de envolta com as pragas; mas o batalhão, silencioso e indifferente, deixa troar a artilhoria, conhecendo que não é o coração, mas os labios da sua commandanta que lh'a disparam.

É a tia Josefa o avêsso dos banhos de Vizella.

São elles indicados para os doentes de rheumatismo, de intestinos e de pelle. A tia Josefa, a preparadora dos banhos, tem a particularidade de não estar isenta das tres molestias. Aquella que resuscita todos os annos com a vara magica das suas bilhinhas de fo-

lha tantos doentes, deixa-se ficar impassivel á beira do remedio das suas proprias doenças.

Um dia, vendo-a preparar os banhos toda a gemer, disse-lhe eu:

— Ó tia Josefa, quando tiver prompto algum d'esses banhos para os outros, porque se não mette n'elle? Talvez lhe faça bem.

— Ora essa! respondeu a tia Josefa, isso é bom para vossês. Eu tenho lá tempo!

Ó grande tia Josefa! Tu ou és a rainha das parvoas, não furtando cada dia para ti um dos innumeraveis banhos que preparas para os hospedes, ou a rainha das victimas, levando a tua virtuosa abnegação ao ponto de preferires padecer a privar os outros do bem que te restituiria a saude. Qual d'estas duas cousas tu és, não sei; o que sei que tu és, alem da mais extremosa das almas e da mais engraçada das inimigas, é a ironia viva, palpitante, a grande ironia do grande remedio.

CAPITULO IV

ASSOMBRO DOS SURDOS-MUDOS DE GUIMARÃES

I

Estava terminada a estação de Vizella. Era partir para Guimarães.

Acompanhavam-me Lopo Vaz e Antonio de Mello.

Levantámo-nos ás cinco horas da manhã, hora que só o demonio inventou para se fazerem jornadas. Ultimámos os nossos preparativos, fingimos que almoçámos, e fomos dar um abraço de despedida á tia Josefa, que já se achava, guerreira intrepida, no campo da batalha dos seus banhos.

Ao entrarmos no *char-à-bancs* Lopo Vaz teve dó de que o seu preto Antonio fosse á torreira do sol, e perguntou-nos se haveria duvida em o admittirmos dentro.

—Venha o Antonio, venha o Antonio, bradámos nós ambos, sabendo que lhe davamos um alegrão.

O preto subiu, lançando-nos rapidamente um olhar sublime de agradecimento, e tingindo-se-lhe o rosto de uma tinta, que, se podesse romper francamente a negrura das faces, lh'as tornaria n'um pimentão.

Querem agora saber o resultado do bom coração de Lopo Vaz? É que o preto adorava-o. Quando olhava para elle, olhava com a ternura de uns olhos em que punha a alma. Um dia, em Vizella, fomos dar com o preto a chorar. Era porque o amo n'aquelle dia estava com um ligeiro incommodo de garganta. Meu Deus! que revolução não faria n'este mundo o amor, se a humanidade o entendesse!

Entre, pois, para o *char-à-bancs* o bom do preto, que póde dar lições a brancos.

Partamos.

Deixemos a formosissima aldeia n'este ultimo dia do mez de julho, que se despede com um brilho esplendido, vamos admirando esta vegetação soberba que se estende de um lado e de outro, mostrando-nos á direita as cordilheiras, que, rompendo-se de espaço a espaço, nos deixam ver, para alem dos intervallos que as rompem, quadros formosos e variados, afigurando-se-nos vistas de theatro, pela encantadora rapidez

com que apparecem, desapparecem, e tornam a apparecer, e tornam a desapparecer.

Íamos na contemplação d'aquella belleza phantastica e luxuriante, que assim é todo o caminho desde Vizella até Guimarães, quando apitos furiosos, como os da manobra de um navio, nos vieram ferir os ouvidos, que tão dulcificados iam com aquelles sons vagos e mysteriosos da natureza.

Olhámos todos para traz.

Uma *americana*, a toda a brida, vinha sobre nós; e dentro d'ella um homem, de pé, todo elle raiva, apitava furiosamente, bradando para os camponezes:

—Façam parar esse carro; pára, pára, agarra, que não pagaram a conta no hotel; agarra, que levam roubados todos os trastes exquisitos que lá poderam pilhar; agarra, agarra, agarra...

Os camponezes como que intentaram correr para nós, mas o nosso carro ia no passo ordinario de quem não quer fugir, e em nossos rostos transparecia tão ao vivo a innocencia, que abaixaram as foices, e, com a delicadeza da população minhota, tiraram-nos os chapéus, com grande escandalo do nosso feroz perseguidor, que, apesar d'isso, continuava a gritar como um possesso: «Pára, pára, agarra...»

Olhámos, cada vez mais admirados, e que vimos?

Vimos Guilherme Cossoul, o grande artista, que tantas vezes nos tem deliciado as almas com os primores do seu violoncello, o homem sério em se tratando de cousas sérias, e o mais desaforado brincalhão quando está no seio da amisade.

Era uma surpreza. Cossoul, o nosso alegre companheiro do hotel de Vizella, e de quem na vespera á noite nos despedíramos, apesar de quasi entrevado ainda, dava-nos a alegria de o vermos o mais inesperadamente possivel no nosso bota fóra até Guimarães.

Quando a nuvem passou por nós n'aquelles gritos, fomos nós então que lhe bradámos: «Pára, pára», com o fim de o recebermos no *char-à-bancs;* mas elle, sem caso fazer dos nossos brados amigos, gritando ao seu cocheiro que não moderasse a corrida, sempre de pé, e com o apito na mão, exclamava desesperado para nós:

— «Sáfa, sáfa, ladrões; cá vou para Guimarães prevenir as auctoridades. Não hão de escapar, mariolas.» E a *americana*, tomando-nos a dianteira, desappareceu com o engraçado Cossoul, como se esvae um sonho.

Rimo-nos todos. Quem lhe não acharia pilhas de graça?

Chegado a Guimarães, e emquanto não ía dar parte, ás auctoridades, dos communistas que estavam para chegar ao berço da monarchia, Cossoul esperou por nós, hesitando entre a estalagem da Joanninha, nome sympathico, mas a peior pousada da cidade, e a estalagem do sr. Gaita, nome detestavel, mas a enxovia mais afamada. Hesitava por nossa causa, porque, faça-se justiça a Cossoul, elle preferia trinta Joanninhas detestaveis a um Gaita adoravel.

D'ahi a pouco chegámos, apeámo-nos, grande riso, maiores abraços e fomos para o sr. Gaita.

Dizemos, de caso pensado, para o sr. Gaita, e não para o hotel do sr. Gaita. De feito, o sr. Gaita honrava os fóros do berço da monarchia, tendo-se esquecido de morrer, elle e a sua pousada, desde o nascimento de D. Affonso Henriques até ao mez de julho de 1873.

Em todas as terras ha hotel, e chama-se hotel á casa que recebe hospedes com certa limpeza. O sr. Gaita, por espirito de nacionalidade, rejeitando todos os francezismos da moda e todas as limpezas do mundo, achou pouco patriotico o pomposo nome de hotel, e conservou-lhe o titulo nacional de hospedaria, como lhe chamava ainda hontem no tempo do fundador da dynastia affonsina.

II

Saímos para visitar o celebre templo da Senhora da Oliveira, fundado no anno de 927 por D. Mumadona, viuva do conde Hermenegildo, reedificado por D. João I em memoria da batalha de Aljubarrota, restando ainda intacta a formosa janella gothica, toda ella caprichosa phantasia de preciosos arrendados. Vimos a pia em que a tradição revela ter sido baptisado D. Affonso Henriques, e na praça do templo, entre as grades, a oliveira que recorda a da lenda.

Fomos á misericordia, aos templos de S. Francisco e de S. Domingos, aos grandiosos restos do palacio dos duques de Bragança e á moderna e desafogada praça do Toural, coração da cidade. Impediu-nos o ardente calor de ver as ruinas do castello em que nasceu o nosso primeiro rei.

O assombro porém que esperava por nós em Guimarães era a escola dos surdos mudos.

Certo dia um ministro, que tinha a seu cargo a instrucção publica d'este reino, lembrou-se de abolir as escolas normaes, quer dizer, de esmagar a verdadeira semente de educação e instrucção da sua patria. Se Portugal vivêra quasi oito seculos sem escolas nor-

maes, não podia muito bem continuar a viver sem ellas?

Mezes depois entrava em casa do humilde escriptor d'estes apontamentos um dos mais dignos professores da abolida escola normal de Lisboa a despedir-se para Guimarães.

—E o que vae fazer para Guimarães? perguntava-lhe eu, espantado de que os poderes publicos de Portugal perdessem uma das raras especialidades do ensino pelos methodos modernos, a unica especialidade no ensino dos surdos-mudos; e entristecido de ver a miseria a que se reduziu a educação d'este povo.

—Vou abrir um collegio para os surdos-mudos.

—Pois vá, respondi-lhe, e salve os surdos-mudos, já que o expulsam de salvar os que ouvem e fallam.

Abraçámo-nos. Elle partiu, e eu, confesso, passei mal todo esse dia.

Aquelle homem era em Portugal um dos raros que possuiam a verdadeira sciencia do ensino infantil. Amava a regeneração da escola pelo amor. Dera na escola normal as provas mais cabaes de um espirito de observação admiravel, de um immenso adivinhar a intelligencia das creanças e o labyrinto dos segredos d'ellas. Fanatisava-o o desbravar espiritos incultos pelo emprego dos methodos intuitivos. Sacerdote

de Jesus, tinha gravado na alma o preceito do seu mestre: «Ensinae os ignorantes pelo affecto e pela graça». Havia-se applicado principalmente ao invento de melhoramentos novos para o ensino dos surdos-mudos. A sua alma nutria a grande ambição de arrancar ao abysmo as creanças abandonadas áquelle inferno, e o seu trabalho bradava-lhe á consciencia: «Hei de realisar o intento».

Grande homem e grande idéa.

Este era o homem que fôra lançado á margem. O precito fugiu como se devia fugir de Sodoma abrasada.

III

Passaram-se tres annos e meio. O sr. Pedro Maria de Aguilar (porque é o padre Aguilar o grande professor) foi a Vizella pedir-me que não deixasse de passar por Guimarães para visitar o seu collegio de surdos-mudos. Elle proprio me queria obrigar pela palavra. Desnecessario. Estando no Minho, a iniciativa de lá ir seria minha; mais do que iniciativa, ancia.

Ás dez horas da manhã, depois de vermos as curiosidades de Guimarães, que mencionámos, encaminhavamo-nos para o collegio dos surdos-mudos do padre Aguilar. Íam tambem Lopo Vaz, Antonio de

Mello, Guilherme Cossoul, e encontravamos lá o sr. Frontino de Campos, distincto director do asylo da infancia desvalida, e o sr. João Pinto de Queiroz, intelligente redactor da *Religião e Patria*.

Informado estava eu de que ía presenciar muito, mas o que não sabia é que ía assistir a um assombro, e passar um dia de lagrimas, d'aquellas lagrimas que não chegam aos olhos, porque as suffocam sorrisos.

Ali está o surdo-mudo.

Que admiração lhe não deve ser, quando em pequeno, ao acordar-lhe o anceio de ouvir e de fallar, não podér fallar nem ouvir!

Como se lhe não contrahirá o coração quando sentir a necessidade de amar, e não podér ouvir a palavra mais doce da vida: «Amo-te?»

Que tristeza lhe não será quando comprehender que todos são felizes em roda d'elle, e que só elle o não é? Como não perguntará á Providencia, com a linguagem triste da sua alma: «Senhor, porque me fizeste surdo-mudo?»

Pois todos hão de ouvir, menos elle, o doce murmurio das fontes? o magestoso bramir do mar? os desatinados cantos dos rouxinoes? as mil vozes da natureza toda?

Só elle não ouvirá a sublimidade do *Trovador?* o tercetto do *Guilherme Tell?* o quarto acto da *Favorita?* aquella peça despedaçadora que se chama o final da *Norma?*

Não lhe hão de chegar ao coração as melodias de Bellini e da apaixonada musica italiana? a graça da musica franceza? as magestosas harmonias da allemã?

Não poderá deliciar-se nos discursos dos grandes oradores do seu tempo, nem lançar vagas de eloquencia ás turbas absortas, se a sua alma sentir em si a tempestade da inspiração?

Pois fallam os céus, fallam as ondas, fallam os homens, e só não falla *aquelle* homem, que tambem é filho da natureza, e que da natureza recebeu tambem um coração que sente, que aspira e que adora?

Todas as carreiras estarão abertas para todos, e só para aquelle misero não se abrirá carreira nenhuma, sentindo a ambição de a possuir? Todos poderão, com o seu trabalho, fundar uma familia, ter uma doce companheira na vida, dar o ser a creanças que lhes mitiguem dores e lhes inspirem sorrisos, e só aquelle desherdado não poderá (por falta de meios) instituir uma familia, nem ver creancinhas no seu collo a mitigar-lhe com beijos a desgraça? Pois o mundo que elle

sente dentro da alma não será senão um deserto para o seu espirito sonhador? Pois aquella consciencia ficará fechada para tudo quanto é justo, bom, verdadeiro e bello? Pois aquelle espirito viverá de trevas no meio da luz que alumia a natureza inteira?

Não.

Se assim foi por muitos seculos, não o ha de ser hoje. O surdo-mudo ouvirá e fallará em virtude da amoravel lei do progresso. Elle, que se julgava um reprobo, poderá elevar-se á altura de todos os homens, seus irmãos. Se para os que ouvem e fallam, a instrucção é uma necessidade, para os que não fallam nem ouvem é uma resurreição. Elle, que se reputava um morto no meio da vida, verá formosa a vida que julgava tão feia; communicará com os outros; sentirá descerrarem-se-lhe os ouvidos e ouvir, desencadearem-se-lhe os labios e fallar. Elle, que padecia o supplicio de Tantalo, sentirá tambem os sequiosos labios approximarem-se da vida, do amor, do trabalho, da familia, e beberem a largos tragos todos esses bens. O desamparado de tudo conhecer-se-ha homem e tocará na felicidade.

Mas como se fará a resurreição?

Estamos á porta. Não temos mais do que subir.

Subamos.

IV

Um enxame de rapazinhos de sete a quinze annos, alegres, risonhos, buliçosos, como se de alguma festa se tratasse, esperada com o alvoroço d'aquellas idades, rodeando o padre Aguilar, esperava-nos á porta.

No momento de nos verem chegar, correm todos para nós como se nos conhecessem havia annos, uns estendem-nos as mãos, outros abraçam-nos, outros conchegam-se-nos com affecto, collocam-nos no meio d'elles, quasi que nos querem levar em triumpho; e, note-se, isto de mais a mais n'uma quinta feira, feriado semanal que nós lhes íamos roubar. Enternecia o ver todo aquelle ninho a sorrir-se tanto por entre a desgraça da sua sorte.

Foi extraordinario o espanto de nós todos a uma tal recepção. Chegando á sala, Aguilar mandou-os para as aulas dispor tudo para os exercicios. Os surdos-mudos obedeceram e saíram.

—Padre Aguilar—disse-lhe eu—decifre-me este enigma. Quando visito uma escola de cégos, um hospital de doudos, um receptaculo qualquer das infelicidades humanas, entro incommodado por saber que vou presenciar sempre rostos tristes, e almas que pa-

decem. Tomado d'esta impressão vinha para aqui, n'isto pensava pelo caminho, esperando encontrar uma escola de tristes; mas que surpreza não é a minha vendo estes pobres mudinhos tão alegres, sem traços de afflicção nos rostos, nem melancholia nos olhos!

Aguilar bateu as mãos enthusiasmado, todo se remexeu na cadeira, e riu-se.

—Esse é o grande segredo—respondeu elle—o segredo da grande regeneração. Sabem porque os encontram assim alegres e felizes quando a sua immensa desgraça os deveria tornar sombrios? É o milagre da instrucção. É porque educados e instruidos, consideram-se grandes, elevados pelo seu estudo e trabalho ao nivel dos que ouvem e dos que fallam, ao nivel da humanidade, iguaes a nós todos, e sem o antigo rebaixamento. Com a intelligencia apurada, e com a alma em anceio, antevêem já uma familia, um futuro (que aliás não poderiam ter); é como se ouvissem dizer aos seus ouvidos que ouvissem e aos seus labios que fallassem. Por isso, o maior prazer que lhes podem dar é virem visita-los, verem-nos ler, escrever, contar, compor, discutir entre si, e com os visitantes. Esquecem-se então da sua desgraça com a alegria de a verem reparada. Aprendem com a ancia do captivo que intenta conquistar a sua liberdade!

Como se póde crer, a nossa curiosidade e interesse augmentavam cada vez mais.

O padre Aguilar foi lá dentro, e d'ahi a poucos momentos veiu dizer que podiamos entrar.

V

Entrámos á grande sala do trabalho.

Encontrámos os alumnos divididos em duas classes, a primeira dirigida pela sr.ª D. Joanna Innocencia Pereira Barbosa do Lago, sympathica e intelligente sobrinha do padre Aguilar; a segunda classe, a dos mais adiantados, por seu irmão o sr. Elyseu Pereira de Aguilar, mestre já tambem na especialidade.

Estavam todos a seus postos, anciosos, penetrantes, vivos, com aquelles olhos prescrutadores dos mudos, com a soffreguidão com que entrassem n'uma batalha, que elles quizessem a todo o custo vencer.

Lá se via Affonso Marques, de quinze annos, apenas com vinte e oito mezes de escola, e já official typographo; tambem já typographo Alexandre Marques, de quatorze annos; e Antonio Pereira, folgasão, sempre a rir e espertissimo; e o mimoso Augusto Umberto; e José de Castro, creança de dez annos, o primeiro da

escola, tão vivo, com tanto talento, e tão delicadinho que lhe pozemos o nome de nervoso, suffocando-se todo quando se equivocava, radiante quando, ao vê-lo brilhar, lhe batiamos as palmas.

Principiou a sessão conversando, por mimica, a professora com elles, e elles uns com os outros.

N'este ponto ha uma novidade curiosa. Nunca lhes foram impostos signaes do alphabeto pelos dedos, systema ainda hoje na Europa geralmente usado. Não é o professor que decreta a linguagem mimica, mas os proprios mudos é que estabeleceram os signaes da conversação, conforme a propria rasão lh'os indicava. Instituiram a sua linguagem, natural, espontanea, e os mestres foram-na recebendo, desprezando as theorias dos signaes methodicos, pouco racionaes. Os mudos, que vão entrando para o collegio, são obrigados a acceitar a linguagem official. Mas o que tem graça é que, se os de dentro encontram na linguagem dos recem-chegados alguns signaes que lhes pareçam mais significativos, substituem os seus por esses, para logo os acceitam liberalmente, e dão-lhes o direito de cidade. D'esta maneira têem feito na sua colonia uma linguagem sublime, filha da natureza, introduzindo o director com este systema uma innovação racional.

VI

Passaram então aos primeiros exercicios. Disseram-nos na grande pedra a tabuada, contaram todas as especies de dinheiro, realisaram as operações arithmeticas com todas as suas provas, e alguns resolveram problemas do uso da vida. O systema, alem d'isso, comprehende os principios da educação moral, da idéa de Deus, da immortalidade da alma, da familia, da sociedade, dos direitos e deveres. Os mais adiantados tambem escreveram.

Todos os exercicios eram acompanhados da explicação dos methodos, dos apparelhos mechanicos, dos milagres, direi melhor, por meio dos quaes o professor chega a estes resultados; e não menos acompanhados eram de sorrisos, de peripecias, de engraçados incidentes. Quanto mais applaudiamos os mudos, mais vida davam elles a tudo. Era em verdade uma scena admiravel. Não enthusiasmava só, commovia.

E não commovia unicamente pelo brilho da execução, como ainda mais pela alegria em que viamos todos aquelles desgraçados por nos mostrarem que se estavam regenerando.

Antonio de Mello andava absorto, Cossoul dizia-nos

que lhe produzia o effeito de uma opera composta da musica de todas as boas operas; Lopo suppunha que depois de uma tal maravilha já não poderia ali presencear mais nada que o admirasse; Aguilar, vendo aquella impressão geral, levantava os oculos para a testa, e outras tantas vezes mettia as mãos pelos cabellos; o sobrinho ia de uns para os outros; a sobrinha sorria-se para aquellas creanças que eram como filhas do seu affecto. Os pequenos, radiantes, cada um na sua faina, lançavam-nos os differentes resultados das experiencias, como estrellas que nos passassem por diante dos olhos. Corria ali, n'aquella festival manhã, a doce vida do amor. O espirito de Deus bafejava aquelle recinto, infiltrando-se no coração de todos nós, creanças, mestres e visitantes.

Seguiu-se um intervallo para descanso das creanças e apreciação geral.

VII

Passado o intervallo, a classe mais adiantada, entrando em scena, apresentou um assombro novo.

Tratava-se da difficuldade mestra, da *linguagem*, isto é, da manifestação do pensamento por palavras.

O surdo-mudo não falla, porque não ouve. Isolado no silencio em que a surdez o retem, não sabe a lin-

guagem usual, e ignorante ficaria d'ella muito tempo, ainda mesmo que a surdez lhe desapparecesse repentinamente, como nós tambem o ficariamos ao chegarmos a uma nação cuja lingua nos fosse completamente desconhecida.

Não basta, pois, que o surdo-mudo saiba escrever, porque a escripta é só um meio, um instrumento; é necessario, alem d'isso, que aprenda (com o escrever) a exprimir os seus pensamentos pelas palavras de que usâmos, a coordenar os vocabulos como nós os coordenâmos, e é n'isto que está a grandissima difficuldade do ensino dos surdos-mudos.

Para elles conseguirem devassar este novo mysterio da linguagem, lamentavam os especialistas estrangeiros o não se poder dar, nos exercicios, á palavra escripta a mesma *fugitividade* ou *fluencia* que tem a falla. O grande invento n'este genero realisou-o o padre Aguilar por meio dos processos praticos para se conseguir aquelle resultado.

É d'este modo, e pedimos attenção, que facil é o comprehendê-lo:

As orações não se lhes apresentam na grande pedra já construidas grammaticalmente. Pelo contrario, escrevem-se em diversas columnas nomes, verbos, conjuncções, como materiaes dispersos, para os mu-

dos construirem as orações necessarias. As palavras estão lançadas na pedra para as irem empregando no dialogo por meio dos ponteiros, como estão idealmente no nosso cerebro para usarmos d'ellas com os labios. Dado o signal, cada mudo vae designando rapidamente com o ponteiro as palavras de que usariamos fallando, e trava-se então entre elles não só um dialogo, mas ás vezes uma conversação, e tão fluente que raros são os visitantes que a possam acompanhar.

Exporemos um dos muitos exemplos que presenceámos.

O director tinha mandado a um dos mudos que fosse buscar um copo de agua. O mudo foi e voltou. Os outros mudos commentaram na pedra, grammaticalmente, e com a fluencia da nossa palavra, o facto que o primeiro mudo realisára do copo de agua buscado, trazido e offerecido a quem tinha sêde.

Em duas palavras: o ponto capital do invento é o explicar a grammatica pela acção, pela vida, conversar como nós.

Foi, de todos os exercicios, o mais assombroso, a scena magistral.

Era este o grande campo da batalha dos surdos-mudos, e elles bem o sabiam. Os dois Paixões, Antonio Pereira, o folgasão, José de Castro, o nervoso, en-

thusiasmados, irrequietos, operavam maravilhas. Sentiam-se os ponteiros ferir na pedra cada uma das palavras com a rapidez do relampago. As formulas faiscavam. Antonio, se se equivocava, levava desesperado a mão á cabeça. Se quem se equivocava era o nervoso, todo elle estremecia. Quando lhes saía bem, os olhos chammejavam-lhes e cravavam-se em nós. Achavam-se ali combatendo em luta gloriosa, e conquistando a victoria. Nós outros estavamos enleados.

Dirigia-os o ajudante. Aguilar, assentado junto á pedra, dava apenas alguma explicação indispensavel.

Foi no meio d'estes exercicios, uma das maiores glorias do notavel pedagogista, que, olhando de repente, vimos uma scena que pinta a escola dos surdos-mudos do padre Aguilar. Como se disse, n'esta segunda parte só trabalhava a classe mais adiantada. Pois bem; os outros mudinhos, levados da novidade que ali reinava n'aquelle dia, foram-se chegando instinctivamente, por um modo natural, para o seu director, e n'um momento achou-se o padre Aguilar rodeado dos seus pequeninos mudos, que, fitando os olhos muito abertos na pedra em que a primeira classe trabalhava, se tinham ido collocando, dois nos joelhos de Aguilar, um com a cabeça encostadinha ao hombro d'elle, outro inclinado nos braços da cadeira,

ainda outro dava-lhe um beijo na testa; os restantes em volta, e, em vez de tristonhos e aborrecidos parecerem automatos pregados nos bancos a olharem de revés para o professor com medo da palmatoria, estavam todos, como filhos d'aquelle terno pae, como amigos d'aquelle grande amigo, sorrindo-se para elle, ameigando-o, amando-o, e, sem o pensarem, formando ali um grupo divino. Era o grupo da *Educação* divinisado pelo progresso.

É que nas escolas de amor, como a do padre Aguilar, educado á luz dos grandes principios do ensino pela alegria e pelo coração, a escola é um centro de familia, um verdadeiro prazer, e por isso os pobres mudos festejavam com os seus sorrisos infantis e abençoavam com os seus abraços innocentes aquelle de quem diariamente recebiam a sua regeneração; por isso lhe pagavam com progressos milagrosos. Ah! era um grupo aquelle, cuja significação meiga fazia rebentar as lagrimas dos olhos.

VIII

Não ha cousa mais fatal do que um relogio. Tinhamos de partir. A hora arrancava-nos d'ali á viva força.

No entretanto, se não podémos ver todos os pro-

cessos, ao menos traziamos uma idéa geral d'aquella obra portentosa.

Não se pense que estes prodigios se obtêem assim em todas as escolas de surdos-mudos da Europa. Ha pouco chegava a Guimarães uma familia brazileira com um filho mudo. Visitára os collegios principaes da especialidade nas nações mais adiantadas, e tão maravilhado ficou o pae com os resultados que presenceou no collegio do padre Aguilar, que ali queria logo deixar o filho, se a mulher lhe não pozesse o véto das saudades maternaes.

Mas que trabalho, que esforços, que inventos não têem sido necessarios ao grande pedagogista para levar a sua escola áquelles notabilissimos resultados!

Nós admirâmos esses resultados, parecem-nos faceis; mas, para chegar a produzi-los, que milagres de paciencia!

A casa do estudo mais parece uma officina: machinas, instrumentos, collecções de dinheiro, quadros intuitivos, tudo ali está. Se cada ramo dos conhecimentos humanos tanto custa a ensinar ás creanças que ouvem e fallam, imagine-se o que não custará a ensinar, n'aquella perfeição, aos que não fallam nem ouvem, aos que não podem escutar um dictame nem expor uma duvida! Cada uma d'aquellas especialida-

des é pois uma serie de batalhas e de victorias para o salvador dos mudos. Um homem d'estes não é simplesmente um professor de primeira ordem, é uma instituição. Quem tem alma, venha ver a escola dos surdos-mudos de Guimarães.

Despedimo-nos, mas elles quizeram-nos acompanhar. Viemos em triumpho. Se á entrada fomos recebidos por todos aquelles surdos-mudos com o alvoroço que notámos, o que seria á despedida, já conhecendo-nos, já nossos amigos, e tendo saboreado o enthusiasmo com que os viramos trabalhar e os applaudiramos? Vinha tudo aquillo saltando de contentamento.

Não nos acompanharam só á escada, desceram até á rua, e depois de nos abraçarem com a gratidão propria dos infelizes quando são acarinhados e engrandecidos, emquanto nos não viram desapparecer ficaram dizendo adeus acenando-nos com os lenços.

Deus proteja os pobres mudinhos.

IX

Perguntas-me agora, leitor amigo, quantas escolas ha em Portugal para salvar os nossos compatriotas, feridos d'aquella immensa desgraça?

Ouve a resposta. É curta, mas significativa.

No anno de 1823 estreou-se o ensino dos surdos-mudos, entregando-se a direcção d'elle ao sueco Pedro Bory, e dotando o governo a escola com 4:600$000 réis.

Em 1828 Bory fugia de Portugal aterrado com os acontecimentos politicos.

Em 1832 o sub-director Chrispim da Cunha era encarcerado por suspeitas de constitucional.

Em 1834, já na epocha da liberdade, escravisavam a escola encorporando-a na casa pia.

Finalmente em 1844 um acto vandalico do governo, invocando o grande e regenerador principio das economias, extinguia a dotação dos 4:600$000 réis, destruindo em nome da liberdade a salvação dos surdos-mudos, sem querer saber que a lei fundamental do estado não exclue aquelles infelizes da disposição que a todos os portuguezes garante a instrucção primaria gratuita, sem querer saber que por isso mesmo que são surdos e mudos é que têem duplo direito á educação, ao ensino e ao trabalho.

Não ha pois no dia de hoje escola official de surdos-mudos. Os surdos-mudos não são cidadãos portuguezes, são escravos, são cousas, como ha vinte seculos o eram entre os romanos.

Para quê o terem-se dado as altas regiões ao in-

commodo de saber que existe um homem chamado Aguilar, que esse homem é especialidade na educação de que se trata, e que ha o rigoroso dever de fundar o ensino dos surdos-mudos n'uma nação onde o absolutismo o estreou, e onde a liberdade o destruíu.

O padre Aguilar acompanhou-nos até á hospedaria. Ao despedirmo-nos, disse-lhe:

—Padre Aguilar, houve um devaneador que teve o sonho de iniciar n'este paiz a verdadeira educação de um povo. Pois saiba que esse devaneador padeceu por sua causa uma insomnia terrivel.

—E porque?

—Porque o desejava ao mesmo tempo para fundador de uma grande escola de surdos-mudos na capital, para inspector de um districto, para director da escola normal do Porto e para não sei que mais. A unica maneira por que o somno se lhe conciliou, foi á idéa de esquartejar o padre. Deve uma insomnia a esse devaneador.

O grande pedagogista levantou outra vez os oculos para a testa, perguntando:

—E Aguilar não pagou hoje a divida?

—Pagou, e com usura.

Esperava por nós a parodia de um jantar na hos-

pedaria do sr. Gaita. Provada no fim a agua de castanhas, Cossoul regressando para Vizella declarou-nos que tinha ficado tão contente com a sessão dos surdos-mudos que resolvia amnistiar-nos, não indo já denunciar-nos ás auctoridades. Antonio de Mello partia para o outro polo; mas receiando que o olhar fascinador de Lopo lhe dissesse: «Anda d'ahi, vem comnosco», abraçou-nos, com os olhos para a terra, como o criminoso da amisade. Lopo e eu, saudosos dos nossos companheiros, e atordoados com as commoções do dia, cá vamos para Villa Nova de Famalicão.

CAPITULO V

EM VILLA NOVA DE FAMALICÃO

I

Não é verdade, leitor amigo, que após uma impressão prolongada sente a alma necessidade de repouso, e que uma especie de nuvem nos turba os sentidos, deixando-nos n'um entresonho de visões? Assim foi nos principios da viagem para Famalicão o meu espirito, cansado das doces impressões do dia.

Abaixára o calor, corria serena a tarde. Meio a scismar, meio acordado, ía-me deliciando pela estrada deslumbrante que vae de Guimarães a Villa Nova, uma das estradas mais encantadoras do Minho.

Logo a certa distancia de Guimarães se atravessa o rio Ave pela magnifica ponte de Brito, e adiante de

Brito estende-se um curioso lanço de estrada de quasi dois kilometros em linha recta, e que lá ao fundo nos parece ter apenas alguns decimetros de largura.

Vamos passando em revista, durante quasi tres horas, um painel successivo de valles lindissimos e caprichòsos, tal é o seguimento dos valles de S. Miguel do Creixomil, de Roufe, de Joanne, de Vermoim, de Requião, cada um d'elles encanto seguido a encanto, porque os pontos mais formosos do Minho, por não dizer o Minho todo, embriagam de vegetação o cerebro.

E pela maior parte da estrada, os carvalhos, os castanheiros e outras arvores com os braços e troncos vestidos com mil voltas de hera que se lhes enrosca, apresentam ao mesmo tempo os ramos enlaçados pelas videiras, as quaes trepando até o cimo, e engrinaldando as mesmas arvores, lhes fazem copas frondosas, produzindo assim o arvoredo um effeito maravilhosamente pomposo e original.

Alem, acolá, médas elevadissimas de palha de milho, pela fórma da sua collocação e côr pardacenta se nos representam de longe pyramides de granito.

Mais perto de Villa Nova, á esquerda, prende-se a vista a contemplar o logar de Crespos, cujas casas, parte isoladas, parte em grupos, parecem estar tre-

padas na encosta do serro, a espreitar para a estrada por cima das ramagens.

Na turbação d'aquella embriaguez, sentindo o borborinho dos campos, recebendo a frescura da viração, deliciando-me na meia tinta que repassa de melancolia a natureza áquella hora da ternura, entreouvia Lopo a fallar-me de assumptos grandes, do homem, da immortalidade da alma, da insaciabilidade do coração, de tudo a que se podiam elevar os pensamentos d'aquelle espirito reflectido; e eu, por entre as palavras que os meus ouvidos escutavam e a scena que presenceavam meus olhos, ia n'um d'aquelles estados por que o leitor já de certo passou quando os sentidos lhe não foram simplesmente o fim, mas o grande meio para se enlevar nas cousas maravilhosas.

E n'este enlevo, admirando a cada passo quadros novos e novas bellezas se chega a Villa Nova . . . por melhor dizer, n'este enlevo sáe de repente Villa Nova detraz do arvoredo e acolhe em seus braços o viajante surprehendido.

II

Esperava por nós à entrada de Famalicão o excellente moço Adriano de Moraes Carvalho, administra-

dor do concelho, amigo intimo de Lopo, e mais outros amigos que nos receberam cordealmente.

Visitámos a villa, já outra pelos melhoramentos devidos ao facto de ser hoje o ponto confluente da maior parte das estradas do Minho, como as do Porto a Guimarães, a Barcellos, a Vianna, a Caminha, a Braga; corremos a rua grande onde se edificaram e continuam a edificar predios elegantes que aformoseam a villa, e onde ha nada menos de tres hoteis principaes, passeámos no espaçoso rocio, e deitando um relance de olhos para os vecejantes arrabaldes, dirigimo-nos á casa que tão gentil hospedagem nos offerecia.

Assim que entrámos appareceu-nos com sua meiga pallidez e olhos brilhantes a sr.ª D. Zulmira, joven esposa do sr. Adriano de Moraes. Estendeu-nos a mão com a facilidade senhoril que se não aprende. Espalhando flores pelo chão da sala estava uma creança de quatro annos, loura, flexivel, engraçadissima, que tinha a particularidade de um rosto copia fiel dos rostos sympathicos de seu pae e de sua mãe. A Laurinha, mal nos viu entrar, olhou fixamente para nós ambos, bateu as palmas, fez uma fosquinha infantil, deu um beijo no seu já conhecido Lopo, dizendo logo maviosamente: «É o Lopinho»; voltou-se para mim, sem estranhar o estranho, e ficou-se a olhar com aquella

curiosidade, não das creanças bisonhas que vão esconder a cabeça no vestido das mães, sim com a curiosidade das creanças meigas, que pedem a cada novidade o segredo do seu espirito, já ancioso. E logo d'ahi a um instante disse com a voz maviosa dos quatro annos: «E outro», e cobriu-o com as flores de que tinha cheia a saia do vestidinho, como só de flores era o mundo d'aquella creança. Vimo-la todos d'ahi a pouco, á Laurinha, no leito de seus paes, com os bracinhos para os lados, com os cabellos em frocos de oiro espalhados sobre a almofada de neve, a dormir o somno doce de que só a innocencia tem o segredo.

Veiu por fim um amigo da casa, o sr. José Antonio de Oliveira, funccionario dos mais zelosos de que o estado se póde gabar.

Conheciamo-nos havia momentos, e todavia passámos um d'esses serões rapidos, francos, leaes, como as cidades os não conhecem. Tomei finalmente um chá verdadeiro e não mascarado, como o dão por aquelles hoteis, onde ha o nome de todas as cousas e não ha a verdade de cousa nenhuma.

O leitor que ha de ser um curioso n'estas minhas pobres viagens, como eu o sou nas grandes viagens dos outros, vae-me perguntar agora como dormi a primeira noite que passei em casa de gente; e eu,

que desejo andar com o meu leitor nas palmas das mãos, o que não lhe será difficil de acreditar, vou-lhe responder ao pé da letra.

Ás nove horas da manhã batiam-me á porta do quarto o amavel dono da casa e o Lopo. Achava-me já de janella aberta e deliciava os olhos pelas formosas varzeas de Villa Nova.

Entraram, e Adriano perguntou-me logo com aquelle sorriso que lhe pinta a doçura da alma:

—Então como dormiu?

—A resposta, Adriano, tornei-lhe eu, vae tê-la na communicação que lhe faço de um delicto, descoberto hoje por mim em sua casa.

—E como descobriu o delicto? perguntou o jurisconsulto Lopo. Já saiu hoje do quarto?

—Não dei um passo fóra da porta.

—Então o crime foi perpetrado dentro d'este quarto? retorquiu Adriano.

—Ainda menos, descanse. Ninguem entrou aqui, e eu não me suicidei, bem vê.

Calaram-se uns segundos, deitando-se a adivinhar.

—Dou-me por vencido, rompeu Adriano.

—Pois aos vencidos deve-se generosidade. Lá vae. Levantei-me ha de haver uma hora. Ia a abrir a porta para pedir agua quente, quando vejo uma sombra,

subindo uma escada o mais devagarinho que podia, pé ante pé, equilibrando-se para não cair. Era... adivinhem quem?... Era nem mais nem menos do que sua mulher, a sr.ª D. Zulmira, que, suppondo-me ainda a dormir, e receiosa de me acordar, eu surprehendia (sem que ella o percebesse) em flagrante delicto... de amabilidade. Fechei a porta rapidamente, e aqui denuncio o delicto ao administrador do concelho.

Então é que eu me expliquei as minhas oito horas dormidas como havia tanto tempo não dormia cinco; o precioso silencio que me embalára o somno; a claridade sem já me inundar traiçoeiramente o quarto pelas bandeiras das portas; então é que eu tornei a apreciar o que é o céu aberto da familia, a doce familia, seja nas cidades ou nas villas, nos despovoados ou nas povoações; então é que eu reconheci mais uma vez a bondade da mulher adivinhando tudo e tudo prevenindo.

Foi avisada ao almoço a gentil criminosa, do flagrante delicto em que a surprehenderam; e entre o almoço e o jantar passámos todos o calmoso dia debaixo de um copado parreiral da casa de Adriano.

Chegava d'ahi a momentos mais um conviva e abraçavamo-nos estreitamente. Que importa o nome d'elle,

se elevado é o seu espirito e purificado pelo padecimento?

Tinhamo-nos conhecido em Vizella.

Caía a tarde. A estrada, que atravessa a aldeia, é o passeio favorito: um listão branco, recto, onde se encontram, aqui, alem, mais adiante, os ranchos dos banhistas.

Na estrada, não longe da ponte, havia um comoro avelludado de verdura, sitio dos mais pittorescos de Vizella. Um rancho de senhoras e de homens assentou-se no comoro, offerecendo-se mutuamente os paletós e as capas com a despretenciosa franqueza do campo, aquella encantadora franqueza, que, sendo nas cidades uma inconveniencia, é nas aldeias interrupção deliciosa das convenções sociaes.

Que sitio, e que tarde!

Não bulia uma folha. Dissipára-se o calor intenso, e principiava a refrescar a atmosphera. De redor de nós não se via senão verdura esmaltada e luxuriante. O accidentado do terreno, em parte coberto de arvores, em parte vestido de relva, ondeava em graciosa desharmonia. Lá em baixo corria queixoso o rio, serpeando por entre lindo arvoredo, e em suas margens alcatifadas de verde estendia-se roupa a enxugar. As lavadeiras acompanhavam com o bater compassado

da roupa e com as cantigas populares as quédas de agua, cujo som se entranhava melancolicamente no coração. No fundo do horisonte uma linha de montes, phantasiosamente recortados, apparecia-nos coroada de pinheiros e arbustos, dispostos de modo que, reflectindo-se n'elles os raios do sol, offereciam uma vista curiosa. Por toda a parte a luz mortiça do antecrepusculo dava á natureza aquella deliciosa meia tinta, escolho dos pintores mediocres, prodigio dos artistas consummados.

Passava n'esse momento uma orchestra ambulante, caracteristico do Minho. O mundo é a contradicção. O que nas cidades achâmos insupportavel delicia-nos no campo. A monotonia mata.

Mandou-se tocar a orchestra, como grande divertimento; mas, instantes depois, admirados ficámos todos quando principiaram a sair de um violino sons apaixonados e mysteriosos, mais proprios de theatro do que da ambulancia de uns pobres cégos. Aquelles sons que chegavam á alma, tirava-os um céguinho de vinte annos, pallido, modesto, e que exprimia no rosto o que lhe ia no espirito. Os sons saiam-lhe do intimo, e o desapreciado das turbas antes parecia um artista privilegiado do que um tocador dos campos. Cossoul chamava-lhe um verdadeiro talento. Aquella musica

era do genero das que obrigam os ouvintes a calarem-se; fazia pensar e sentir.

Deixou o violino impressões na presença d'aquelle quadro campestre, e, mal tinha acabado, já as senhoras pediam versos. Quando a alma se acha presa do sentimento que a arte lhe inspira, affaz-se ao bello, e não se póde desprender d'elle.

Instou-se e tornou-se a instar com alguem, cuja palavra ha muitos annos enthusiasma as provincias do norte; e não se lhe admittiram escusas, por mais que as pedisse.

Levantou-se então um homem, já cinza para o mundo em que brilhára, e hoje só um espirito consolador das almas. Morrêra para si, e da sua morte resuscitára para os outros. Tinha a testa desaffrontada como a abrigar uma vasta intelligencia, presença que impunha, doçura que attrahia. Os olhos grandes, e do azul mais celeste, passavam rapidamente da placidez melancolica para a expressão arrojada; eram como um livro em cujas paginas leria o prescrutador uma d'aquellas almas que levadas pela brandura se humilham como a pomba, e que ameaçadas pela força resistem como o leão. Feriram-na com uma desillusão tremenda; mas, firme como a rocha, ficou serena, mandando para o coração as lagrimas mysteriosas de

que elle precisa, e para os labios os sorrisos abertos que o mundo lhe exige. Isto lhe ia nos olhos, isto lhe resaltava dos versos, que elle emfim recitou, e cuja derradeira estrophe lhe morreu suffocada na garganta. Intitulava-os o poeta: «Quem sou eu?»

Era esse excellente homem, nosso conhecido em Vizella, que viera dos suburbios de Famalicão, onde pastoreia, a casa de Adriano concorrer para um dia de franqueza tão amiga.

Correram as horas, ninguem se calou, e do que disseram não me lembro. É sempre assim, quando o affecto sincero preside á convivencia. O tempo obsequeia-nos então deixando-se esquecer, em compensação do muito que se faz lembrado com a praga dos massadores que nos vem visitar «para matarem o tempo», dizem. Pois era melhor que o tempo os matasse a elles.

Só á noite nos permittiu o calor seguir caminho de Braga.

Beijei a mão á dona da casa por tão amavel hospedagem. Despedi-me agradecido de Adriano, Lopo ficava. Abraçavamo-nos ainda, quando a carruagem partia.

Soube depois, que a Laurinha, com a doce reminiscencia infantil, fôra logo de manhã ao quarto do seu

Lopinho dar-lhe um beijo. Em seguida encaminhou-se para o quarto do hospede, e não vendo lá ninguem, perguntou meigamente:

—E o outro?... foi-se?...

E ficou-se tristinha a olhar para o leito, quando as flores que nos trazia para espalhar pelos quartos lhe caíram no chão. Entrou logo a rir-se para ellas, e a apanha-las.

É assim a creança. A mesma nuvem lhe orvalha lagrimas e lhe reflecte o sol.

CAPITULO VI

BRAGA

I

Ó Braga fiel,
Ó Porto ladrão,
Que sempre quizeste
A constituição.

Mal se me accendeu a luz do entendimento, affiz-me a ouvir este hymno sonoro, de que Braga se gloriava. O Porto, esse talvez que o não achasse demasiadamente harmonioso.

Cresci, e quando estranho ainda a Montesquieu e a Benjamin Constant perguntava lá por casa o que significava aquella cantilena, respondiam ás minhas perguntas constitucionaes cantarolando-me outra vez:

Ó Braga fiel,
Ó Porto ladrão,
Que sempre quizeste
A constituição.

Ficava na mesma, eu.

Entristecia-me o não comprehender os versos, e vejam como são as cousas! — quando os vim depois a entender, já tinha saudades do tempo em que os não sabia decifrar.

O leitor ha de me desculpar que pelo caminho todo desde Famalicão até Braga, em logar de ir meditando na logica da bandeira tricolor salpicada de flores de liz, e n'outras logicas parecidas com esta, o que eu levasse no cerebro fosse o hymno da Braga fiel e do Porto ladrão. «Se Braga foi tão fiel (dizia eu de mim para mim) como ladrão foi o Porto, desconfio da fidelidade, porque no Porto não me roubaram nada, só se foi na conta do hotel Francfort, mas as contas dos hoteis são como as opiniões dos deputados, são irresponsaveis.

E os malditos versos toda a santissima noite a bailarem-me dentro da cabeça!

No dia seguinte, de calor africano, fui logo para a rua, o que me valeu uma doença que dei por muito bem empregada, por duas rasões: primeira, porque tendo de me demorar em Braga, fiquei immensamente agradado d'ella; segunda, porque vim a decifrar o enigma do tal hymno, que tinha sido a perdição dos meus ouvidos innocentes.

II

Lá vae a confidencia do mysterio, amigo leitor, mas com a condição de que o segredo não ha de passar de nós ambos.

O Porto, como ente masculino, era um ladrão; Braga, como dama, era fiel. Até aqui vamos muito bem. Mas, como não ha ladrão sem roubar, o ladrão intentou justificar a sua fama, e entrou a fazer das suas.

Principiaram-se a ver uns homens de rolos a tiracollo, pondo bandeirinhas aqui e acolá, e depois a dirigirem outros mais numerosos. Estes britavam pedra; aquelles faziam aterros e desaterros; desappareciam precipicios; desarredavam-se os pedregulhos; o caminho ia parecendo uma grande fita amarella. Em bom portuguez: era uma estrada que ligava o Porto a Braga.

Começaram depois a correr por essa estrada umas cousas movidas por alimarias, e que traziam muita mais gente do que até ali, para visitar a augusta cidade, ou n'ella commerciar. Chamaram a umas d'ellas diligencias publicas, e a outras carros *fretados*.

A par d'isto principiaram-se a vender diariamente uns papeis, que vinham do correio, todos cintados,

com um titulo no alto e umas novellas no andar de baixo. Ao começo poucos os liam; depois foi pegando a moda, íam-nos lendo mais; por fim já quasi ninguem podia passar sem elles.

Ora, assim como vinham os taes papeis para cá, tambem acordou o appetite de os mandarem para lá. O desejo realisou-se. Publicaram-n'os na cidade, aos taes papeis; e d'ahi por diante fallou-se de Braga, por todo o reino, ainda mais do que até ali se fallava. Para se imprimir a tal papellada carecia-se de umas machinas de ferro a que se chama prélos; fundaram-se então as typographias. Eram necessarios tambem uns homens que vendessem os jornaes nas lojas; abriram-se essas lojas, e os livreiros são hoje nem menos de quatro.

Desconfiaram depois, que, apesar de não ter occorrido nenhuma revolução no systema planetario, as noites de inverno eram maiores do que as dos invernos anteriores. Em consequencia d'isto organisou-se uma associação para fundar um theatro.

Não estremeçam. Duvidam? Pois vão ver o elegante theatro de S. Giraldo, no largo da Lapa, theatro com tres ordens de camarotes, alegre, alumiado nada menos do que pelo tradicional e brilhante lustre que foi do theatro do conde do Farrobo nas Laranjeiras.

Se lavrava já a heresia de um theatro, porque não surgiria tambem a heresia de um jardim?

Pois então, para o abrirem, não estava ali aquelle espaçoso campo de Sant'Anna, um forno de verão, uma lameira no inverno? Que faz um dia o perdulario do municipio? Commette a impiedade de contrahir um emprestimo, tira o dinheiro ás algibeiras dos contribuintes, e com elle converte aquelle campo no jardim mais risonho que têem visto os meus olhos em terras das nossas provincias. Lá está elle ao pé do theatro de S. Giraldo, todo á moderna, tendo na frente o *Bom Jesus do Monte*, á direita a grande rua dos Congregados, á esquerda a do Banco do Minho; lá está o jardim com o seu gradeamento elegante, rodeado de arvoredo frondoso, com os seus chorões esplendidos, seu bonito lago, seu coreto á chineza, seu pavilhão envidraçado a cores, ruas espaçosas, todo elle uma profusão de verdura, e de flores, recreio dos passeantes que em conversação agradavel e ao som da musica descansam dos trabalhos do dia.

Não se julgue, porém, que logo n'um repente commetteram todos o peccado de ir ao novo jardim. Da parte de alguns, e de algumas, foi pouco a pouco. Nem elles sabem como foi.

O caso passou-se d'este modo. Alguns embiocados e embiocadas, ao principio, benziam-se quando ouviam fallar no jardim. Depois aguçou-se-lhes o appetite quando á noitinha se encaminhavam pelas ruas adjacentes, presenceando o crime de revés, para dentro das grades. Depois, já não olhavam de revés, olhavam direito. Depois, atreveram-se mesmo a chegar á porta de ferro, e a olhar para dentro fingindo ser por acaso. Depois entraram, como quem se estreia n'uma casa de jogo, mas sumindo-se logo por uma das ruas lateraes, e espreitando de lá, a furto, por entre as arvores, suppondo que toda a gente os via. Depois... —mau é principiar— passaram das ruas lateraes para a grande rua do centro, promettendo ser uma vez sem exemplo, só entrar e sair. Assim o fizeram, olhando com receio para todos os lados, como quem vae perpetrar um assassinio. Não desgostaram. Finalmente, na vez seguinte já não poderam prometter nada, porque se demoraram toda a noite emquanto a musica tocou. Tinham caído no inferno.

A pilhagem ás bolsas dos contribuintes foi mais adiante. Eram descarados aquelles ladrões dos vereadores. Ao jardim acresceu mandar a camara municipal alluir a porta do Souto para a barbaridade de fazer uma praça alindada, a nova praça do Barão de

S. Martinho, o *chiado* de Braga; mandar tambem reedificar os paços do concelho, abrir um campo espaçoso para o mercado, e realisar outras obras de quejanda inutilidade. A estes desperdicios publicos juntaram-se os que saiam da iniciativa particular, e a cidade começou a ver construcções de predios novos que a aformoseiam.

Foi então que um attentado novo e inaudito se commetteu na cidade toda, na fiel depositaria das tradições. Sabe-se que Braga era uma cidade inquisitorial. Exceptuados os palacios, quasi todas as janellas eram gelozias, isto é, vedadas com grades de madeira, janellas de rotulas. O viajante que a percorresse, ajuizava atravessar um cemiterio. De repente, as grades d'aquelles milhares de carceres são voluntariamente despedaçadas, as gelozias cáem por terra como se fôra mutação de theatro, muros a dentro de todas aquellas innumeras paredes negras e doentias entra-lhes a luz, o ar, o sol, a saude, e ás janellas surge como por encanto um mundo novo, de rostos juvenis, que pede em altos brados a vida, o affecto, a justiça, e que parecia ter surgido da campa á voz da mocidade e do progresso. Alleluia! O sol de Braga alumiava as suas virgens, que ás janellas e por entre sorrisos lhe acenavam com os lenços.

Tinham desapparecido as cataratas da cidade, construiam-se predios formosos, progrediam melhoramentos, alargavam-se as portas das lojas, estreavam-se mostradores, a letra minuscula das taboletas era substituida por letras grandes e douradas, appareciam uns cartões com figuras de senhoras francezas. Tudo ali estava nos figurinos, o penteado, o trajo, o bico do lindo pé, e até o sorriso meio escondido no leque. A moda, o delirio! Para as ruas, minhas senhoras, para as ruas, que está aqui a moda.

É seductora a voz da moda. Para a rua pois.

Então as ruas bracharenses, até ali quasi desertas, perguntavam a si proprias se eram as mesmas ruas. As embiocadas, com seu vestido e mantilha negra, que mais pareciam caixas de pontos de theatro, foram, sem se saber como, rareando successivamente. Cada mantilha, que se via de menos, convertia-se em mais um penteado, n'um vestido de seda, n'um chapéu ajardinado de flores. Viam-se já, á luz do sol, os rostos sympathicos, as cinturas flexiveis, as figuras esbeltas. Despontava a elegancia. *Les dieux s'en vont.* As farricocas iam-se.

Braga pedia cada vez mais ao ladrão do Porto, e ás vezes tambem á ladra de Lisboa, que lhe enviasse os seus velludos, as suas sedas, os seus cabellos; e o

endiabrado do Porto a rir-se, e a mandar-lhe tudo quanto ella lhe pedia.

Se o Porto havia roubado a Braga as suas noites socegadas, introduzindo-lhe theatro, jardim, illuminação de candieiros, porque não lhe daria tambem o exemplo de alguns fócos de ladroagem? Creou-se então o banco do Minho, e depois o banco commercial. Até ali quem necessitava de dinheiro tinha de o obter (não sendo das irmandades) por exorbitantes juros. D'ali em diante as classes soffreram a ladroeira de o alcançarem sem custo, e a seis por cento.

A fallar a verdade já não faltava ao Porto senão metter em Braga a revolução. Realmente não lhe faltava mais nada.

Pois metteu, e podem dar testemunho do caso estes meus olhos peccadores.

N'um dia de agosto o lyceu de Braga appareceu todo revolucionado. Vedetas ás portas, turbamulta no centro, vozeria, apitos, morras. E não se pense que a tempestade não soprava do Porto. Era exactamente do Porto que ella vinha por intervenção de dois recemchegados.

Fòra o caso: os altos poderes suppondo velharia que o melhoramento da instrucção secundaria se deva ao ensino pelo correr do anno, mas entendendo que

se deve ao exame final, mandaram examinadores estranhos para os lyceus. Os estudantes tiveram suas duvidas a respeito d'aquelle pensamento reformador, e quizeram-nas expor com exemplos praticos. D'ahi o lyceu convertido em campo de batalha, invasão militar, apupada, uma inferneira, acabando no segundo dia, como acabam as inferneiras da mocidade, com palmas e vivas.

Mas o que menos se esperava era que o lyceu de Braga se revolucionasse, dirigindo-o. . . quem? Não o conhecem? ao nosso Luiz da Costa? Pois ali anda elle, —uma das intelligencias mais brilhantes, e uma das sortes menos propicias da nossa terra— por entre os grupos, com seu rosto alternado de assombro e resignação, de mãos na cabeça, sem crer no que vê, perguntando aos rapazes com aquella voz insinuante se elle merecia que lhe fizessem um tal disturbio; e os rapazes, para os quaes o seu reitor é menos um superior severo do que um amigo leal, a applaudirem-no, a prometterem-lhe não o tornarem a inquietar, o que lhe reaccendeu no rosto aquelle eterno sorriso que vale um reino.

Duvidar, depois de tudo isto, de que a fiel Braga não tenha levado sua parte na ladroagem do Porto, não me parece logico em demasia. Quem ha vinte an-

nos visse a augusta Brachara, a Braga das tradições, a primás das Hespanhas, a cidade que de dia parecia um carcere e á noite um cemiterio, e a veja hoje com a sua illuminação, com o seu theatro, com o seu jardim, com os seus predios alindados, com as suas casas francas, com as suas ruas libertas, com os seus bancos de commercio, com os seus hoteis durante a maior parte do anno a trasbordarem de hospedes, com o seu luxo, com a sua resurreição, não dirá que seja a mesma cidade. O Porto foi pois ladrão, mas ao menos foi ladrão de bom gosto, e agora poderá recambiar a quadra, não já com o rancor com que dizem as cousas feias, mas com um certo sorriso com que se dizem as cousas finas:

Ó Braga fiel,
Ó Porto ladrão
Que sempre quizeste
A constituição.

III

Não se vá julgar, porém, que Braga perdesse o que se chama a sua feição. Dado mesmo que a cidade não fosse com os seus monumentos um livro de pedra, a tradição ali bebida é o espirito que se transmitte para lhe patentear os fastos. Os monumentos vae-os arra-

sando a mão do homem para os converter em monumentos novos do seu luxo ou da sua phantasia, mas, a par d'essas demolições, as pedras velhas parece que vão deixando alguns segredos ás pedras novas, a arte antiga á que a substitue, e aquella especie de linguagem, calada, mas significativa, falla mais alto ás gerações do que a vista dos proprios monumentos.

E depois, quando uma cidade como a velha Braga tem de vida tantos e tantos seculos, e não ha possibilidade de encontrar monumentos successivos das epochas, ha todavia a de encontrar, aqui, ali, alem, resquicios d'esses tempos. Uma cidade assim, podê-la-hemos comparar a um codice antiquissimo de historia, do qual estando rasgadas já muitas folhas, restasse das diversas epochas uma ou outra pagina, illuminura, florão, estampa, restos que o ledor maravilhado fosse ajuntando na sua imaginação, e com elles recompondo o que faltasse, até o espirito lhe ficar cheio do assumpto, cuja grandeza mais podesse entrever do que analysar.

E elles lá estão, alguns d'esses monumentos, principalmente os dos ultimos quatro seculos.

Já d'aqui da porta do hotel real se vê um: é a elegante ermida da Conceição, fundada no seculo XVI, um ramalhete de ornamentação no estylo manuelino,

e ao pé a igreja de S. João do Souto, que fôra um primor de architectura antes de a mascararem. Ali está mais adiante na praça dos Remedios o sumptuoso hospital de S. Marcos, fundado no seculo de D. Manuel, e modernamente reconstruido; na mesma praça o magestoso templo de Santa Cruz, luxuosamente ornamentado.

Se vamos pelas Carvalheiras, lá vemos ainda os restos das muralhas das antigas fortificações e marcos milliarios das vias romanas.

Se vamos para o campo de Sant'Anna, vemos entre outros monumentos antigos o convento dos Congregados (hoje lyceu e governo civil), construcção nobre, com o seu templo bello de singeleza.

Se nos dirigimos pelo Souto, prolongâmo-nos na celebre rua nova, apesar de contar tres seculos, e que termina no portico esbelto, coroado com a elegante estatua da cidade.

Ao lado da rua nova enfileiram-se tres praças seguidas.

Na primeira, rodeada de copado arvoredo, levantam-se os paços do concelho. Anda em construcção na ultima um sumptuoso mercado. A intermedia é o notavel e espaçoso campo da Vinha (chrismado em campo de D. Luiz), mandado abrir pelo arcebispo D. Diogo de

Sousa no seculo XVI, e onde, alem de outros monumentos vetustos, se encontra o templo da Graça, de proporções vastas e rico pelas obras de talha dourada, fundação do arcebispo D. Agostinho de Castro.

No mesmo campo se vê o amplo seminario archiepiscopal, devido a D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Mas de todos esses monumentos do campo da Vinha o que mais me enfeitiçou foi aquelle entre o seminario e o templo da Graça. Ainda não tinha ido a Braga e já o estremecia, por elle perguntei assim que cheguei, e para elle me dirigi logo que a doença m'o consentiu.

Creou-o um dos espiritos mais elevados de Portugal, deu-lhe rendas, e sobretudo foi o seu coração que elle lhe deu: é o collegio de S. Caetano para a educação dos orphãos do sexo masculino, instituido pelo grande arcebispo D. Fr. Caetano Brandão.

Que te acontece a ti, leitor, quando, enthusiasmado já de ha muito pelas obras de um artista famoso, ou pelos livros de um escriptor admiravel, vens um dia a encontrar esse escriptor ou esse artista? Nunca lhe apertáras a mão, e já o conhecias. Far-lhe-ias respeitosa reverencia ao mesmo tempo que o tratarias por tu. Não saberias explicar a ti proprio como é que o teu respeito ao desconhecido de hontem se ligaria á

tua confiança com o teu amigo de hoje. Ajoelharias aos pés d'elle e estreita-lo-ias nos braços. Foi assim, que ao entrar no collegio de S. Caetano, parei na primeira sala instinctivamente. Olhava para a direita, para a esquerda, como que á espera de *alguem* que já ali me não podia apparecer. Afigurava-se-me que de todos os lados ia ver sair aquelle velho de setenta annos, amoravel, risonho, vindo meigamente para me amostrar a sua obra tão querida, talvez a mais querida de todas. Aquelle silencio fallava de amor. Aquellas paredes pareciam paredes amigas que me abrigavam do mundo e me diziam; «Aqui respira-se á vontade». O espirito de D. Fr. Caetano Brandão perfumava o edificio, e a alma sentia-se ali n'uma atmosphera que dulcificava.

Penetrei no estabelecimento. Recebeu-me de braços abertos o sr. reitor, Antonio Francisco Pereira de Almeida Coutinho. Vê-lo é ver a gravidade respeitosa alliada á candura do coração. Mostrou-me com infinita bondade todo o estabelecimento. Fôra este largamente dotado, e no entretanto, quando o actual reitor ali entrou, os pobres filhos espirituaes de Fr. Caetano Brandão comiam em pratos sem vidro e andavam descalcinhos pelos lagedos. Que diria elle se presenceasse aquella crueldade!

Por ultimo vi os noventa orphãos, bem vestidinhos, bem tratados. Era na hora chamada da recreação. Estavam n'um claustro coberto, só com luz e ar por um lado, sem exercicio, amontoados, pallidos, tristes, n'uma desgraça de educação physica: mais outro exemplar do systema official de fazer do povo portuguez uma nação de enfesados, de doentes e de rachiticos.

O reitor deplorava aquelle estado, mas o edificio actual não possue condições possiveis, e o edificio projectado ainda não se principiou a construir.

Não podia despregar os olhos d'aquellas creanças. De cada um d'aquelles rostos me parecia luzir o espirito do fundador, como n'um vidro faceado vemos o nosso rosto apresentar-se cem vezes repetido em cada uma das suas faces.

Voltando pela rua nova, chega-se em pouco tempo ao largo da Sé.

A cathedral é o monumento mais vetusto de Braga, e o mais notavel tambem. Edificada em era antiquissima, reconstruida por D. Henrique e D. Thereza, alterada depois successivamente, a sé de Braga é um verdadeiro labyrinto de architecturas. Perde-se ali a imaginação no meio de tantas epochas e de tantos generos differentes. A peça que de todas sobresáe, prin-

cipalmente no exterior do templo, é a soberba capella mór, mandada reedificar pelo arcebispo D. Diogo de Sousa em principios do seculo XVI, formosura de ornamentação variada e elegante, no estylo gothico-manuelino, com a mais luxuosa pompa d'esse estylo gracioso, rendilhado e phantastico. Um primor.

Ostenta-se magestoso o côro pela madeira toda negra e caprichosos doirados. Do côro resàem dois orgãos maravilhosos. Aos lados do altar mór repousam em tumulos modestos as cinzas da rainha D. Thereza e do conde D. Henrique.

É preciosissimo o thesouro. Alem dos sumptuosos paramentos, vestimentas a oiro e outras peças, conserva-se ainda o celebre calix de S. Giraldo, notando-se tambem pela curiosidade os brilhantes sapatos do arcebispo D. Rodrigo, os quaes por elle ter sido baixo medem quasi um palmo na altura dos saltos, verdadeiro modelo dos que as elegantes adoptam agora. Ao menos podem allegar que não inventaram moda impia.

IV

Tudo isto vi e muito mais na magnifica sé de Braga. Só não vi o tumulo que os meus olhos anciosos pro-

curavam. Admirei na misericordia velha o mausoléu do arcebispo D. Diogo de Sousa ás costas de leões e rodeado de esculpturas, na capella do cemiterio da mesma sé onde jaz o corpo de S. Giraldo vi os tumulos dos arcebispos D. Diogo da Silva, D. Manuel de Sousa e outros, no templo da Graça os dos arcebispos D. Agostinho de Castro e D. Aleixo de Menezes; vi o lavrado tumulo do arcebispo D. Gonçalo Pereira, avô do grande condestavel; vi na mesma sé, e mais precioso do que esses todos, o preciosissimo mausoléu de bronze, peça magnifica de esculptura, de arabescos, em que repousam os restos de um heroe de dez annos de idade, o infante D. Affonso, filho d'El-Rei D. João I, e só não vi n'aquella sé o tumulo de um verdadeiro heroe, que se chamava D. Fr. Caetano Brandão!

Nem da primeira vez me souberam dizer onde jaziam aquellas cinzas preciosas. Em sepultura rasa, no chão da capella mór jazem ellas, e essa mesma sepultura rasa encobre-a uma grande alcatifa.

Ajoelhei sobre as cinzas d'aquelle espirito sublime que em toda sua vida fôra a providencia da orphandade e da infancia; e beijando o chão onde essas cinzas descansam perguntei a mim mesmo: que era effeito do exemplo que elle tinha deixado.

Suspeito que no meio d'aquelle silencio entreouvi a palavra «impossivel».

Sim, com diminuto estipendio retribuem o episcopado para se sustentar dignamente, mas não menos verdade é que nas mãos do episcopado está, se elle quizer, a realidade de um verdadeiro serviço á instrucção popular. De grande influencia gosa ainda hoje o clero nas povoações ruraes. O episcopado portuguez póde ordenar ao seu clero parochial:

Primeiro, que não deixe de advogar a instrucção;

Segundo, que, pelo contrario, a incuta nos animos das povoações e a incite por todos os meios de que dispõe.

Por um exemplo, que felizmente não é unico, se ajuize da immensa utilidade que a influencia do clero parochial produziria se o facto se generalisasse. Parocheia na freguezia de S. João (a quatro kilometros e meio de Ponte do Lima) o sr. João Pereira de Araujo Coelho. Este grande espirito de amor tem levado a vida a apostolar a todo o seu rebanho a importancia da instrucção, promoveu com donativos que solicitou e com as sobras das irmandades e confrarias a construcção de um edificio escolar, préga a urgencia da assiduidade, conseguindo que em freguezia rural como a sua frequentem a escola tantos alumnos como os da ca-

beça do concelho, e nem um dia levanta mão d'este assumpto da educação infantil. Exemplo sublime que me alegro de apresentar, para gloria d'aquelle parocho admiravel, e norma que todo o clero portuguez deveria seguir, realisando n'este ponto a missão que lhe deixou o seu mestre, o divino educador da infancia.

V

Longa seria a descripção de todos os monumentos, edificios, templos, mosteiros, porticos, janellas gothicas, arabescos, marcos romanos, cruzeiros, nichos, collegios de educação, palacios da respeitavel Braga, e que imprimem á cidade um cunho privativo, não dando o viajante um passo, por assim dizer, sem notar um escudo archiepiscopal ou um brasão de nobreza.

Mas então o que é hoje Braga?

É a antiga cidade, á qual tiremos o chapéu com respeito, ou a cidade moderna, em cujo seio nos lancemos a sorrir?

Não é nenhuma d'ellas de per si, e é ambas juntas.

Vês aquella senhora, leitor? anciã, não de senilidade desgraciosa e repellente, mas attrahindo pela consideração e sympathia? grave de sua presença, se-

nhoril toda ella da fidalguia mais distincta? franqueando a todos o palacio? estendendo a todos a mão?

Vês? Mas vê tambem como ella vem remoçada, não velha dengosa, querendo casar, de cabellos pintados, de sobrolhos postiços, de carmim a desfazer-se-lhe, porém com seus cabellos alvos formosamente penteados, trajo da mais fina elegancia, sorriso delgado e leal, olhar franco e doce, fallas captivando pela bondade; anciã, para a qual sympathicamente corremos; rapariga, diante da qual respeitosamente nos curvâmos. Vês aquella senhora?

É Braga.

CAPITULO VII

UMA CREANÇA NOTAVEL

I

Jantavamos todos á mesa redonda no hotel de Braga. Um dia ouvi para o outro lado da mesa uma conversação muito mais animada que do costume. O bulicio e as gargalhadas chamavam-me a attenção.

Um menino, que eu via pela primeira vez, estava sendo interrogado por uns poucos de hospedes ao mesmo tempo e a todos respondia. As perguntas dos hospedes e as respostas da creança trocavam-se, cruzavam-se, faiscavam. A creança, simultaneamente ironica e risonha, defendia-se e atacava. Os outros hospedes tinham pouco a pouco suspendido as conversas parciaes para concentrarem as attenções n'aquelle quadro vivo do menino entre os doutores.

O que principiára despercebido fôra tomando corpo até se tornar n'uma scena geral. A mesa toda ria, applaudia e dictava o veredicto da unanimidade.

Levantámo-nos da mesa. Uns tomavam café, outros fumavam, outros chegavam ás janellas. Um d'estes foi a creança. Approximei-me d'aquelle menino e principiei a conversar com elle e com o pae, o sr. Ventura Malheiro Telles de Menezes, distincto proprietario de Vianna do Castello. Soube então que seu filho estava em Braga para fazer exame de latinidade e se chamava José Malheiro Telles de Menezes.

Mal lhe principiei a perguntar pelo exame que vinha fazer, quando a creança deixou de olhar para a rua, denunciando o tremor do corpo que uma impressão penosa a dominava. Levantei-lhe a cabeça. A creança estava a chorar. As lagrimas atropellavam-se-lhe, e quando me fitou parecia que uma dor profunda lhe traspassava o coração.

Era um segredo, que impossivel foi arrancar-lhe. Tirámos o menino da janella, o pae e eu; deitámo-lo n'um sophá para socegar, e só depois de algum tempo, mais tranquillo já, mas como dominado ainda por um pensamento afflictivo, é que nos confessou o segredo. Suppunha que estava completamente apto para fazer o seu exame, porém tão nervoso era (dizia

elle) e tão modesto (percebi eu), que toda a sua pena consistia na possibilidade de o reprovarem, não por ignorar a materia, senão por succumbir diante dos examinadores.

II

Então é que attentei bem n'aquella creança. Era um menino de treze annos, mas ninguem lhe supporia mais de oito. Tinha no olhar a graça, no rosto a sympathia. Trouxeram-lhe a infelicidade os primeiros annos. Um prégo, que em pequenino cravára n'um pé, aleijára-o, deteriorára-lhe a organisação e fizera-o fraquinho, sensivel, nervoso, uma haste que a viração respeitaria com receio de a fazer dobrar.

Era pallido, d'aquella pallidez-perola que revela a meiguice, mas, como a pallidez da infancia ordinariamente se revolta contra si propria, d'aquella pallidez fingiam que rebentavam duas rosas desbotadas. Os olhos grandes, rasgados, negros, avelludados por compridas pestanas que lhe sombreavam a maçã das faces, reuniam, confundindo-se, a viveza de um talento elevado, a doçura de uma alma candida, o brilho de uma graça infantil, e, no azulado onde nadavam, a melancolia do padecimento que protestava. A fronte, alta, cheia; o cabello, negro como os olhos. Quando

fallava ou discutia, o que menos fallava eram os labios; fallava cabeça, olhar, corpo, o gesto sobretudo. De repente a dor opprimia-o, porém, como a ave ferida que ainda vae levada pelo ar, affrouxava um pouco, não caía, e retomava logo o seu vôo.

Era uma alegria geral quando elle entrava á casa de jantar. Ainda tão creança, tinha já a popularidade do talento que impõe e da graça que attrahe. Os homens festejavam-no e questionavam logo com elle. Cada uma das senhoras olhava-o silenciosa com aquelle meio sorriso de invejoso amor que vinha a dizer: «Quem me dera que fosses meu filho!»

Passou finalmente pelo seu exame de latinidade, o aterrador exame que tantas e tão mal empregadas lagrimas lhe custára.

O de instrucção primaria dera-lhe uma distincção; dera-lhe outra o de portuguez. Agora o de latim ia-o tornar notavel. A sala estava cheia de espectadores, que de intento correram para lhe assistir ás provas publicas.

Ao ouvir o secretario do lyceu pronunciar-lhe o nome, tornou-se n'um vermelhão, mas logo ás primeiras perguntas do grande latinista, sr. Santa Clara, cobrou animo e maravilhou os professores. Expirado o tempo da lei, o examinador continuou a interrogá-lo

outro tanto tempo. O estudante não se equivocava nem uma só vez, e houve na sala hilaridade geral quando perguntando-se-lhe a rasão dos trabalhos de Hercules a creança respondeu, quasi ao mesmo tempo da pergunta:

— É porque Juno tinha votado odio implacavel ás concubinas de Jupiter e a toda a descendencia d'ellas.

Não o quizeram apurar mais n'aquelle ponto.

Mal se lhe póde descrever a alegria subita depois do exame. Operára-se a reacção nervosa. Os momentos se lhe afiguravam seculos para regressar a Vianna. Fallava ao mesmo tempo na avó, na mãe, na irmã mais velha, na mais novinha, sua valída, com quem o dia é dividido metade ás pancadas, metade aos beijos, ou antes ás pancadas e aos beijos ao mesmo tempo. Era uma analyse aquelle rosto a reflectir conjunctamente o padecimento e a alegria, o desassocego com a idéa da demora já confundido com o enthusiasmo da partida.

Quem se não lembra de scenas similhantes na sua infancia? Acrescente-se a sensibilidade e a imaginação d'aquella organisação especial.

Até que partiu.

Vae continuar os estudos, e quer-se formar em Coimbra.

Uma vez tinham-se-lhe esgotado todos os pretextos de exploração á bolsa da extremosa avó, a sr.ª D. Clara Malheiro Telles de Menezes. Os bolos e os brinquedos a fazerem-lhe negaças, e elle sem vintem! De que se ha de lembrar? Forma o seu plano de *salvaterio:* vae fundar um jornal.

Traça o prospecto e leva-o á avó, para ser a primeira assignante, dizia elle, ou antes unica segundo elle planeava.

Teve então a habilidade de apresentar duas vezes por semana o seu jornal. Não lhe faltava nada: artigo de fundo, artigos secundarios, correspondencia, annuncios, noticias estrangeiras. Como habitava com a familia na aldeia da Ariosa, a tres kilometros da cidade, o boletim estrangeiro era de Vianna. Finalmente o grande noticiario da aldeia. Abbade, sacristão, regedor, lavadeiras, andava tudo em papos de aranha. Namoro que elle pescasse na localidade, lá ía para as noticias; tudo. Tinha sobretudo uma grande novidade aquelle jornal: os assignantes estavam todos em dia. Não é epigramma, porque a avó até pagava adiantado.

III

Ao ver partir aquella creança, nervosa, enthusiasta, amoravel, tive tentação de me chegar a ella e de

lhe dizer: Foge de algum abalo serio que te possa matar.

Has de crescer, e com o teu corpo crescer-te-ha tambem a avidez pelo estudo e a sensibilidade do coração. Quando acabavas de estudar o teu Virgilio e o teu Cicero, abrias livros de historia e de viagens, e eram esses os teus passeios e a tua hygiene, segundo dizias. Lavravas a tua sentença. Oh, a paixão do estudo é a sombra da mancinella: um veneno de flores.

O estudo nas organisações enthusiastas converte-se em vicio. Serás fascinado, pobre doudo, para aquelle abysmo sem fundo da curiosidade humana.

Depois, ó filho ardente da imaginação, encontrarás talvez uma mulher, não d'aquellas mulheres bellas, as menos perigosas, mas uma d'aquellas mulheres sympathicas, perdição das naturezas meigas, como a tua.

Essa mulher enlaçar-te-ha com as roseas cadeias da seducção irresistivel, e tu inexperiente verás nos olhos d'ella a fascinação que te ha de arrastar, e na sua alma o mysterio infinito com que sonham eternamente os espiritos amoraveis, como o teu.

A seda dos seus vestidos rangirá seductora em redor de ti, o apertar de suas mãos bem te advertirá que é do mesmo barro do que tu, e no entretanto

supporás que desceu dos altos logares para te apparecer, visão transparente, nos teus entresonhos de adoração e de pureza.

Correrás atrás d'esse ideal, mas ella umas vezes fugindo-te para longe, outras vezes como que deixando-se quasi tocar, ir-te-ha seduzindo a imaginação, entremostrando-te a felicidade, de que não abraçarás senão a sombra.

E tu suspirarás com o teu caro Virgilio aquelle verso eternamente memoravel a respeito da Galatea:

Et fugit ad salices et se cupit ante videri.

Adora-la-has, creança; e não te has de enganar crendo que ella te deu affectos, que rodeou de carinhos a tua dedicação, e que na verdade da sua consciencia te jurou um amor de boa fé.

Mas um dia, um d'aquelles dias que vem como fóra do anno, exactamente quando o teu affecto chegar ao extremo, quando os teus sacrificios te parecerem poucos para lhe dedicares, no dia do teu prazer mais santo, o formosissimo crystal quebrar-se-te-ha entre as mãos. Verás em cada um dos pedaços uma formosura ainda, como pelo chão cada folha dispersa de um ramo de saudades; mas o crystal, o lindo crystal, não tornará a ser o mesmo.

Então, pobre creança, a tristeza que por intervallos se pintava nos teus olhos melancolicos, apossar-se-ha de toda a tua alma. Das paginas soltas do teu passado amoroso comporás nas horas mortas da noite um livro de amor; mas a leitura mental d'esse livro não fará senão cobrir o teu coração de uma d'essas nuvens, através das quaes o sol nunca torna a apparecer na sua limpidez.

Sorrirás ainda, sim; irás á linda cidade onde nasceste, verás por entre as margens risonhas do teu Lima estarem a chamar por ti os dias formosos que passaram, lerás os teus livros queridos, escreverás porventura os teus versos, traduzirás o teu Ovidio ou o teu Tibullo, apertarás a mão aos teus amigos, terás mesmo galanteios fugitivos, mas tudo isto opera-lo-ha apenas o machinismo de ti mesmo, porque em tudo isto não serás senão a imagem do que foste.

E ella mal entenderá, porque tu umas vezes estarás triste, outras alegre de mais. Supporá que se póde dizer a qualquer organisação: «Escreve cousas ternas que me façam chorar, ou cousas alegres que me façam rir». Imaginará que a tua alma, em vez de ser a espontanea inspiração do talento, é algum realejo milagroso, e não comprehenderá que por entre as linhas dos teus versos, que os outros lerem, ha de haver no-

intervallos brancos as linhas mysteriosas de dores, de lagrimas, de saudades: livro intimo só para ella, dentro do livro publico, escripto para todos.

Se porém estiveres reservado para tudo isto, sê forte. Assim como as tempestades limpam os ares, assim os desgostos purificam o espirito. A grandeza de alma ennobrece. Corta pelo caminho direito. Quando vires subir os ignorantes, os immoraes, os impotentes para realisarem o bem e invejosos quando vêem os outros realisá-lo, não os imites, despreza-os. Ha uma cousa que vale mais do que elles, e que a poder nenhum é licito conceder: é o respeito ao caracter. Este, concede-o um rei universal, o instincto justiceiro do povo.

Não succumbas. Se a tormenta se agglomerar no teu coração, mette hombros á tormenta. Vence-te a ti proprio com as proprias armas do teu espirito. Se não ha nada mais vil do que o homem, do que o homem tambem não ha nada mais sublime, creação assombrosa caminhando entre um abysmo e um céu. Podemos ir ao fundo da sociedade, mas de lá podemos tambem abrir caminho por entre as ondas, e d'ellas resuscitar com os esforços de uma vontade de ferro.

Sê grande e forte. O abandono, as ingratidões, as vindictas, as injustiças, só derrubam as almas peque-

ninas. No combate com a adversidade é que o espirito se eleva. Bem pouco vale o homem que não padeceu. Á ironia dos que desesperam, responde com o sorriso dos que perdoam, e lembra-te sempre no correr da tua vida de que todas as felicidades são ephemeras quando a raiz de que brotam não é a bondade. Para ser feliz é preciso ser bom.

CAPITULO VIII

O BOM JESUS DO MONTE

I

Lá está elle, a tres kilometros, o grande encanto a enfeitiçar Braga.

Vamos, parta a carruagem pelo Campo de Sant'Anna fóra, Senhora a Branca, rua das Casas Novas, entremos na estrada tão plana e bonita, e principiemos a subir a encosta que nos ha de levar á altura onde está o popular santuario.

De meia encosta para cima já se começa a gosar, lançando a vista para baixo a verdejante bacia, lançando os olhos para o alto a mata compacta e negra, tendo no centro a igreja, e por docel da negrura o azul-claro do céu, contraste em que nos vamos deli-

ciando pela estrada que ladeia o ingreme da montanha convertida n'um jardim.

Se em vez de seguir exteriormente, preferir o viajante subir pelo interior, como deve preferir, então a grande subida desde o portico faz-se a pé, por entre as capellas em que se representam os differentes passos da paixão de Jesus, seguindo sempre direito pelas escadarias onde se elevam successivamente e sobre fontes as cinco estatuas dos *Sentidos,* depois as das *Virtudes,* até ao formoso terreiro da sussurrante cascata de Moysés, um espaçoso adro com as estatuas de Annaz, Caiphás, Herodes, Pilatos, José de Arimathéa, Centurião e Nicodemos, e n'esse adro, finalmente, erguido o templo elegante do Bom Jesus, em cuja capella mór está figurado o Calvario, como desenlace da memoravel tragedia. E toda esta longa subida, principiando no portico e terminando no templo, por entre arvoredos, jardins, flores, ao doce murmurio das fontes, aos cantos de milhares de aves, até rematar no adro, d'onde se avistam as campinas esmaltadas, adiante das campinas Braga recostada, para lá de Braga os montes, e para alem dos montes o mar.

II

Entrei já de noite no hotel da Boa Vista, com a an-

cia da curiosidade com que Dupaty entrára tambem de noite em Roma.

Ao chá tive logo occasião de conhecer o sr. João de Paiva, que sem delongas apresento ao leitor.

O sr. João, o popular creado do hotel da Boa Vista, achava-se encostado á mesa da casa de jantar, conversando com um hospede que estava ceiando.

Parecia um rapazinho na altura. Rosto rapado, pelle branquissima, duas grandes rosetas nas faces, gaforina alaranjada, farta e encaracolada, como um resplendor. Olhos grandes e vivos, talento natural, um doutor, todo elle cheio de expressão e com intimativa nos argumentos, a que não havia que responder. Uma voz fina e precipitada, dizia aos hospedes que sim a tudo, como os creados dizem, mas cumpria-o, e esse era o milagre do sr. João de Paiva.

Consagrava aos hospedes sorrisos e affagos, ás hospedas adoração em segredo, e nos olhos a involuntaria denuncia d'ella.

Quando acabou de conversar e se desencostou, a figura, que parecia de um menino, ergueu-se toda e repentinamente se tornou a abaixar, produzindo o effeito de um d'estes lagartos de feira, cujo enxadrezado vae por ali fóra, quando as creanças o impellem. Assim era o andar do João, por uma circumstancia

especial: porque uma das pernas tinha mais um palmo de altura do que a outra, de modo que, ao subir a perna maior, subia o sr. João todo, e todo descia instantaneamente quando a outra perna entrava em scena.

No moral um coração bondoso, em sua pessoa uma gravata escarlate, camisa sempre alva e o rosto sempre rosado, completavam-lhe a individualidade.

O sr. João de Paiva reune os tres generos: é masculino, feminino e neutro.

Masculino, porque vive legitimamente no estado de casado, com uma formosa rapariga, que já lhe deu tres robustos filhos.

Feminino, porque todo elle é suavidade e doçura.

Neutro, porque no serviço do hotel tem nos quartos das senhoras as mesmas entradas que nos quartos dos homens.

Apesar de excellente esposo, suspeita-se que o romantico João de Paiva dirige ás creadas olhares e comprimentos um tanto suspeitos.

Uma vez vi-o eu dar um abraço n'uma creadinha loura, abraço que me não pareceu muito fraternal, e, com algum espanto, afigurou-se-me que o abraço não tinha sido devidamente repellido.

Fiquei a trinar no abraço do sr. João de Paiva, e

perguntei á lourinha como se deixava assim abraçar, pelo menos sem a classica reclamação.

—Ora essa! respondeu-me ella, *aquillo* é uma cousa que para ali está.

O nosso João de Paiva, com o direito de ser *uma cousa que para ali está*, ia-se indemnisando da sua vida trabalhosa, dando abraços para a direita e para a esquerda. Ó leitor, quem te déra a ti (e a mim tambem), quando andas pelos hoteis, seres *uma cousa que para ali está*, não?

III

Passo uma noite alvoroçado, levanto-me cedo, corro á janella, mas ao abri-la recuo instantaneamente. Sinto a vertigem da admiração. Vem o desejo de querer ter ali pessoa amiga para lhe confiarmos as nossas impressões, vem a ancia de idéas elevadas ou de acções generosas. A impressão repentina é a da grandeza formosa. O espirito quer abranger tudo, e não póde abranger nada.

Cansei n'um momento. Chego uma cadeira, sento-me, no instante de me sentar levanto-me logo inquieto. Não sei se é o sentimento involuntario da admiração, ou o anceio que a alma experimenta de

se lançar por aquelle espaço fóra. Contemplo extasiado; porque se quero fixar a vista, parece-me que ella me foge.

Imagine-se uma bacia immensa rodeada de serras, chegando-se a divisar os pincaros do Gerez. O terreno é uma alcatifa de verdes, variadissimos, um como oceano da mais luxuriante vegetação. Sobre esta immensa alcatifa, pittoresca pelos contrastes, milhões de arvores, carvalheiras, gingeiras, sôbros, choupos, cyprestes, castanheiros, cedros, formam combinações mais ou menos escuras contrastando com a verdura dos campos. Pelas diversas partes da planicie, quadros phantasticos de cemiterios, pequenos valles, encostas bordadas, simulacros de castellos, fileiras de platanos figurando quadrados de infanteria, bosques, jardimzinhos, amphitheatros mais escuros, suppostos labyrintos, relvas tão lisas que as teriamos por pinturas se as não soubessemos verdadeiras, e resaltando de toda esta bacia, aqui, alem, acolá, alvas povoações, casas soltas, umas, como as *coquettes*, a desafiarem voluptuosamente o olhar, outras como as meigas a espreitarem modestamente por entre a verdura; igrejas com suas torres; cortando toda essa extensão, estradas brancas parecendo serpentes a fugir; á esquerda espreguiçando-se desdenhosamente a cidade de

Braga; adiante d'ella uma nesga do rio Cávado afigurando um lago reflectindo o sol.

Para alem do grande reconcavo ergue-se uma linha de monticulos, toda recortada, especie de tribuna, que, rota para um dos lados, deixa ver ao longe um quadro dos que Rafael copiava nas suas Madonas quando a natureza viva lhe saltava dentro do cerebro.

Para alem d'essa primeira tribuna de monticulos, outra linha como segunda tribuna; ainda mais ao longe, nos extremos do horisonte, a grande linha das serras, não já verdejantes como as da primeira, nem de côr terrea como as da segunda, mas cinzentas, e, para alem d'ellas, só a imaginação.

E todo este panorama, alumiado pelo sol de agosto, para nos patentear um assombro, e depois, com as saudades d'elle, nos deixar o sonho de um paraizo!

Vizella apresenta um quadro fechado, encerrando o homem, e separando-o do resto do mundo. Exactamente o contrario é este immenso panorama do Bom Jesus. Não é o labyrinto de flores em que o homem se encontre graciosamente perdido, mas a magestade do espaço que nos levanta a ambição de devassar o incognito.

Sim, o incognito, a ancia eterna d'este espirito insaciavel, que se desperta quando se lhe apresenta

uma d'essas maravilhas, como o firmamento, o oceano, sombras apenas da luz em que elle quer inundar o pensamento; o incognito, o grande empenho, nunca jamais conquistado, e cada vez mais vencido, segredo que a mãe suppõe descobrir no primeiro beijo do filho, o poeta no mais querido dos seus poemas, o nauta na ilha que descobre, e cada homem na realisação do seu desejo mais ardente. É o descobrimento do incognito a ambição da alma ao espraiar a vista pelo quadro do Bom Jesus.

Eu subi ao Vesuvio, e de lá admirei um oceano de cinzas; subi parte do monte Branco, e vi um oceano de neve; fui, na ilha de Ischia, ao alto do elevadissimo ponto do *Epoméa*, e enfeitiçaram-se-me os olhos com as impressões napolitanas; embalei-me no lago de Genebra, ao qual Chateaubriand agradecia o ter podido lavar com lagrimas as saudades da patria; atravessei os Pyrenéos ao raiar de uma alvorada em que as nevoas côr de rosa se abriam como cortinas para no-l'os mostrar; vi os Alpes phantasiosos; vi os Appeninos encantadores; mas esta belleza do alto do Bom Jesus do Monte produz-me a impressão mais viva de quantas a minha alma sentiu.

Estou só; mas parece-me que diante de uma tal formosura, se tivesse aqui sobre os meus joelhos um

filho e o cobrisse de beijos, se aqui tivessse uma mulher adorada e a enlaçasse em meus braços, seria feliz na suprema verdade da palavra.

É n'este instante que me vem entregar o *Diario de Noticias*. Que me trazia elle hoje? A ingratidão da França com Thiers que a salvou? a pertinacia fechando os olhos aos gemidos das classes populares? a fome dos que trabalham? o suicidio de covardes? a exposição de alguma creança por mulher que unicamente soube ser mãe para renegar o fructo das suas entranhas?

Oh, meu caro *Diario de Noticias*, poupa-me hoje, a mim que te leio todo o anno, essas infamias dos homens e essas cegueiras dos governos. Deixa-me, n'este deserto do mundo, esquecer-me de leis, de ministros, de ambiciosos, de exercitos, de egoistas, de conquistadores, para aqui, mais perto de Deus, á sombra amiga d'estas arvores, defronte da luxuriante verdura d'esta natureza, ao suave perfume d'estas flores, ao rumor meditativo d'estas aguas, purificar o meu coração, adoçar os meus sentimentos, e abrir a minha alma a tudo quanto é grande, no seio de tudo quanto é bello!

. . . .

Arrancando-nos finalmente ao esplendido panorama cansados da formosura, atravessemos o largo do hotel

da Boa Vista, escolhamos qualquer dos muitos sitios do Bom Jesus, onde a basta sombra das arvores ou a toada melancolica das fontes nos attráhia mais, prefiramos n'este momento seguir pela soberba alameda das carvalheiras, passemos pelos homens que lêem os jornaes, pelas senhoras que estão conversando, pelas meninas que sonham com o amor, pelas louras creanças que doudejam como as borboletas. Prosigamos ao som d'aquellas fontes e sempre debaixo do copado arvoredo até ao espaçoso terreiro dos Evangelistas, rodeado de fontes e capellas; junto á da Ascensão lancemos a vista para a formosa paizagem de um verdejante valle, e entrando na alameda que vae ter á *Mãe de agua*, embrenhemo-nos na grande mata.

N'um abrir e fechar de olhos mudou a scena da natureza, e com ella as impressões da nossa alma.

Que é do mundo que, momentos ha, ainda eu via? Sol, bosques, labyrintos, prados, flores, casaria, tudo desappareceu. Estamos sim na grande extensão, mas apenas entreaberta por milhares de arvores, altas, enxadrezadas, solitarias. Estamos em plena mata, no ermo, na concentração.

Cortando vagarosamente o immenso labyrinto de arvoredo sombrio, espesso, tomámos o longo caminho de zig-zagues, que do cimo da mata vem sempre em

descida costeando a montanha, descemo-lo, parámos, tornámos a descer, tornámos a deter-nos. Se olhâmos para traz, para o alto, vemos thronos sobre thronos de arvoredo; se olhâmos para baixo, vemos abysmos sobre abysmos de verdura; e não já em alvoroço, mas em meditação recostámo-nos debaixo d'aquellas arvores gigantes, ás quaes pedimos hospedagem e conforto.

Sumiu-se o panorama arrebatador que pouco ha, no alto do Bom Jesus, tiveramos aos pés; apenas entrevemos agora espaços de azul pelos altos arrendados dos verdenegros cedros. Com os olhos meio cerrados entreouvimos, não sabemos d'onde, cantos tristes das aves, a melancolica chiada dos carros, o choroso sussurrar de fontes. Uma aragem ligeira roça-nos pelas faces, parecendo murmurar-nos ao ouvido uns segredos que nos impressionam. Já não nos sorri o espirito, nem quer alvoroçado lançar-se por aquelle espaço fóra. Percebemos o nosso rosto a tomar as linhas serias. A meia tinta da tarde sombreada pelo bosque representa a meia tinta do nosso coração sombreado pela melancolia. Cae-nos insensivelmente da mão um livro do immortal Camillo de que sáem as lividas figuras de D. João de Azevedo, de José Augusto, de Fanny Owen, de Maria, que passearam e

amaram n'este sitio, que talvez aqui estiveram assentados n'este mesmo logar; e com o livro caído e a cabeça encostada a uma arvore olhando por todo esse espaço, mas quasi que não vendo nada, sentimos o nosso *outro eu* despertar em nós, e calados conversâmos com elle.

Então esse *outro eu* no silencio d'este bosque vem trazer-nos aqui as pessoas que amámos, os sitios que nos encantaram, os dias que nos correram felizes, as esperanças que se nos deslisaram risonhas, as ambições do bem e do justo que nos povoaram a imaginação, tudo quanto nos foi grande, bello, amoravel, e pouco a pouco sentimos que as lagrimas nos humedecem as faces, e a nossa alma quer-se arremeçar para o caminho já impossivel, para o caminho do passado.

É a hora da saudade.

Da saudade: sorriso formado de lagrimas.

Assim passámos muito tempo ali, muito.

Continuámos a descer a mata. Viemos saír do lado esquerdo do templo, onde se estende a grande alameda, que deita para o esplendido panorama.

Ao fundo está-se a pôr o sol, o sol do Bom Jesus do Monte!

Os raios afogueados, rompendo as nuvens, representam-nos scenas e figuras phantasticas, que succes

sivamente se vão transformando n'outras scenas e figuras. As miragens illudem. Lá está Moysés, um Moysés colossal, assentado, com os dois raios na cabeça, barbas compridas, e as tábuas da lei nas mãos. Lá se transfigura n'um perfeito pagem do seculo XVI. Lá apparecem leões e outras feras. Por fim, na frente, no extremo do quadro, pela combinação do esbranquiçado das nuvens reflectindo os raios frouxos do sol, vemos os montes tomando a fórma horisontal converterem-se n'um immenso mar com sua grande enseada, e banhada por ella uma cidade completa.

Maravilhoso espectaculo!

IV

Mas ahi vem chamar-nos o sr. João de Paiva com o sacco de noite na mão. Forçoso é deixar o Bom Jesus do Monte. A carruagem espera por nós á porta do hotel da Boa Vista.

Custava-nos a arrancar d'aquelle quadro delicioso, d'aquella espessa floresta, d'aquellas sombras feiticeiras, d'aquelles jardins, d'aquellas fontes, d'aquellas alamedas. Já na vespera, quando deviamos partir, tinhamos dito «ámanhã»; e agora só por vergonha não tornavamos a dizer «ámanhã».

Ahi vou, João, ainda vou.

E ainda não ia.

Emfim não ha remedio.

Adeus, João, dá-me cá um abraço de despedida, e perdôo-te a cama de cannas e de nós que me déste na primeira noite pelo encanto do Bom Jesus, a perola dos campos portuguezes.

Despedi-me dos hospedes, meus amaveis companheiros, que estavam no hotel da Boa Vista, e a carruagem partiu para Braga. Vinha ainda no meio da descida, e, como succede quando nos acabâmos de apartar da mulher amada, queria já voltar para o Bom Jesus do Monte com a ancia da saudade, como se o não tivesse visto ha um seculo.

CAPITULO IX

UMA INSOMNIA

I

Leitor amigo, nunca tiveste uma insomnia? Pois não sabes o que perdeste.

Quasi todos têem uma ama. Duas me aleitaram a mim dois annos e meio.

Eram ellas as mais santas velhinhas d'este mundo. Uma residia na vizinhança das Caldas da Rainha, a outra na Trafaria. A Providencia é que permittiu que vivessem em dois polos, porque, sendo em verdade as almas de mais virtude que tenho conhecido, só n'uma cousa pareciam dominadas pelo demonio: quando se encontravam ambas na casa onde tinham creado.

Amavam-me, as santas velhinhas. E é tão bom ser

estremecido da velhice! Parece que chovem benções d'aquelle amor; que nos vem felicidade d'aquelles cabellos brancos; que nos traz socego aquelle fallar compassado; que nos torna melhores aquelle espirito desambicioso, já desilludido do mundo, e a meio caminho de Deus!

Ao principio tinha de inventar esconderijos, quando me appareciam ambas em casa. Mettia cada uma em seu quarto differente. Jantar para a ama Delfina, jantar para a ama Ignez, e eu no meio d'aquella comedia, gostando muito de ambas, mas sem tempo nem paciencia para aquelle jogo das escondidas.

Um dia deu-me na cabeça fazer as pazes entre ellas; lá estão abraçadas. Fomos jantar. A ama Delfina ficou á minha direita, a ama Ignez á minha esquerda. Fez-se saude ao sr. Justo, marido estremecido da primeira, e ao sr. Manuel, filho modelo da segunda. A sr.ª Maria Joanna Nogueira, minha cozinheira, com o seu genio frenetico, mas com o seu coração admiravel, approvava o projecto espreitando de uma porta, e o sr. José Bisouro ainda mais o approvava, porque em logar de servir a tres jantares separados, servia a um só.

Devo aqui dizer entre parenthesis que a sr.ª Maria Joanna Nogueira, na guerra franco-prussiana, era

grande enthusiasta dos allemães. Queria a França arrasada, e por uma unica rasão, por espirito de nacionalidade como portugueza de lei. Não podia levar á paciencia ver no Chiado as modistas, os cabelleireiros, e sobretudo, na rua do Loreto, as malditas padeiras francezas «a chuparem o dinheiro aos pobres portuguezes». Um dia, porém, cáio das nuvens. A sr.ª Maria Joanna virára a casaca, ou antes, para não ferir o melindre do seu sexo, virára o vestido. Não havia maldições que da sua bôca não chovessem sobre o *barbatanas* do rei Guilherme (expressão d'ella) por mandar matar mulheres e queimar povoações. O reviramento politico da sr.ª Maria Joanna fôra o mais desinteressado possivel, o que suspeito que marcasse excepção aos reviramentos de igual natureza.

Continuando o fio da narrativa, as minhas duas amas, quando viram feitas as pazes, riram-se, recordaram-se do tempo da sua creação, contradisseram-se em tudo, e só foram unanimes n'um ponto: em ter sido a creança martyr de insomnias.

Fiquei então sabendo que a logica das insomnias lográra a ventura de se não desmentir em mim.

Tinha vindo do Bom Jesus do Monte incommodado, deitei-me a ver se o descanso me consentia o proseguir na minha digressão.

Todos se deitam na cama julgando ser a cousa mais natural. Pois é a cousa mais aventurosa que ha.

O somno parece-se com a mulher. É doce, mas incomprehensivel. Quando, cheios de confiança, deitâmos a cabeça no travesseiro, é quando vamos padecer uma tremenda espertina. Quando receiâmos passar uma noite cruel, é quando adormecemos logo, e dormimos como um inglez.

Deitei-me com toda a confiança, pensando em tudo menos na confissão das minhas amas sobre as espertinas.

Mas o homem põe e Deus dispõe.

O meu quarto no hotel real era na sala. Alem da porta da entrada tinha duas portas lateraes para quartos de hospedes. O leito ficava defronte de duas janellas.

São necessarias estas explicações, porque janellas, portas, corredores, tudo se tinha ajustado para entrar em scena, tudo, n'aquella noite mysteriosa.

As horas, meias horas, quartos de hora, lançados successivamente de cada um dos cinco relogios, dois do hotel, um da sé, outro da igreja de S. João, e outro da de Santa Cruz, todos vizinhos, e todos regularmente desacertados, como honra e direito é dos relogios, vieram trazer-me á lembrança, sem interrupção, a lugubre verdade «mortal, o tempo vôa».

Sim, voava, graças sobretudo á regularidade dos augustos relogios bracharenses.

Ainda quiz ver se levava de vencida as meias horas; mas quando chegava a inferneira das horas, então, Santo Deus, era impossivel.

Empreguei os recursos sabidos. Entrei a pensar em cousas tristes, a jurar de mim para mim que não tinha insomnia nenhuma, e a insomnia a rir-se; entrei a ver se não fixava o pensamento, e o maldito a fixar-se-me cada vez mais.

Tomei então uma resolução desesperada: metti a cabeça debaixo da roupa.

Momentos depois rompeu o fogo o quarto da esquerda. Um d'estes resonos, cujo som é sempre igual ao som antecedente, e áquelle que se vae logo ouvir, traspassou a porta e soou no espaço. Era o resonar composto de 3 litros de vinho verde e de 1 kilogramma de carne por dia em equilibrio com a tisica da intelligencia. O resono saia soberbo, cheio, ao mesmo tempo tremulo, sempre em *crescendo,* terminando n'um meigo falsete que lhe ficava a matar, e tão certo retumbava de instante a instante, que se diria marcada a compasso cada martellada d'aquelle relogio animal.

Faltava-me esta! Os lençoes já me não podiam ser-

vir de reducto para uma tal artilheria. Esperarei o inimigo a peito descoberto.

E o animal a roncar... a roncar...

Veiu-me então uma idéa. Enfurecer-me, não. Elle sabia lá que eu existia! Comecei a analysar o magistral resono pela feição artistica, a saborear aquella perfeição de escalas, aquella harmonia de sons, e acabei por pedir a Deus que me prendasse com tão sonora manifestação do bello.

Foi no meio d'esta resignação, por mim dourada o melhor que eu podia, que do lado opposto principiei a ouvir uns gemidos de senhora, não afflictivos, antes brandos, que se perdiam por entre os roncos antipathicos no meio de uma insomnia atordoada por quasi todos os lados.

Por todos, direi melhor; porque, a esse tempo, já duas trovoadas espantosas se tinham agglomerado sobre a cidade, e na minha frente luziam quasi sem descanso relampagos que assombravam, trovões de envolta com trovões atroavam os ares, e a tempestade subindo ao auge desatava-se com tal ruido, que as pedras do tamanho de ovos de pomba, ou ainda maiores, pareciam despedaçar janellas, telhados, e a claraboia. Os hospedes do ultimo andar, desorientados, tinham saido para o corredor, suppondo talvez

ser algum abalo de terra. De manhã appareciam despedaçadas duzias e duzias de claraboias. Na praça municipal o chão das alamedas via-se juncado das pobres avesinhas que a tempestade não respeitou nos arvoredos que lhes costumavam ser abrigo. Não havia memoria de tempestade assim [1].

Pois o lapuz roncava sempre. Conta-se que no grande tremor de terra em Lisboa no anno de 1858 houve um homem que o não sentiu, estando mesmo na rua. Ía pelo Rocio n'uma sege a toda a brida. Rompe o tremor. O homem vê toda a gente como louca, uma parte do mulherio a correr com as mãos na cabeça, outra parte como a pedir misericordia, os homens ás portas das lojas, alguns a fugirem para o meio da praça, e elle a imaginar que toda aquella gente estava douda, quando doudo, pelo socego em que se achava, o reputaria Lisboa inteira se o visse a elle ir-se a rir d'aquella assolação.

O meu vizinho não ria, como o lisbonense, o que elle fazia no meio d'aquella Babylonia era resonar. Ainda por entre os trovões e relampagos se lhe ouviam os roncos, como do outro lado os queixumes femininos, doloridos, mas resignados.

[1] Veja-se para a verificação d'estes factos o *Commercio do Minho* (jornal de Braga), n.º 88; e o *Commercio do Porto*, n.º 189.

Has de confessar, amigo leitor, que para endoudecer dentro do meu quarto não faltava mais nada. Relogios apostados a fazer o seu dever, os roncos furiosos de um animal, gemidos de alguma infeliz, coriscos, trovões, o céu abaixo com pedras, uma claraboia a espedaçar-se por instantes, eram de certo mais para resuscitar um cadaver do que para conciliar o somno a um espertinado.

Produziu finalmente o seu natural effeito a reacção. Adiantada já a manhã as palpebras obedeceram, e um somno inquieto de algumas horas, em que se me representava todo aquelle cahos dentro da cabeça, foi-me cortado pelo sr. Manuel que entrava pelo quarto dentro quasi sem tempo de me dar os bons dias, pondo-me sobre a cama a enorme bandeja que me prendia os movimentos.

Tem explicação logica a pressa do sr. Manuel, entidade que figura em scena n'estes apontamentos pela primeira e ultima vez.

O hotel real, o primeiro de Braga, está sempre cheio de hospedes. Alem dos almoços, do jantar de mesa redonda e de muitos jantares em separado, ha todos os quartos que arranjar. Quantos creados suppõem que tinha o hotel n'essa occasião? Um só, o sr. Manuel! Por isso este milagre vivo, vestido de homem,

gosa de uma particularidade: assim que pára, fica estatua de pedra. Como de seu natural tem a cabeça um tanto curva, suppõe o hospede que elle está a ouvir o que se lhe pede, e o que elle está é a dormir. As unicas palavras que, sem consciencia propria, lhe sáem dos labios são: «Sim senhor, sim senhor». Como não tem tempo de obedecer a ninguem, ao menos diz a todos que sim. Certa manhã não apparecia o sr. Manuel no hotel real. Procurou-se tudo, tornou-se a procurar; nada! Tinham perdido a esperança de o achar, resmungava-se já a palavra suicidio como refugio a que se abrigára aquella insana lida, quando um hospede vem a correr pedir as alviçaras. Fòra encontra-lo a dormir no recluso aposento onde menos se suppunha que o sr. Manuel tivesse deixado esquecer a sua respeitavel pessoa. Aos pés achava-se o castiçal em que devia ter acabado de arder uma vèla de que já não existiam senão os restos.

Perdendo pois a esperança de que o sr. Manuel me servisse, tratei de me servir a mim mesmo, não mexendo as pernas, pedindo encarecidamente ao bandejão que não fizesse das suas, e depois de almoçar, vesti-me, sentei-me n'uma cadeira e entrei a pensar na scena da vespera.

Nada! disse de mim para mim, quero conhecer to-

dos os actores da comedia, ou antes drama, em que me envolveram.

Vi a claraboia, os estragos da chuva de pedra, os relogios, e ao jantar fui á mesa redonda.

III

Dois olhos castanhos, ramalhudos, languidos, d'aquelles em que a alma se espelha; uma pallidez onde se adivinhava que tinham florido rosas; um sorriso desmaiado que fôra a graça, convertida agora em saudade; vinte annos; uma elegancia que zombava da simplicidade; uns caracoes ondeados que lhe vinham cair no seio; e de vez em quando uma ligeira tosse que lhe morria entre os labios descorados: era ella. Estava tisica no ultimo grau.

A alma d'ella era o que revelavam aquella figura simples e aquelle meigo rosto. Não ha rosto humano que não seja um livro. N'aquelle rosto lia cada um: «Sympathisae commigo».

Tendo chegado mais tarde á mesa, deram-me o unico logar desoccupado, defronte d'ella. Como era natural fallou-se da tempestade da vespera, e das suas peripecias. Cada um mencionava o quarto em que

ficára para relatar a impressão da chuva torrencial.

— Eu fiquei na sala, disse eu para o nosso grupo.

A estas palavras levantou ella os olhos, e disse-me com um sorriso triste que forcejava por ser alegre:

— Na sala? Havia de passar bem mal, pela noite cruel que a minha tosse lhe deu.

— Passei, minha senhora, mas não foi v. ex.ª que m'a fez passar mal.

Basta qualquer circumstancia, quando se torna commum, para abrir relações. Foi o que nos succedeu.

A historia d'aquella meiga rapariga é simples. Amou, padeceu e ia morrer.

Um dia, um d'estes dias fataes que ha na vida, encontrou-se casualmente com um rapaz. Amaram-se. O pae, que a adorava, que não via na terra outro ente, nem na phantasia outra imagem, pediu-lhe que não casasse com elle. A filha havia de herdar grande riqueza, emquanto o rapaz nenhuns haveres possuia. O pae suppoz que a filha, a sua adoração, era amada pelo dinheiro, e que o dinheiro a faria desgraçada.

Um dia chamou-a, deu-lhe um beijo, e pediu-lhe que deixasse aquelle rapaz.

Ella, que tambem adorava o pae, esteve muito tempo calada, a olhar para o chão; e depois... respondeu-lhe que sim.

Á noite foi para o quarto, deitou-se, e levou-a toda a chorar.

Decorridos mezes tornou o pae a chama-la, fallou-lhe n'um amigo, de excellentes qualidades, e que de certo a havia de fazer feliz. Acrescentou que podia morrer de um dia para o outro, que ella ficaria só no mundo, e pediu-lhe que desposasse aquelle homem.

Ella por algum tempo se calou, poz-se a pensar, a pensar, e depois... respondeu-lhe tambem que sim.

Quando se foi deitar, tirou do seio um retrato, e passou toda a noite a olhar para elle. Os olhos não choraram. O que a alma faria, não n'o disseram os olhos.

Casou.

Uma tarde, no passeio, deu-lhe um desmaio. O pae disse-lhe que fôra de ter passeado muito. Ella respondeu-lhe que sim, que seria de ter passeado muito, mas não era. Tinha-o encontrado a elle pela primeira vez depois de casada.

Passado tempo, uma noite que vinham do theatro, deitou sangue pela bôca. Tentou escondê-lo ao pae, mas o pae era pae, percebeu e estremeceu todo. É que no theatro o tornára a encontrar n'aquella noite.

O pae tinha-a querido fazer feliz, e matava-a.

Tem andado de campo em campo a pedir ás arvores mais alguns dias de misericordia.

Vae morrer, como a pomba, da nostalgia do amor.

Vae morrer de saudade.

IV

N'esse jantar é que o sr. Manuel me deu a satisfação de eu conhecer o meu amigo, principal origem da minha insomnia. Já d'entre os outros o tinha adivinhado. Cabello hirsuto, um palmo de testa, cabeça larga e chata, avinhado das faces, atoucinhado dos lombos. Estava em Braga a negocios, com outro amigo, segundo tomo d'elle; e um terceiro, amigo commum, ficára na aldeia para se corresponder com ambos.

Tão cansado me deixára a noite, que fui repousar no leito pelo correr da tarde. Mal tinha deitado a cabeça no travesseiro, ouço o meu vizinho entrar para o quarto, e o leito ranger á quéda do brutamontes.

—Temos historia, digo de mim para mim, ahi vem a trovoada do resono!

Minutos depois batem-lhe á porta, como se fosse á de uma quinta, e entra o amigo.

—Pega lá as cartas que chegaram da terra. Estas são para ti.

Sabe-se a costumeira que têem certos homens de fallarem tão alto, que se ouve tudo quanto dizem. Reputam-se unicos donos dos hoteis, incommodando os outros hospedes em tudo e por tudo.

—Venham de lá, retorquiu o asselvajado, parecendo, pelo tremor do leito, que se assentára, e principiou a ler alto, ou antes quasi a soletrar, pondo tanto intervallo de palavra a palavra como de syllaba a syllaba.

Só exporemos o paragrapho que interessa á nossa narrativa.

—«... Agora passo a dar-te parte da grande tramoia que por cá vae. A mulher do nosso amigo anda perdidinha, chegou ás ultimas...»

Aqui o amigo, que escutava a leitura, devia sentir um calefrio de alto a baixo, mas deteve-se de certo para saber a revelação. O bruto continuou a leitura da carta:

—«O caso já é publico em toda a aldeia. Dês que vossês d'aqui abalaram que a mulher anda desencabrestada com o sobrinho d'elle mais velho, com o louro. P'ra se pôr côbro n'este desatino vê se o botas para cá quanto antes, amigo José...»

Ao chegar a este ponto deram ambos um grito ao mesmo tempo.

—José és tu, bradou o brutamontes, saltando da

cama para baixo, o sobrinho louro é o meu sobrinho... Mas a carta é para mim!

—Espera, homem, gritou o outro, convertendo o furor em alegria, deixa ver o sobrescripto; e leu:

«Ill.^{mo} sr. José dos Malhos».

—Ora esta! continuou o amigo (deixando cair a carta que o Manuel me deu no dia seguinte), a carta era para mim e dei-t'a por engano com as outras.

O homem, de certo com os lombos a derreterem-se-lhe, parecia vestir-se á pressa, e ao sair exclamou para o amigo:

—Com que então p'los modos é a minha mulher que... Se os louros têem sido a perdição d'aquelle grande demonio... Espera, que eu a vou ensinar...

—A boas horas! respondeu-lhe o amigo.

—Verás.

—Então partes?

—Já, retorquiu elle entre a porta.

—E a conta da hospedaria?

—Pague-a vossê.

E as patadas da alimaria foram-se perdendo pelo corredor fóra.

Bravo! Levantava-me do leito e ganhava uma tarde. Tinha a noite por minha. Bemaventurado louro, que me vingava da insomnia da vespera!

CAPITULO X

FORMOSO TRAJECTO DE BRAGA A PONTE DE LIMA E VIANNA

I

Bellissimos são os arrabaldes de Braga, como os de quasi todas as povoações do Minho. Não fallando já do Bom Jesus do Monte, que é uma especialidade, quem se não deliciará no alto da Senhora de Guadalupe? na ponte do Bico, onde, alem de admirar a notavel construcção e elegancia da ponte, se recreia nas duas vistas oppostas que d'ella se desfructam, uma toda vegetação brilhante, outra no genero silvestre, com seu *chalet*, photographando um quadro da Suissa? e no panorama que se gosa de casa do sr. visconde de Montariel? e n'outros tão variados como formosos?

Esta riqueza luxuriante dos arrabaldes de Braga ia

admirando eu na manhã de 4 de setembro quando seguia a minha viagem em direcção a Ponte de Lima e Vianna, com pena de que uma circumstancia fortuita me impedisse de dirigir o itinerario directamente pela Ponte da Barca, segundo me tinham aconselhado.

Que surpreza porém não foi a minha quando no decurso da estrada de Braga para Ponte de Lima conheci que o transtorno se me convertêra em felicidade?

É uma das cousas mais deliciosas d'este mundo, a surpreza. Vamos ouvir uma opera em que não tinhamos fé, assistir a uma peça de que desconfiavamos, encetar um livro que não esperavamos fosse um primor, e de repente principiâmos a interessar-nos, depois toma-nos o enthusiasmo, por fim não nos podemos arrancar de qualquer d'aquellas manifestações do bello, tanto mais encantadora quanto menos esperada.

Foi o que me succedeu desde que sai de Braga para Ponte de Lima.

Ora, meu caro leitor, já que tens tido a paciencia de me acompanhar até este ponto da minha viagem por estas feiticeiras paizagens do nosso Minho, consente que, em vez de concertar os meus apontamentos, os vá lançando em completo desalinho, e que não faça mais, agora mesmo, do que abrir a minha car-

teira descosida e transplantar o que o lapis, ás vezes bem rombo, ia apontando de narrativas e de impressões subitas.

. . . .

Que valle á esquerda este, logo ao sair de Braga! O valle do Cávado. Como a vista se espraia por esses pomposos quadros de verdura!

—Como se chama este logar, cocheiro?

—S. Jeronymo, senhor.

A carruagem seguia.

—E este agora?

—Pragoa.

Subo para a almofada. Quero gosar, em cheio, d'esta belleza.

Larga vista de planicie substituindo gradualmente o valle. Montanhas ao fundo. Taboleiros grandes e bellos de arvoredo esmeralda. As arvores sem conto, cobertas de folhas a não poderem mais. Muitas d'ellas enramadas de videiras. Passâmos pelos logares de S. Braz do Carmo, de S. Pedro de Merolim.

Raparigas alegres, affaveis, conduzindo carros. Muitas mulheres pelo caminho, e nenhuma sem ir a fiar, para não perder o tempo. Vae a estrada cheia de camponezas. Impressiona deveras este affan e trabalho da minhota.

Oh, que formoso rio lá adiante!

—Vamos passar por aquella ponte, alem?

—Sim, senhor. É a ponte do Prado.

Atravessâmos a larga e pittoresca ponte.

Chegamos ao meio d'ella.

—Pára, cocheiro, deixa-me gosar isto bem.

A carruagem pára no meio da ponte.

O rio Cávado, ao qual desde a ponte do Bico vinha reunido o rio Homem, corre largo, soberbo, todo senhor de si, por entre margens risonhas e espaçosas.

Já do meio da ponte se avista a aldeia do Prado, á qual nos vae a ponte conduzir, aldeia meio escondida entre verdura como a deixar-se namorar, mas com recato, sem ainda dizer que sim.

Desembocâmos da ponte.

Largo extenso. A aldeia do Prado faz-nos negaças na frente e no lado direito. O cocheiro desagôa os cavallos. Oito horas já! Suppunha ter saido de Braga ha tres quartos de hora, e caminhavamos havia duas.

Vamos.

Não é fóra de proposito esta momentanea aridez em seguida ao logarejo de Freiriz. Seriam tão brilhantes os dias se as noites lhes não fizessem providencial contraste?

E a prova é que já a carruagem segue por entre

lindas arvores. Dois escuros semicirculos de pinheiros, cada um de seu lado, encravados em verdura. Principia a estreitar o caminho por entre um formoso arvoredo baixo e copado. Parece que atravessâmos por um jardim. A estrada, uma fita branca, vae estendida por ali fóra, contrastando com a vegetação verdissima.

De repente estremeço.

Que é?

Uma das maiores surprezas da digressão. Rompe-se o arvoredo da esquerda quando menos se espera, e a estrada mostra-nos, como de uma varanda sobranceira, a aldeia de Queijada, vista pela parte superior, e tanto a igreja como as casas parecendo nadar por entre as ramagens do arvoredo que fica lá em baixo. Que formosura!

Á surpreza do repentino apparecimento, verdadeira scena de theatro, succede-se outra surpreza, que é o desapparecer tudo aquillo n'um abrir e fechar de olhos, porque o arvoredo da estrada cerra-se de novo como peça de entrudo.

Ainda olhâmos, a querer apanhá-lo. É inutil.

Fica-se com saudade.

Não fica. Lá torna a entrever-se quando a estrada rodeia á esquerda. Queremos segurá-lo outra vez

para o não deixarmos fugir, mas o ingrato foge-nos de novo, ou antes o arvoredo da estrada fecha-o como um cortinado.

A vegetação vae tão conchegada a nós que parece necessario pedir-lhe licença para deixar passar a carruagem. Reabre. O lindissimo valle mostra-se então mais francamente. Podéra! como já lh'o não pediamos!

Fecha a seu tempo, e estreia-se outra novidade.

A estrada vae toda serpeando. Um arvoredo muito alto, espesso e unido, forma de ambos os lados duas paredes de verdura lisa, mas como segue o caminho todo em *ésses*, a parede verdejante da direita vae-se tambem deixando formar em parede na retaguarda, a parede da esquerda vae-se formando em parede na frente, de modo que o viajante caminha successivamente por entre salões verdes, e tendo por tecto o céu azul-claro.

Os formosos salões passam durante pouco tempo a ser de pinheiros, o que os escurece momentaneamente, para d'aquelle contraste retomarem a brilhante vegetação esmeralda.

Rompem-se por fim as paredes d'esses phantasiosos salões, e a vista espraia-se por uma larga planicie de verdura.

Grande descida. Ao longe a vastidão descortinada; o caminho estreita. Vamos já passando por casaes, e depois por outros, mais outros e ainda outros, encontra-se mais gente campesina, o trafego denuncia povoação importante.

Ponte de Lima!

Venho encantado.

II

Corta-se a villa pela praça, e ao desembocar na extensa alameda, que borda o rio, sente-se de repente o sobresalto que produzem as cousas grandiosas.

As margens do Lima!

Do rio que os antigos consideravam (segundo se diz) o esquecimento de todas as delicias do mundo e de todas as impressões da alma.

É aqui o ponto de vista arrebatador da afamada villa.

Defronte do hotel, e parallelamente a elle, em extensão immensa, uma alameda; duas correntezas de choupos, cujas copas curvadas umas para as outras formam uma perfeita abobada de verdura até á ponte, seguindo d'ahi até á ermida de S. João. A ponte monumental enche de magestade aquelle espaço todo. O Lima, em grande largura, matiza o azul de suas

aguas com ilhotas de oiro formadas pela areia. Para alem d'elle, a margem opposta dá-nos em contraste uma cordilheira de montes recortados, no cimo de um d'esses montes como um ponto de neve a capellinha de Santo Ovidio, e em baixo, na ondeada planicie, arvoredos, prados, quintas, em caprichosa variedade.

Esplendido panorama! Digno prologo do que nos ha de dizer o seguimento das margens do Lima.

Está-se a rir para nós aquelle quadro todo:

Duas maravilhas admiro eu aqui, em Ponte de Lima: esta vista realmente formosa, e a gratidão popular, consagrada á memoria de um homem que morreu ha dois annos. Duas admirações: uma dos olhos, outra, ainda mais bella, da alma.

Quem era aquelle homem, cujo nome anciãos e moços pronunciam com respeito? velhas e meninas, entre lagrimas?

Um homem era, que honrava o exercito portuguez como seu brigadeiro. Posso inscrever-lhe aqui o nome n'estes apontamentos, mas não quero, porque m'o não perdoaria elle, se ainda vivesse. Que importa o nome do ancião que deixa de si entre o povo, onde nasceu e se creou, uma tal memoria de amor? Mas que prodigio realisou para tanto? Bem pouco: dava tudo o que tinha, e tinha muito. E o muito que dava matava

fomes, aquecia enregelados, consolava tristes, enxugava lagrimas, educava creanças, fazia sorrir a desgraça. Como é que o dava? Do modo mais simples, sem cartaz, sem iniciaes reveladoras, escondendo o seu nome. Ricos da terra, ide perguntar ao povo de Ponte de Lima como se exerce a caridade e se conquistam bençãos.

Quatro horas.

Tempo é de seguir para Vianna.

Como não ha barco, vamos por terra, pela margem. Fique o rio para outro dia. Veremos assim o Lima pelas suas duas feições.

Atravessámos a ponte, admirámos a soberba vista, e passando para a margem direita, desde logo nos principiámos a deliciar.

Que margens!

Levâmos o Lima á esquerda, umas vezes quasi junto a nós, outras encobrindo-se e a grande distancia.

Bretiandos! Uma verdadeira vivenda real. Quinta e dependencias esplendidas. Defronte do palacio a arvore mais opulenta e imponente que entre arvores tenho visto. A copa, formando um circulo immenso da verdura mais pomposa, vem quasi tocar no chão.

Á direita da estrada, no fundo, em linhas recorta-

das, a grande cordilheira; extensão com arvores; um luxo extraordinario de vegetação nunca interrompido. A margem fronteira, toda ella um matiz de arvoredo, de amphitheatros, de planicies, de igrejas e de casaes.

Que formosissimo lanço de terreno por onde vamos n'esta margem direita. Este parallelogrammo extenso e largo, que se interpõe entre nós e o rio, de searas tão vastas, tão louras e tão ondulantes pela viração, bem se póde dizer um oceano de oiro.

As searas são agora intermeadas de arvores verdejantissimas, porém dispersas, o que lhes dá um aspecto formoso de desalinho. As arvores do nosso lado direito, recebendo os reflexos do sol, projectam-se para o lado esquerdo sobre o oceano de oiro que vae entre nós e o Lima, e ficam ali como estampadas com todo o phantastico dos seus troncos e ramagens. O rio, pelos intervallos de verdura, entremostra-se em pequenas cintas. Como a estrada vae alta, vêem-se em baixo, n'um pequeno e gracioso valle, as vaccas a beberem nos riachos. Todo este quadro do logar de S. Salvador é o painel mais arrebatador da margem.

Seguimos. Succedem-se os quadros em variedade, cada um com sua belleza especial.

Denunciam-se as proximidades da cidade, o rio vae desapparecendo, entranhâmo-nos mais.

Campinas do Lima, adeus!

Aqui está já a freguezia da Miadella, mais adiante a de Santa Martha, agora passâmos pela pittoresca ponte de Portosello, entrâmos já na rua da Bandeira, mais extensa que a de S. Bento de Lisboa, a praça da Rainha, estamos em Vianna.

Aqui terminam os meus apontamentos do dia.

Chegava á noitinha a Vianna, como tonto com tantas impressões. Quando me deitei, apesar de cansado, não pude dormir. Andava-me a cabeça á roda. Como succede ao ferido dos primeiros amores, que vae para o leito recordar-se de quanto ouviu á donzella adorada, recompondo na memoria, para os saborear no intimo, os gestos, as palavras, o penteado, o trajo, a graça, tudo, alimentando-lhe aquellas recordações a imaginação ardente, como se ainda a visse, a ouvisse e a tivesse alli: assim eu concentrava no cerebro aquelles valles, prados, amphitheatros, salões de verdura, pontes, rios, tudo. Estava embriagado da natureza.

CAPITULO XI

A PRINCEZA DO LIMA

I

Joelho em terra, como ás princezas.

E princeza é Vianna, a princeza do Lima.

Sabe-se geralmente a lenda. Quando o exercito romano chegou ás margens do Lima, nem por fas nem por nefas o queria atravessar com receio de que a formosura d'elle lhe fizesse esquecer as lembranças da patria. Tal foi o Lethes, ao depois chamado Lima.

E Vianna, a linda cidade, por elle banhada?

Nunca a viste, leitor amigo, meu fiel companheiro d'estas viagens? Pois é facil. É unicamente saír do hotel Viannense, das senhoras Ervedosas, o primeiro hotel no bom trato e sobretudo no verdadeiro cari-

nho de familia, dobrar a rua grande e chegar ao longo do caes, que é a frontaria da cidade.

Principiemos do lado da ponte seguindo até ao castello; a grande fita.

Á esquerda, a ponte extensa e vistosa. O Lima, largo e esbelto, corre á nossa vista a lançar-se no oceano. Um caes immenso serve de margem direita ao rio. Ao lado direito do caes, acompanhando sempre a margem do Lima até á sua foz, a casaria da cidade. Para alem rio, ondulações de verdura matizada de casas, e um espectaculo de serras em que predomina o monte de Deuchriste, o de Anha e outros. Sigamos a grande linha da cidade pela margem do caes. Partamos do lado da ponte, com o Lima sempre á esquerda, e sempre tambem a fita da cidade á direita. Aqui está o largo do Pombal, todo rodeado de arvoredo, e depois a praça da alfandega, e depois a do peixe, vendido aos milhares pela gorda tia Victoria e pela hirsuta Ignacia, as peixeiras mais populares, rodeadas de quantas creadas de servir apparecem, ás quaes (no meio da geral ingresia) recambiam a injuria de careiras com uma descarga de pragas que despedem dos labios como supposta galanteria.

Continuemos a seguir pela mesma linha do caes. Depois da praça do peixe, a praça da feira, onde cor-

tejaremos no seu palacio a amavel familia do sr. João Coelho. Da praça da feira passemos para a alameda. Da alameda pelas docas; das docas pela continuação da margem em formosa linha até ao castello, e n'esse ponto estamos na barra.

Se, chegando ao castello, quizermos voltar á direita fica-nos então logo á esquerda o oceano, e assim proseguiremos pelo campo da Agonia, alinhado por um seguimento de arvoredo, até á capella que tem por throno o monte de Santa Luzia, ponto de vista admiravel.

Toda esta linha dos caes, acabada de percorrer desde a ponte ao castello, e, voltando, desde o castello até á ponte, entre o Lima e a cidade, é um enlevo. Em vistosa correnteza e em contrastes de construcções ali estão as casas particulares pintadas a cores differentes, ali os hoteis, os consulados, os depositos de tabaco, a alfandega, os escriptorios mercantis, os estabelecimentos commerciaes mais importantes. Ás sextas feiras o grande mercado figura um verdadeiro baile de mascaras, tal é a variedade e elegancia dos trajos campestres que apresentam os milhares de raparigas que das diversas freguezias ali concorrem, e pela semana adiante navios a descarregarem, barcos importando peixe, o estaleiro a tra-

balhar, e este espectaculo, á beira do rio, com o mar á direita, o pittoresco das serras na frente, e as paizagens do Lima atapetando as planicies da esquerda.

II

Más haverá bella sem senão?

Quem saindo da formosa margem se entranha na cidade e segue a fita pelo interior, reconhece um certo adormecimento na população, estreiteza de ruas e acanhamento de praças.

No entretanto agradavel é a praça da Rainha, embellezada á moderna. No topo tem aspecto de fortaleza antiga a casa da camara. No angulo, á direita da camara, está a misericordia, construcção dos principios do seculo XVI, de genero phantasioso em arcarias e ornamentação original, com sua igreja rica de madeiras marchetadas e de curiosos azulejos. Teve a bondade de me mostrar o estabelecimento o sr. José Joaquim de Araujo Salgado, vogal da commissão administrativa.

Para visitarmos a matriz não ha mais do que atravessar a praça da Rainha.

Poucas são as igrejas matrizes do alto Minho em que se não encontre um S. Christovão colossal, o

grande advogado dos barqueiros. Lá está elle, de pé, com seu bigode e barba cerrada, tunica escarlate, grandes folhos ao redor do pescoço, bofes de renda, largo cinto verde-claro bordado a oiro, descalço, e com o seu enorme resplendor. Nas mãos uma vara de barqueiro no acto de impellir o barco.

Christovão andava na praia, diz a lenda. Chega um menino, todo formosura, e pede-lhe que o transporte na sua barca para a outra margem do rio. Quanto mais trabalhava Christovão para concertar a barca, mais a barca se lhe desconcertava. Volta-se então o menino para o barqueiro, e diz-lhe:

—Se não pódes concertar a barca, leva-me ao hombro, que bem pouco pesa uma creança, como eu.

—Tens rasão, menino, tornou-lhe o barqueiro; e pondo a creança ao hombro, a foi levando a vau.

Mas o menino a tal ponto lhe pesava, que o barqueiro, dado que possante como o afigura a imagem, ia todo vergado.

Disse-lhe então o barqueiro, ao pô-lo na outra margem:

—Como é isto, menino, que pesaes tanto, que me parecia trazer o mundo todo ao hombro?

—Pois foi exactamente o mundo que trouxeste

ao hombro, respondeu-lhe o menino; e, palavras não eram ditas, desapparecêra-lhe.

Quando Christovão, estupefacto, regressou á margem, mais estupefacto ficou ao encontrar nova e alindada a sua barca, desconcertada e negra que tinha deixado.

Esta é uma grande devoção dos maritimos. Quando ha falta de peixe, promettem ao santo fatias de pão, que depois acodem pontualmente a levar-lhe.

Ao sair da matriz dá-se de chapa com um poeta popular.

Ali está elle, o sr. André Joaquim Pereira, ou, para o apresentar com o seu nome de guerra, o sr. André Samoca, à porta do seu *totum continens*, porque o sr. André Samoca é impressor, compositor, lithographo, livreiro, poeta e pae de familias.

Livreiro, disse eu. Livreiro é que elle já não é. A sua loja quanto mais engordava de livros mais emmagrecia de compradores, e o sr. André está liquidando para fechar a unica livraria que ha na cidade, pelo que permitta a bella princeza, apesar de princeza, levar meia duzia de palmatoadinhas.

Franco, jovial, a primeira vez que nos vê estendenos logo a mão com um sorriso de amigo velho. Poetisa nas horas vagas o sr. André. As obras do seu

engenho, a que o santo officio, o ordinario e o desembargo do paço poriam o legitimo *imprima-se*, recita-as o poeta publicamente no meio da sua loja. Agora as que lhe inspira a veia bocagiana sem indicação de typographia, essas são reveladas no primeiro andar, com alguma falta de respeito pelo retrato do sr. D. Miguel, que André tem na parede com uma imparcialidade que o honra, porque o poeta jurou sempre nas aras da liberdade.

Mas para que estou eu a definir o sr. André Samoca se elle proprio me presenteou com a sua photographia em rima que diz assim:

> Meus dias sinto findar,
> Já treze lustros de idade!
> Lá me espera a eternidade
> Onde um Deus me ha de julgar.
> A queixada a desdentar,
> A vista desapparece,
> O entendimento fenece,
> As brancas cada vez mais,
> À vista d'estes signaes
> O pobre André esmorece.

Ah, não caias n'essa, bom André, não me esmoreças. A felicidade está no genio, e com o teu genio póde-se viver um seculo.

Lá tem a bondade de esperar por mim no hospicio

da caridade, recolhimento de entrevados, o sr. Matheus Barbosa.

Nunca viste, leitor, apaixonar-se um homem por uma idéa, como se apaixona por uma dama para quem o leva irresistivel sympathia? despósa-la? dar a essa idéa, sua esposa adorada, tudo quanto um coração extremoso tem de affecto, de mimo? sacrificar-lhe até mesmo a administração dos proprios haveres? ter um unico pensamento, um sonho unico: *ella?* Pois foi assim que o sr. Matheus Barbosa amou o estabelecimento dos entrevados, que dirige, que adora, e que tem levado com o seu carinho a tão admiravel primor de caridade, de ordem, de asseio, que enternece o visitante e honra a cidade de Vianna.

Assisto ao abundante jantar dos pobres entrevados, e sáio d'ali, para, quasi paredes meias, visitar o asylo da infancia desvalida, onde quer fazer o favor de me conduzir um dos seus directores, o meu amigo Jacome Borges.

Era tambem a hora do jantar no asylo da infancia.

N'um abrir e fechar de olhos muda a scena, e, como se fôra transformação magica de theatro, quando ainda me parecia ter defronte de mim o refeitorio dos trinta e tres entrevados decrepitos, tristes, sombrios, doentes, taciturnos, estatuas, reabro os olhos e vejo-me

de repente n'uma grande sala, no meio de oitenta meninas, sentadinhas a comer, buliçosas, rosadas, gentis, alegres, curiosas, com aquelles sorrisos abertos, aquelles olhos brilhantes, aquelles rostos engraçados, a cochicharem, a bulirem, a communicarem-se electricidade, a derramarem no ar aquella infantil melodia, gorgeio de innocencia e de amor que involuntariamente nos faz sorrir. Ao pé de um cemiterio, um jardim; o inverno alem a esmorecer, aqui a primavera a pulular. Uma surpreza!

E do asylo da infancia desvalida voltemos para ver, entre outros palacios notaveis, o do sr. conde da Carreira e o do sr. Balthazar Werneck, alma verdadeiramente artistica, ou a expanda admiravelmente no seu violoncello, ou no-la mostre na sua poesia arrojada, visitemos a assembléa Recreio, com a sua sala de baile esplendida, sigamos a rua de S. Sebastião, a primeira da cidade, desembocando na praça da Rainha entremos na assembléa Viannense, e já na rua da Picota saudemos o progresso ao chegar a uma das maiores curiosidades de Vianna, o escriptorio central da empreza do sr. Sebastião Neves.

É em Vianna o centro d'essa memoravel empreza. Uma rede de *char-à-bancs,* de diligencias, de *americanos,* de carruagens de todos os generos, põe em

communicação mutua as terras da provincia, o sul da Hespanha, e todas estas linhas com a viação maritima de ambos os hemispherios; tal é a missão d'esta empreza, ou antes d'este ministerio da viação, com filiaes nas principaes povoações do Minho e do sul hespanhol, tendo em giro quatrocentos cavallos e pessoal correspondente a esse extraordinario movimento.

Forme-se idéa, por tudo isto, de uma tal curiosidade, que representa verdadeiro progresso na provincia, progresso não menos util para o ditoso emprezario, a quem se não póde negar iniciativa arrojada.

III

Passando a pequena rua de S. João, entrâmos de novo nos caes, onde repentinamente se nos alegram os olhos e a alma se enche de vida nova.

Que tardes estas na margem do Lima! que diversidades de occasos! como na mesma tarde mostra o pôr do sol miragens tão variadas, e o firmamento originalidade tão linda!

Mas não vejas do caes o pôr do sol. Vae pela ponte, pára no meio. Tens a cidade á direita, a barra na frente, o Lima estendendo-se-te após. Fixa a vista

onde as miragens do sol e os effeitos das cores mais t'a seduzirem. Se o teu coração ainda não está de pedra, ensopa-o em todas essas bellezas. Olha alem, na extrema do poente, como todas aquellas nuvens apresentam ondas de fogo, tornando rubido o horisonte, a par de outras nuvens de vivissimo amarello, e ainda outras de meias cores em contrastes deliciosos; e por baixo, fóra da barra, barcos levando as vélas ligeiramente ondadas pela viração, e aos teus pés o Lima convertido n'um espelho. Olha, olha agora para o lado opposto, para o nascente, vê todo aquelle horisonte violaceo, tornando por baixo d'elle violaceo tambem o rio, e ao longe os montes cinzentos a formarem o fundo do quadro! Vê, reflecte, ama.

Agora, arranca-te d'ahi, se pódes.

Foi gradualmente desbotando a natureza. Cerraram-se emfim as sombras do crepusculo. É noite. Mas que noites estas aqui, ao longo d'este caes, em plena lua cheia de agosto!

Rareiam já os ranchos. As familias recolhem-se, e vão pedir ás suas janellas o que deixam á beira-Lima. Não corre uma aragem. Está um espelho o magestoso rio. Lá vem nascendo d'entre o azul purissimo do céu a lua completamente cheia, ainda não de prata, mas afogueada. Á proporção que vae subindo, projecta

nas aguas uma columna de ouro, especie de caminho desde a lua até aos nossos pés, beijados pelo rio. Então a columna de ouro vae-se prateando gradualmente, vae-se desigualando, alastrando, alastrando até formar nas aguas uma transparente alcatifa de lentejoilas, mais ou menos tremulas conforme as aguas tremem mais ou menos, intermeando-se o prateado com o azulado das aguas. Quando os olhos se arrancam d'ali para seguirem até ao lado fronteiro, fixados ficam n'um areial, que, rodeado negramente de pinheiros, e reflectindo os raios da lua, areial já não é, mas um lago como que suspenso no ar. E que silencio este aqui no rio! que som queixoso alem na barra! que de segredos não encerra esta natureza toda! que de entresonhos não vagueiam pela alma!

Que noites estas na margem do Lima!...

CAPITULO XII

SOMBRA AMIGA

Corre o seculo XVI.

Para o mar, pescador.

É noite ainda, e tornará a ser; mas que importa?

Para o mar, pescador.

Lá está elle, o immenso mar, a rugir na foz de Vianna.

—Ainda não, brada a esposa sobre a enxerga esboracada, na casa terrea do bairro arenoso que fica junto á praia, só mobilada com um banco, adornada só com estampas de santos nas paredes.—Oh, ainda não, deixa ao menos romper a manhãsinha. Mãe Santissima, que mar!

E a chuva a cair, e as ondas a ouvirem-se, e a ventania a assoviar.

Para o mar, pescador.

Lá está elle a chamar por ti.

—Senhora da Saude! Não vás por ora, homem de Deus, continúa a esposa a bradar-lhe, agarrando-se-lhe ao pescoço.

E elle já de pé, serio, sem pronunciar uma palavra, resequido pelos vendavaes, côr torrada pelas soalheiras, enregelado pelas nortadas, já vestido e prompto, isto é, descalço, com umas ligeiras calças, um albornoz pouco menos ligeiro do que ellas, e ao peito uns bentinhos velhos, repellindo docemente a esposa, como o soldado no momento solemne de ouvir soar a trombeta que o chama para a batalha.

Para o mar, pescador.

E a mesma scena afflictiva se está passando n'aquelle momento de alta noite no mesmo bairro arenoso nas centenas de casas terreas, em cada uma das quaes ha tambem uma esposa afflicta, a mesma miseria de cama e de mobilia, e iguaes estampas dos santos nas paredes humidas.

Ha mais ainda n'aquellas centenas de casas: são as creanças, aos milhares, como é proprio dos povos maritimos, quasi nuas, nuas mesmo, sobre a palha, conchegando-se umas ás outras a tiritarem com frio, e no contraste da saudavel apparencia que dá o mar com a debilidade proveniente da fome.

Em todas aquellas casas se está curtindo o transe da mesma agonia. Foi essa agonia que ao depois deu invocação á Virgem, padroeira de todos elles.

Para o mar, pescador.

. Alem, está o barco da companha a chamar-te; aqui, a fome da familia a empurrar-te de casa.

Creancinhas, pedi pão, chorae agarradas a vossos maridos esposas que podeis ser exemplo ás esposas que vos desprezam; elles lá vão saindo de todas aquellas habitações miseraveis, lá vão praia fóra, figuras que por aquella hora parecem espectros, com os bentinhos ao peito, com os remos nas mãos, tirando os barretes no momento de passarem na altura da capella da Senhora da Saude, e marchando para a possibilidade da morte com passo firme como os heroes, deixando então correr pelo rosto as duas lagrimas que esconderam ás mulheres, quando os enlaçaram os braços d'ellas.

Nos barcos estão já todos.

— Desamarrar, desamarrar, vélas soltas, arraes aos lemes, redes dispostas; a Senhora da Saude vá comnosco.

Lá vão... mal se avistam já... desappareceram...

Na cidade dormem socegadas em seus colchões delicados, e em seus lençoes de linho, todas essas fami-

lias que pedem ao pescador o peixe mais saboroso do Oceano, a troco da sorte mais ruim que é dada ao trabalho de homens.

No alto mar, pescador.

Passaram-se dias, desencadeou-se o temporal; que feito será d'elles?

Todo um dia levou na praia a população maritima das mulheres e das creanças. O perigo era imminente. Forçarem os pescadores a barra, morte quasi certa. Morte quasi certa o deixarem-se ficar à tempestade. Que luta! Elles, lá fóra, com as mulheres e as filhas no pensamento; ellas, cá dentro, com os maridos e os filhos defronte dos olhos. Os alaridos na praia estrugem os ares. Umas rasgam em farrapos os vestidos, outras arrancam os cabellos ás mãos cheias, outras lamentam em gritos a sorte em que vão ficar, outras elogiam as qualidades dos maridos augmentadas ainda no momento de os supporem perdidos; outras, as mais afflictas talvez, para ali jazem sem pronunciarem uma palavra, os olhos fitos no largo mar com o duvidoso espanto dos corações despedaçados. E umas e outras lá estão, já de joelhos, já de mãos postas, já arremeçando-se ao chão e estorcendo-se em posições diversas, já com os filhinhos nas mãos levantando-os para o céu, já de punhos estendidos

voltadas para a capella da Saude, invocando a Virgem nos mais altos brados, meneando electricamente a cabeça, da capella para o mar e do mar para a capella. As creanças acompanham com choros e vozerias os choros e vozerias das mães. Não se ouve senão gritos, lamentações, promessas, não se vê senão lagrimas e desesperação... e ao largo a voz da tormenta, as vagas desenfreadas, a vista d'aquelles homens sentenceados á perda, as figuras solemnes d'aquelles infelizes, tendo por unica salvação a passagem onde está a morte. Ah! se nunca presenceastes uma praia d'estas, nunca vistes ao vivo o desespero.

E um dia! e uma tarde! e uma noite assim!

Elles sem poderem entrar, e se não entram...

E de espaço a espaço as horas a baterem no relogio do grande mosteiro de S. Domingos proximo á praia, as horas da noite a succederem-se, e aquellas turbas de mulheres e de creanças, já roucas de gritar, já cansadas de esperar em vão.

De repente como que levadas todas aquellas mulheres de uma idéa subita, abandonam a praia, correm no meio das trévas para a frontaria do mosteiro de S. Domingos, e um brado, ao mesmo tempo unanime e inintelligivel, chama para cima não se sabe por quem.

Então, no alto da frontaria do mosteiro viu-se abrir uma janellinha na correnteza das cellas, o cerrado da tempestuosa noite foi cortado por uma luz que tremia em mão tremula de alguem, viu-se um velhinho de setenta annos chegar áquella janella, debruçar a cabeça que era um resplendor de cans, e só não se viu n'aquella altura o sorriso doce em que elle pozera a alma.

No momento de apparecer no alto aquella *sombra amiga* pela qual bradavam nas angustias da afflicção, mulheres e creanças tudo caiu de joelhos com um grito unanime que não dizia nada e que explicava tudo.

O velhinho tambem de lá não disse nada, mas tudo entendeu, porque muitas vezes se lhe repetiam aquellas scenas, e, tendo na mão esquerda a luz, deitou áquella gente a benção da esperança com o emblema da esperança em fórma archiepiscopal, que outr'ora não escondêra no peito quando atravessou as Hespanhas, porque fôra d'ellas o primaz como arcebispo de Braga; e era esse o velhinho que n'uma cella obscura do mosteiro renunciára a tudo menos a estender a mão aos desgraçados quer de dia quer de noite, como bom pastor a acudir ás suas ovelhas.

E mais nada. Elle, do alto, a olhar para toda aquella

gente, seu antigo rebanho, com os olhos de amor que tinha D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; aquella gente, contendo a custo a respiração, sem dizer nada, de joelhos, a olhar para cima, a receber aquelle influxo como um balsamo que a salvava.

E d'ahi a momentos, diz a tradição, a janella fechava-se, o velho encaminhava-se para a torre, ouvia-se tocar o sino grande tres badaladas, e o mar escutando aquella voz obedecia áquelle mandado, e tornando-se chão abria caminho aos pescadores, que vinham caír nos braços das esposas, ha pouco aterradas e agora doudas de alegria.

Havia tambem semanas em que a pesca era absolutamente impossivel. Pescadores e mulheres tinham fome.

Que fazer?

Para o *santinho*.

Elle já o presentia. Lá iam, e de lá traziam ás escondidas a brôa, o feijão, as hortaliças, o que elle encontrava pelo convento.

Se fosse unicamente a fome! mas era tambem o frio. Para comer tinham-se já vendido as pobres mantas e as enxergas.

—«*Santinho*, não temos em que dormir», gritavam da rua mulheres e pescadores, debaixo da providencial janella.

E lá lhes mandava dar os seus lençoes, os cobertores, a enxerga, emfim tudo o que o velhinho tinha na cella para elle proprio dormir.

Os frades, que lhe sabiam dos costumes, andavam sempre a ver que objectos lhe faltavam na cella, para lh'os substituirem.

Mas era um motu continuo. Ao principio os frades nada disseram. Depois fizeram conciliabulos, sem se atreverem a advertir aquelle homem. Por fim ousaram. Pediram-lhe então, com o mais profundo respeito, que moderasse a sua infinita caridade, observando-lhe que se elle continuava por aquelle andar, ía-se tudo. O arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, o homem que assombrára com a sua voz o concilio de Trento e o mundo com o seu nome, não disse uma palavra á reprehensão, encolheu os hombros com humildade, sorriu-se, córou pelo unico motivo porque as faces d'aquelle velho poderiam córar: por ver descoberta a sua caridade; e prometteu emendar-se.

Pouco depois, a mesma miseria lá em baixo. A emenda foi esta: em vez de recorrer á portaria do convento, abria de noite a caritativa janella, e de lá deitava ás escondidas para a rua os lençoes, os cobertores, a propria enxerga, tudo o que tinha; mas, quando commettia aquelles novos crimes, fechava á

chave a porta da cella, e dormia vestido sobre palha, parte da qual sobrepunha á pedra em que recostava a cabeça.

Quando os frades o vinham a saber, envergonhados ficavam com aquelle exemplo calado, que fallava mais alto do que todos os sermões que elles prégavam.

Que bem que lhe não saberia aquelle somno, dormido nos entresonhos do amor!

Foram estas e muitas outras tradições vivas que eu encontrei na cidade de Vianna a respeito do grande arcebispo, transformado n'um pobre frade que abrigava ainda aquelle grandioso espirito.

A esse mosteiro de sua ordem, e de fundação sua nos fins do seculo XVI, se recolheu o arcebispo como simples frade, quando, depois de instar e tornar a instar, lhe foi acceita a renuncia archiepiscopal, e é na capella mór do templo de S. Domingos, o mais sumptuoso da cidade, que jazem as suas cinzas, disputadas vivamente por Vianna e Braga, e cuja trasladação para o mausoléu foi solemnisada com festas divinas e divertimentos profanos.

Não lhe podia fazer mais o povo de Vianna. Quando elle falleceu, foi um pranto geral. A construcção posterior do tumulo realisou-a uma subscripção popular

em que não faltou o obolo de necessitado algum, e a tradição dos seus actos vive ardente desde a casa mais nobre até à mais humilde.

Quando visitei o templo de S. Domingos, perguntando logo pelo tumulo do arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, apesar de eu saber onde se achava levantado, o filho do sacristão encolheu os hombros.

—Como? tornei-lhe eu estupefacto. Pois o filho do sacristão do templo de S. Domingos de Vianna ignora onde está enterrado D. Fr. Bartholomeu dos Martyres?

E levando-o á capella mór perguntei-lhe:

—Então de quem é aquelle tumulo?

O sacristão, com um sobresalto de alegria, respondeu-me:

—Esse é o tumulo do *santinho*.

Não lhe sabe o nome o povo de Vianna, mas ninguem deixa ali de saber quem foi o *santinho*: canonisação popular que diz tudo.

Perguntei em seguida pela cella d'onde o *santinho* fazia as suas proezas de caridade, e onde em 1590 fallecêra.

—A cella, respondeu o sacristão, botaram-lhe tudo fóra, quando para aqui mudaram as repartições publicas.

É uso na Europa não só por parte dos poderes pu-

blicos, mas até por parte dos particulares, conservarem-se como reliquias de respeito os aposentos dos que foram espiritos assombrosos. Em Genebra vi eu, no palacio moderno de um particular, a camara de Rousseau, intacta, com todos os moveis, no estado em que se achava quando o philosopho morreu. Manda o proprietario mostra-la aos visitantes com veneração. É o que teria acontecido ao aposento onde praticou as suas ultimas heroicidades e onde exhalou o derradeiro suspiro um velho que se chamava D. Fr. Bartholomeu dos Martyres se tal aposento estivesse na Europa.

Sombra amiga, que foste o refugio de tantos desgraçados, a mão devastadora dispersou ao vento da barbaridade os objectos da tua cella para a converter não sei em que receptaculo de salvação publica, mas ha uma cousa que ella não tem força para destruir: é a lembrança dos heroes. Se o povo de Vianna já não póde ir á tua cella bemdizer a tua memoria, nem por isso a tua memoria perdeu, porque de idade em idade não ha ali um só coração em que ella não esteja gravada com o mais puro amor.

CAPITULO XIII

UM CASTELLO FEUDAL EM 1873

I

É a quatro kilometros de Vianna que elle está levantado n'um pequeno declivio, rodeado, em parte, de pinheiraes, cuja severidade contrasta com a formosura das margens do Lima que tem aos pés.

Deixa-se Vianna seguindo a extensa rua da Bandeira, passa-se pelo formoso sitio de Portosello, um rio, uma ponte, uma vegetação brilhante, uma casa campestre junto ao mais elegante e fascinador moinho que imaginar se póde: um quadro vivo da Suissa. E mais adiante é necessario apearmo-nos e entrar a pé na azinhaga que em dez minutos nos vae conduzir á idade media.

Bom é que não seja caminho viavel para carrua-

gem. Não tem carruagens a idade media. Vamos desviando silvas, pisando escabrosidades, e aqui levâmos ao lado, a guiar-nos, o fiel Pedro, camponez do sitio, que trouxe ao collo o honrado castellão, ao qual não chama ainda hoje senão o menino Antoninho.

—Bom Pedro, digo-lhe eu, suspendendo-me ao fitar os olhos n'aquelle sorriso todo suavidade, n'aquelle olhar sereno como os campos em que vive. Com que então é o amigo do castello... quero dizer, da casa?

Não me respondeu, sorriu-se; mas que amor não transparecia d'aquelle sorriso!

—Como não havéra de ser? Eu trouxe ao collo o menino Antoninho, trouxe ao collo o filho, o menino Sebastião, e tenho trazido ao collo a menina do senhor Sebastiãosinho... Se o senhor soubesse que menina é aquella!

E o Pedro enxugou uma lagrima com as costas da mão, calejada do trabalho.

Aquella formosa lagrima rehabilitou-m'o do prosaico titulo de «senhor» que me soou aos ouvidos no momento em que eu n'aquelles sitios aguardava o titulo de cavalleiro.

—E gostam d'elles, aqui, no logar?

—Se gostam? A senhora é a caridade em pessoa.

As meninas, eu sei cá! são uns anginhos. O menino Antoninho tudo o que lhe pedem desfaz-se em n'o fazer. A quantos homens não tem elle dado o pão a ganhar aqui e lá na cidade! Aos domingos é que é um regalo. Vae o povo ouvir missa á capella do palacio. Aquillo é que é. Um socego! nem tuge nem muge; e depois, ao cabo da missa, prantam-se a rezar a senhora mais as meninas, a rezar umas rezas, e o povo a acompanhar as rezas que é um gosto ouvir aquella ladainha toda; e vae depois pede-se pelos defuntos e pelos que estão vivos, e sae a gente d'ali mais contente!...

E n'estes termos foi continuando o bom do Pedro a sua narrativa, julgando que me dava novidade a respeito do coração de Antonio Pereira da Cunha, e dos corações que d'aquelle se originaram, como de uma arvore abençoada florescem as vergonteas. Mas não sei porque é, sempre que ouvimos louvar as pessoas amigas experimentàmos um prazer como se tivessemos medo de que o mundo lhes não fizesse justiça.

— É aqui, disse-nos o Pedro ao chegarmos ao portão.

Tinha defronte de mim um castello da idade media.

Vi então para um lado cavalleiros com os seus el-

mos reluzentes, viseira caida, couraça brilhante, broquel embraçado, espada á cinta, no pescoço gorja de defeza; para outro lado peões aprestando as lanças; ainda de outro os curiosos anões pintalgados de mil cores; nos eirados as donzellas, já saciadas de ouvir os mercenarios jograes e de ver seus arremedilhos e gracejos, dispondo-se a derramar lagrimas aos cantos apaixonados dos trovadores. Transportado me achava á epocha das gentilezas, do valor, da paixão, das trovas, e tudo isto passou n'um repente pelos olhos... da minha phantasia.

Entrei ao portão.

Se como ao acordar de um sonho se tinham esvaido as visões, filha da imaginação não era, mas encantadora realidade, a orchestra das aves que os meus ouvidos escutavam. De um espesso arvoredo logo á direita saiam córos a um tempo desatinados e doces. Parei imbebido n'aquelles hymnos com que os bandos das aves vinham cantar o pôr do sol á habitação do poeta, seu irmão na suavidade das melodias. N'aquella indecifravel aposta de gorgeios, davam as boas noites ao meigo coração que tão fraternal hospedagem lhes offerecia no seu lar, que tantas vezes teria afinado a sua maviosa lyra áquelle doudejar de harmonias. E duas vezes rompi para diante, e duas vezes me

suspendi ao doce enleio em que me ali sentia acorrentado.

Quasi que me tinha esquecido de onde estava quando um creado me avisou de que os castellões me esperavam.

Infelizmente era um pobre rabiscador de humilde prosa quem entrava, e não um trovador que podesse com o seu bandolim cantar a formosura das donzellas.

Deitei um ultimo olhar para o arvoredo encantado a agradecer ás aves aquelles momentos, e encaminhei-me para o castello.

II

Um grupo gentil de senhoras estendia-me as mãos e recebia-me com expansão distincta. A convenção social abria treguas n'aquelle momento. Não se via o sorriso amarello, o olhar não se encontrava indeciso, e nas mãos que se apertavam não se tocava o traiçoeiro esticado da pellica, mas a franca flexibilidade dos musculos onde circulava um sangue leal.

A esplendida symphonia das aves abria bem aquelle quadro suavissimo do lar virtuoso.

Ali está o castellão, parecendo antes irmão mais velho do que pae d'aquellas gentis donzellas, tendo por dote um dos talentos mais sympathicos da nossa terra; o scismador mavioso, ao qual perguntando-lhe a deusa da poesia: «Que pedes?» e respondendo-lhe elle: «Quero ser auctor do *Voto de El-Rei* e do *Peccado em noite benta*», tornou a deusa: «Pois concedo-te que o sejas».

A castellã é uma das amaveis senhoras Figueiras, a sr.ª D. Maria Anna Machado.

E ali está, entre a mãe e o pae, a mais velha, direi melhor, a menos moça das donzellas, um sol convertido n'uma virgem. Ao lado a irmã, uma alma que se tivesse côr, teria a côr suavissima dos seus olhos, no rosto a doçura, na graça de toda ella o encanto que está como a dizer involuntariamente: «Quem me levar, leva a felicidade». E ao pé das irmãs o irmão, moço na idade, ancião no porte, já poeta, e ei-lo a rever-se na doce companheira, uma menina que á força de não querer ter vontade propria, lh'a adivinham todos para lh'a fazerem. E para não faltar nada a este lar, ali está como laço intimo aquella creança, sempre de collo em collo, disputada por todos, dando á casa a alegria, o bulicio, a vida, o mysterio amoravel. Havia ali dentro o suave enleio da familia, e no

seio d'aquella familia respirei um aroma de santo affecto.

Estava ali uma cadeira, que ainda na vespera tinha sido occupada, e que o tornaria a ser no dia seguinte: era a da sr.ª D. Maria Augusta Pereira da Cunha, irmã do poeta, a elegante que revela nos olhos a expressão do talento, e na senhoril presença a nobre distincção.

N'uma das noites immediatas vi-a sentar-se ao piano, e tocar a peça mais sentida que tem saido da inspiração humana, a scena final da *Norma*. Ó rei da melodia, Bellini immortal, quem, não digo te excedeu, mas te igualou sequer na interpretação da alma pelos sons humanos?

Sentia-se nos sons, que a pianista arrancava do piano, a immensa tragedia que Felice Romani ali poz em versos admiraveis. Sentia-se, a um tempo, exclamar aquelle pae, estremecer aquelle tão ingrato amante, chorar aquella rival perdoada, agonisar aquella *Norma* adoravel, apiedarem-se aquelles côros; como que passava para o nosso coração o despedaçamento de todos aquelles corações. Aquelle piano gemia, chorava, lançava de si lamentos que a pianista espremia do seu proprio espirito para nos apresentar ao vivo a grande tragedia. A interprete

de Bellini entranhava nas nossas almas a do inspirado maestro.

Aquella cadeira, embora momentaneamente desoccupada, completava o quadro da familia.

III

A nobre castellã, rodeada das filhas, teve a bondade de me mostrar o castello.

Forma este um grande quadrado, tendo em cada um dos cantos seu torreão.

Do centro eleva-se uma torre elegante, guardando a feição do castello, e tendo tambem, aos quatro cantos, quatro torreões mais pequenos. Saindo por uma porta do lado, fomos entrar pelo portal, atravessámos o fosso pela ponte levadiça, subimos por uma estrada de abobada para o pateo onde corre um chafariz; d'ahi entrámos n'um segundo pateo, mais pequeno, com uma ampla escada de pedra para a primeira sala forrada e mobilada toda de carvalho, e ornada com armas de caça e cabeças de veado. Uma arcada guarnecida de estatuas conduz a um vasto salão com balcões sobre o parque; á direita, uma galeria que dá communicação para a casa do jantar, á esquerda salas e accommodações para hospedes. Uma das cousas

mais notaveis são os arrendados em finissimo granito antigo de Affife, como actualmente é raro encontrar-se, por se haverem esgotado as melhores pedreiras. Por ultimo subindo uma escada de caracol chegámos ao cimo da torre completamente descoberta, ponto elevadissimo, d'onde se avista ao longe o oceano, adiante da ponte as planicies verdejantes das margens do Lima, e nos extremos do horisonte as serras, que as nuvens reflectindo o sol tingiam de meias cores, panorama digno da habitação do mavioso poeta. Contemplava-se o esmorecer da tarde ao murmurio da natureza e ao entreouvirem-se as frescas vozes das donzellas, que indicavam os pontos mais bonitos do arredor.

D'ali nos arrancou o crepusculo, e viemos encontrar o poeta, que um ligeiro incommodo de saude retivera na sala.

Conversámos em tudo, rimo-nos lealmente á portugueza, como tão poucas vezes nos rimos hoje. Voava o tempo n'aquella familiaridade, que é um dos encantos da vida.

Chegou a hora de partir.

Sebastião da Cunha quiz ter a gentileza de me acompanhar pela azinhaga até á carruagem que me devia esperar á beira da estrada.

Havia mais de uma hora que era noite fechada. Precedia-nos um moço com o lampião. Chegados á estrada e não encontrando a carruagem, o moço partiu a apressa-la. Ficámos ali ambos. Pedi então ao poeta recitação de versos.

Accedeu.

Tremulavam no firmamento as estrellas. O cerrado da noite era cortado aqui, alem, mais adiante, pela claridade do lampião, que se escondia, appareceia, tornava-se a esconder, e tornava a reapparecer por entre os arvoredos, como um pyrilampo. As ramarias sussurravam ligeiramente. O silencio de toda aquella suavidade era só interrompido pela voz não menos suave do joven poeta, que punha na recitação dos seus versos toda a uncção do seu espirito meigo. Cerrei os olhos. As estrophes, cadenciadas, sentimentaes, pareciam saír da natureza e caír docemente no coração.

Quando os ultimos versos do poeta se perdiam nos ares, ouvia-se o rodar da carruagem que se encaminhava para nós. Abraçámo-nos. A carruagem partiu, e eu lançando-me para o fundo d'ella levava concentrada no espirito a doce impressão de algumas horas roubadas ás convenções sociaes, e passadas no lar da virtude, onde habita a felicidade, cimentada no coração e coroada pela poesia.

CAPITULO XIV

PARA O ALTO MINHO

I

Parto de Vianna em direcção á Ponte da Barca a horas de gente pela primeira vez. Respiro. Não tenho de lançar nos meus apontamentos a phrase fatal: « Eram seis horas da manhã quando. . . » Não eram tal seis horas da manhã, eram dez, graças a Deus, dez ou onze. Acompanha-me ao alto Minho o meu amigo Antonio Coelho, sympathico moço, filho de uma das mais dignas e amaveis familias de Vianna. Só tem um defeito o meu amigo Antonio Coelho, é querer ser condescendente nas horas e nos programmas com um ignorante das localidades como eu, pois que ás minhas perguntas só tinha uma resposta a sua cruel amabilidade: « Como vossê quizer » ; amabilidade que

ás vezes nos escravisava ás ardentes soalheiras e ás marés contrarias.

Aqui vamos n'uma carruagem do sr. Manuel Marchante, da rua da Bandeira, originalidade que se não deve deixar no tinteiro, porque, sendo inventadas as carruagens de aluguer para se alugarem, não é d'esta opinião a nutrida esposa do mesmo sr. Manuel, a qual tem a particularidade de escogitar quantos pretextos de cavallos extenuados e de eixos partidos romantisa a sua fecunda imaginação para dos alugueis desviar os freguezes, plano mal comprehendido ainda por seu victimado esposo, que para equilibrar o caso acha sempre melhores do que estão os utensilios das suas carruagens, e nunca fatigados os cavallos por mais cansados que se encontrem.

II

O leitor já conhece a formosa estrada de Vianna a Ponte de Lima pela margem do rio; releva-me portanto não lhe repetir a descripção.

É a hora do jantar na hospedaria de Ponte de Lima. Encontrâmo-nos á mesa com uma verdadeira colonia de rapazes. São os engenheiros Joaquim José Machado, com o fogo do seu Algarve a luzir-lhe nos olhos;

Henrique dos Santos Rosa, a judiciosa reflexão; Pedro Romano Folque, a distincção finissima; e Antonio Augusto Duval Telles, o repentinista do enthusiasmo. Tendo concluido o curso da escola do exercito seguem em viagem scientifica sob a direcção do sr. João Thomás da Costa, habil director das obras publicas do districto, e cavalheiro estimabilissimo.

Conhecemo-nos ha um instante e somos já amigos. O jantar corre vivo, scintillante, jantar da mocidade entre os trabalhos do curso que findára e os da vida que não tinham principiado. Ainda hontem, as glorias do talento; ámanhã, a realidade das virginaes esperanças.

Vão para o mesmo hotel Ervedosa em Vianna. Lá vi e saboriei, passados seis dias, como se expandia a amisade n'aquelles corações irmãos.

Nas horas das suas occupações officiaes eram quatro moços a trabalhar com intelligencia e brios que lhes mereceram attestado honrosissimo; desempenhado o seu trabalho, quatro brincalhões como o fogo da idade e da viveza exigia que fossem.

Ao jantar, presidido pelo sr. Ernesto Julio Goes Pinto, distincto tenente de artilheria e commissionado na direcção das obras publicas, é que elles abriam as discussões magnas.

Como o que principalmente dominava n'estas questões era o coração, d'ahi a pouco fallavam todos ao mesmo tempo. E que loucuras que elles tinham na cabeça, meu Deus! Um chegava a querer que o exercito fosse organisado de modo que se achasse habilitado a combater; outro, que a marinha se elevasse a par do que exigem as nossas possessões ultramarinas; outro, que a nossa administração administrasse; e até havia — não sei se o diga! — até havia quem não podesse comprehender como se esperdiçasse tanto tempo e tantos discursos nas questões partidarias, e se faltasse tanto aos verdadeiros assumptos do interesse nacional! Erguiam-se, enthusiasmavam-se, ás vezes nem comiam; os punhos ferindo a mesa em sons diversos orchestravam as opiniões. Só n'um ponto se ajustavam, no meio de tal Babylonia, aquelles espiritos anciosos: na limpidez dos sentimentos, que a falta da experiencia lhes não chegára a sombrear. Todas essas teclas harmoniosas da abnegação individual e do amor da patria, ainda o mundo lh'as não tinha desafinado.

Certa manhã, na praia, um d'elles foi nadar. Toda a gente a conversar, a rir, a divertir-se com as peripecias dos banhos, e alem, defronte, o audaz algarvio a lutar desesperadamente com a morte. Ninguem

dava pelo perigo. Quando já se viu perdido, pôde ainda fazer um supremo esforço, mas ao chegar á barraca perdeu os sentidos.

Transportado para o hotel, era admiravel o carinho dos companheiros. Pallidos, arquejantes, ninguem os dissera em seu juizo. Queriam todos os medicos ao mesmo tempo, recommendavam silencio quando elles é que involuntariamente rumorejavam, e ao verem-no saír do quarto já restabelecido não cabiam em si de contentes.

Ás onze horas da noite principiava a opera. O theatro era o quarto de algum d'elles. Predominava o repertorio ligeiro de Offenbach. Na vespera de deixarem Vianna para regressarem á capital, annunciaram suspensão de espectaculo em honra das malas e da madrugada em perspectiva.

Mas vão-se lá fiar dos vinte annos!

Quando, adiantada a noite, me vou deitar, principio a ouvir uma cantata que se me afigura na rua. Abro a janella. Nada! E a cantata cada vez mais retumbante. Na rua não era; elles, de certo já deitados. Dava-me que scismar. Subo a escada do segundo andar, e que vejo? Sobre o leito, um grande throno de almofadas, no throno como rei da festa o mais rotundo *pão de ló* que imaginar se póde, e a rapasiada em

côro dando saques successivos á realeza ao som das cançonetas do *Barba azul*. Duas magestades desprestigiadas!

Presidia ao espectaculo Goes Pinto, com a circumstancia aggravante de estar morrendo com somno. Não queria faltar á despedida dos seus collegas. Tenha elle paciencia de ser denunciado por quem a si proprio se denuncia, porque eu, aqui o digo em segredo, á vista d'aquillo tudo dei as mãos á palmatoria, tambem entrei na scena, e tambem offendi mais de uma vez o real *pão de ló*, que não sei por que artes magicas se foi sumindo até deixar o throno vago. E ainda lá ficaram a cantar até que horas. Como iriam de manhã as pobres malas, preparadas ao atar das feridas!

Ahi está o que eram aquelles moços, ardentes, puros, na flor da mocidade, tendo ao entrar na vida a alegria, a esperança, o enthusiasmo, as crenças, o affecto, os risos promptos, as lagrimas sinceras, tudo accumulado no cofre do coração, aberto para o seu mundo côr de rosa.

III

Partamos, que são horas.

Estamos já todos nas carruagens, na alameda de Ponte de Lima, em direcção opposta.

— Boa jornada, rapazes, boa jornada até Vianna.

— Boa jornada para o alto Minho.

Antonio Coelho e eu seguimos para a Barca.

Parece que a formosa provincia foi creada para nos levar de surpreza em surpreza. Vão redobrando as pompas da vegetação, as arvores mais vestidas, mais mysteriosos os silencios; e quanto mais se expande a creação no fulgor de suas galas, mais se alarga o espirito á contemplação d'aquellas bellezas todas.

É um completo jardim a estrada de Ponte de Lima até á Barca, bordada de arvores de fructa, seguindo depois a cavalleiro do rio; na outra margem, extensão de florescencia extraordinaria; lá em baixo, o listão azul do Lima serpeando pelo meio de areias.

Aqui vae o terreno a abaixar, e uma quantidade immensa de arvores de fructa estendendo-se como alcatifa florejante acompanhando o rio.

Desaffronta-se pouco a pouco o terreno, e desenrola-se o magestoso valle de Refoios onde os frades tinham o celebre convento. Ao valle succede uma parede de arvores compactas a prumo sobre a margem, parede rendilhada e por isso transparente de luz. Sempre em contrastes, achâmo-nos entre arvores muito altas, e como a estrada vae tornear á esquerda, de-

fronte de nós um throno de verdura coroada com a alva igreja do Beiral.

Que bonito que não é depois o valle de S. Martinho! Da elevação a que chegámos principiâmos a descer, serpeando pela encosta abaixo, com aquelle espectaculo diante dos olhos. Cortâmos o valle. Fica-nos á esquerda uma campina extensissima onde está ceifando um enxame de raparigas de nove a quatorze annos. Seguimos entre a orla da montanha do lado direito, o grande valle à esquerda que vamos rodeando, em baixo o rio, na outra margem o terreno accidentado até ás extremas em que se levantam as serras; o sol, deixando em sombras o nosso lado esquerdo, alumia frouxamente os montes do lado direito bordados de baixo a cima de arvores fructiferas; e como esses montes são eriçados e soltos uns dos outros, imprime-lhes uma luz ròxa, que dos lados os sombreia, produzindo um effeito admiravel. Do campo todo ouve-se levantar em sentidos côros o cantico das *Ave-Marias* desprendido pelos ranchos das camponezas que largam o trabalho; e o cantico perdendo-se nos ares parece levar-nos o espirito após elle. É o expirar de uma das tardes mais deliciosas em que o doce Minho nos embriaga de suavidade.

Assim vae seguindo a estrada até desapparecer o

formoso valle; e tornando-nos a approximar á margem do Lima, chegàmos à Ponte da Barca por elle banhada.

Cerrava-se a noite.

IV

Apeàmo-nos na hospedaria, onde nos apresentam os leitos mais largos de todo o Minho.

Vamos correr a villa, porque temos de partir de madrugada.

Produz effeito original o ver de noite uma povoação desconhecida. Os contornos dos edificios, a escuridão das scenas que entrevemos aqui e alem, os vultos por que passâmos, tudo aquillo tem um ar de mysterio, especie de sonho acordado em que a imaginação nos envolve n'um labyrinto de sombras.

Chegando ao meio da ponte vimos um contraste. Para um lado corria o Lima entre margens espraiadas. Para o outro, deparava-se-nos uma pintura de Rembrandt: de uma e outra banda as montanhas negras pelo escuro da noite caíam sobre o rio, e como a frente ficava livre, a claridade d'ella por entre o negrume das montanhas offerecia-nos uma longiqua perspectiva de luz, quadro de severa doçura.

Voltando para a hospedaria iamos ambos a phantasiar castellos sobre o modo de passarmos o serão, quando Antonio Coelho encontra um amigo. Conhecem-se, abraçam-se.

— Não podiam chegar em melhor occasião, diz o amigo, temos hoje theatro de curiosos.

— Theatro! exclamámos ambos a um tempo, como se o amigo nos tivesse dito: «Saiu-lhes a sorte grande de Hespanha».

— Theatro esta noite! exclamámos de novo.

— Ouçam.

Era a philarmonica da terra, que passava para o theatro, indo a tocar uma peça de musica. Viam-se chegar ás janellas uns vultos flexiveis, buliçosos, que vinham, voltavam, tornavam a chegar, chamavam para dentro por outros vultos igualmente buliçosos e flexiveis, percebendo-se que fallavam, que gesticulavam, que riam. Eram as meninas da terra alvoraçadas com a symphonia que as chamava para o divertimento.

Vamos para o theatro.

Alugámos camarote, e com a boa disposição que nos embalava, para tudo se inventavam expedientes. O camarote não tinha cadeiras? Fomos ao camarote vizinho, e pedimo-l'as emprestadas a ellas mesmas.

Quem cala, consente. Como não responderam que não, entendemos que accediam e trouxemo-l'as. O dono do camarote, quando chegou com a familia, é que não foi tão condescendente como as suas amaveis cadeiras, e declarou-nos em portuguez muito claro que as cadeiras eram d'elle. Á vista d'aquella clareza cedemos-lh'as generosamente.

Temos outra. Antonio Coelho esquecêra-se das luvas. Bom remedio: tome vossê lá uma das minhas, a da direita. Eu que estou do lado esquerdo, calço a esquerda. Bravo! O plano era bem calculado. Contavamos com a condescendencia da luva direita, mas a maldita da luva foi tão condescendente como o dono das cadeiras. Numero *20 G* não se casava bem com a mão de Antonio Coelho. No melhor da festa rebentou e nunca mais foi luva. De um par de luvas quizemos fazer dois, e ficámos sem nenhum!

N'um dos intervallos fui apresentado á elegante e instruida sr.ª D. Marianna Passos, que estava com sua amavel mãe a sr.ª D. Carlota Pimentel. A sr.ª D. Marianna Passos tem sempre franco o seu palacio em que se cultivam as artes. Uma de suas filhas, apenas de doze annos, é já uma pianista muito notavel, e, se me não engano, ha de vir a ser uma artista distinctissima; a mais velha, uma d'estas almas formosas de

que transparece involuntariamente a bondade e o talento mal suffocado pela modestia.

Sabe-se a que horas ordena o regulamento universal que termine o espectaculo nas representações de curiosos. Não obstante a noitada, ás seis horas da manhã estavamos já levantados.

O sol, mais preguiçoso do que nós, apesar de não ter passado a noite no theatro, é que não quiz apparecer senão quando ás oito horas deu licença ás nuvens que se descortinassem. Atravessámos a pittoresca ponte no meio de um espanto meu. Como fôra na escuridão que visitára a ponte, as margens e a villa, tinha na imaginação um quadro de sombras, e esse quadro surgia-me de repente quadro de luz. Ía olhando para todos os lados, comparava as duas impressões, e não me davam senão uma phantasia das *Mil e uma noites*.

CAPITULO XV

NO MINHO OS BARBAROS DO NORTE E A COMMUNA

I

Dezeseis seculos ha.

Um mundo de gentes desconhecidas invade a Europa, levando-a a ferro e fogo.

É uma reunião immensa de tribus.

O barbaro tem innato o sentimento religioso. Ao sentimento religioso allia no grau mais subido a independencia do caracter.

Iguaes são todos. O chefe sáe do suffragio universal, e só d'este principio democratico lhe vem o poder da soberania.

As pendencias nenhuma auctoridade constituida as julga; decide-as o homem *bom*, por elles escolhido para arbitro de suas queixas.

Trajam pelles de animaes; a caça é-lhes ao mesmo tempo exercicio de destreza e diversão favorita.

Rendem culto á hospitalidade. Offender um hospede o mesmo é que offender o hospedeiro.

A força physica ameiga-lhes o animo, como aos valentes succede de ordinario. O hercules diante de outro hercules faz-se menino defronte de uma creança.

Este barbaro habitou o nosso antigo territorio, deixou aqui o sangue. O sangue transmittiu-se, e tem ainda n'uma povoação, alem, no Suajo, a dez kilometros dos Arcos de Valle de Vez, uma representação curiosissima.

II

É uma verdadeira tribu aquella nossa gente de Suajo, deixada ali por esquecimento ha centenas de annos; e, como tal, notavel quadro de costumes.

Como os seus antepassados, possuem essencialmente espirito religioso os suajenses. São caçadores por excellencia, e quando correm á caça predominam as pelles no seu trajo simplicissimo.

Iguaes são todos tambem; e n'este ponto sobresáe uma das suas curiosidades mais originaes. Revolucionarem-se contra as auctoridades inutil seria para elles. Que fazem então? Usam de traça mais engenho-

sa: acceitam o regedor que lhes nomeiem, mas de regedor é o menos de que elle se póde gabar. O leão no deserto combate com o tigre, mas não desce do seu throno para batalhar contra o onagro. Assim praticam os suagenses. Deixam em paz o seu regedor, o que não fazem é reconhece-lo. Regedor e auctoridades locaes são os *homens bons* que escolhem para lhes decidir as contendas.

O mesmo com as leis. Quando lhes impozeram os novos pesos e medidas, não os inutilisaram, como usa de fazer o povoreu ao surgir a aurora de algum novo tributo com que deixa de sympathisar. Nada. Não cairam os suagenses em inutilisar os pesos e medidas, o que fizeram foi largarem se a rir para elles às primeiras vezes que os viram na villa dos Arcos de Valle de Vez; entraram a alcunha-los de *sapinhos*, e pelos antigos e portuguezissimos pesos e medidas continuaram a regular-se na sua terra.

Um é por todos, e todos são por cada um. Se nas grandes rixas têem a infelicidade de matar alguem, e se as auctoridades administrativas se apresentam na localidade para inquirir, os suagenses não denunciam o culpado, mas respondem a uma voz: «*Matámo-l'o todos*».

É para elles inviolavel a hospitalidade. Quando al-

guem de fóra vae ao Suajo, não tem mais do que entrar na primeira casa. Entrado que seja, apresentam-lhe comer e beber. Se não bebe logo o vinho que o hospedeiro lhe offerece, leva-o pela cabeça abaixo, como testemunho de consideração. Desde que é reconhecido hospede, fica sagrado. Tambem, quando alguem vae aos Arcos ou a qualquer povoação vizinha, mette-se na casa do primeiro conhecido, installando-se ali como em sua propria habitação.

O arrojo, mostram-no logo que o ensejo apparece, como dignos descendentes das raças avoengas. Assim, em todas as revoluções da provincia se tornaram celebres, como de direito lhes era. Que melhor echo do que Suajo responderia ao brado de uma Maria da Fonte, do seu Minho? Vê-se então aquella tribu, alta, guerreira, enthusiasta, descer da povoação, trazendo na frente o abbade, como os antigos germanos o seu sacerdote, e vir atear o fogo da revolta na cabeça da comarca.

Não são arrojados só; como resultado natural d'aquelle caracter, gira-lhes tambem no sangue o espirito da independencia.

Em tempos antigos da monarchia, reza a tradição local, delegou a povoação alguns dos seus habitantes para levarem ao rei uma queixa contra uma lei que

os vexava. Sáe a notavel cohorte. Pelas terras do reino se encaminha, sendo recebida com a avidez curiosa que o valor e a originalidade despertam. Chegam á côrte. Concede-lhe audiencia o rei. É introduzida á real presença a cohorte dos suagenses. O rei, assentado, manda-os assentar. Os suagenses olham, e não vêem cadeiras nem bancos. Então, deprehendendo que o offerecimento fôra apenas mera ceremonia, tiram dos hombros os immensos capotes, enrolam-nos, e assentando-se n'elles, apresentam ao rei as suas queixas, como de iguaes para igual.

Estas e outras tradições é que lhes ajudam a conservar o caracter, transmittido de paes a filhos.

Torna-se portanto curiosissimo este verdadeiro typo local na celebre provincia, e se não temos, como a Italia, uma republica de S. Marinho, possuimos uma tribu da antiga Germania, não avó que nos amedronte, mas irmã que nos attrahe sympathia.

III

Não temos republica, disse eu? Pois temos mais do que republica n'este alto Minho e não muito longe do Suajo; temos a communa.

E temo-la de antiquissima data.

Alem está na margem direita do Lima, a doze kilometros da Ponte da Barca, a freguezia de S. Miguel de Entre os Rios, ao nascente com o seu grande morro da serra amarella que vae prender com o phantasioso Gerez, e do norte protegida pelo serro do Suajo que a torna fertilissima attento o abrigo que lhe dá das ventanias. Para nada lhe faltar de silvestre lá tem a serra amarella a avizinha-la de javalis, de lobos e outros animaes damninhos.

Aqui principia a communa.

Na serra amarella se apascentam, de maio a agosto, os gados dos habitantes *em commum*, substituindo-se de tres em tres dias os pastores, tirados de cada familia, para vigiarem o gado e o livrarem das feras.

Tem a communa a sua organisação constitucional. É esta: a freguezia está dividida em logares (a que chamaremos *cantões)*, e cada logar possue governo seu, exercido por um juiz e um thesoureiro, presidente do cantão e ministro da fazenda. Escusado será dizer que as eleições se fazem por suffragio universal. O povo entrega ao juiz a *carrapita* (busio) para o convocar quando houver necessidade das deliberações. Na vespera de querer o juiz consultar o seu cantão, toca de noite a grande *carrapita*. De novo a toca de manhã. Ao chamado acode o logar. Os homens com os

seus casacos de burel avivados de azul, calções, polainas, colletes e barretes de burel tambem, as mulheres de saias de lã, colletes curtos, lenços de linho na cabeça e cabello cortado, apresentam-se com solemnidade para em assembléa se discutirem os negocios do interesse geral, no terreiro, ao ar livre, como os povos das antigas republicas.

As veigas de S. Miguel estão divididas em quinhões pelas familias, mas estas não as cultivam. A cultura e a ceifa, executa-as de um extremo ao outro a communidade, recebendo depois cada familia o respectivo quinhão.

O cofre geral, isto é, o thesouro publico da communa, tira a sua receita da avultada verba do carvão e das multas. O excellente carvão que tiram da urze é feito em commum pelos habitantes. Não póde o cofre ser aberto senão na presença do povo e diante do povo é que o juiz distribue o dinheiro por occasião de incendio, morte de animal bovino, contribuições parochiaes, e n'outros casos determinados. É um cofre de soccorros mutuos. Amam-no todos religiosamente, como o soldado a bandeira do seu regimento.

A pena maior é a da expulsão da freguezia. Tem chiste. Resume-se em vizinho nenhum dar lume ao condemnado, não consentir que vá buscar agua á fon-

te, não fallar com elle, e nem responder sequer á mais pequena pergunta que elle lhe faça. O individuo, isolado assim completamente, vê-se na necessidade absoluta de emigrar da freguezia. É a antiquissima pena de morte dos romanos pela interdicção da agua e do fogo. Como porém a communa de S. Miguel se restringe a uma simples freguezia e não domina o mundo, a pena de morte limita-se á mudança de logar, e a instituição vê-se livre do condemnado sem pau nem pedra.

Negar a esta republicasinha de S. Miguel graciosa originalidade, assim como ao quadro germanico dos suagenses, seria faltar á justiça. Mas não receie o sexo fragil a engraçada communa do alto Minho. As gerações tem-na visto succeder desde tempo immemorial no meio de paz profunda, executando os seus principios com a boa fé dos corações puros e com a sinceridade das rectas intenções. Tranquillisem-se as bellas a quem não for sympathica a bandeira do communismo.

CAPITULO XVI

O ENCANTO DA SERRA DO EXTREMO

A Ponte da Barca dista apenas tres kilometros dos Arcos de Valle de Vez, e a estrada é uma formosura, que de tudo nos faria esquecer se a fama da serra do Extremo, por onde dentro em pouco havemos de passar, não principiasse já a pular-nos na imaginação.

Quem se encaminhasse para a nascente do Lima veria ainda desde a Barca até Villa Nova de Muhia as margens muito amenas e adornadas de lindas varzeas. De Muhia para cima opera-se uma progressiva transformação, desapparece a vegetação mimosa, apertam-se os montes, grandes massas de granito precipites ao rio apresentam aspecto imponente de rudeza, e em varios pontos vêem-se cair de um lado e do outro, como lençoes de neve dependurados em

paredes escuras, cascatas e cascatas de agua de um effeito magestoso e surprehendente.

Sigâmos para a serra do Extremo.

Levâmos á esquerda o Valle de Vez, um dos mais luxuriantes, se não o mais luxuriante do Minho, offerecendo uma variedade de quadros; a casaria espalhada pela estrada vae parecendo uma cidade.

A villa dos Arcos no meio de verdura tem a singularidade de se achar toda rodeada pelo rio Vez, que a circula como um annel.

Do logar do Fugido para diante vae ondeando o valle cada vez menos para o substituir uma extensa e pomposa planicie, augmentando a belleza dos campestres mosaicos, e bordando sempre a florescente extensão uma immensidade de igrejas e de casas alvissimas. O Vez, ainda independente antes de ir desaguar no Minho, acompanha-nos serpeando pelas campinas. Seguimos por um perfeito jardim. Respira-se um ar amigo e leal. O sol, quebrado por uma doce viração, abrilhanta aquella paizagem. Sente-se a alma em deliciosa suavidade, como se, recostada a cabeça no peito de uma verdadeira amiga, e entrecerrando os olhos, fossemos abrindo o coração em confidencias sinceras, adivinhando meigas respostas, conselhos sisudos e sorrisos leaes.

Principia a longa subida, prenuncio da serra. Ao imaginar a maravilha, o espirito alvoroça-se como ás proximidades de qualquer manifestação do bello. Levâmos a encosta sempre á esquerda, á direita a immensa planicie, successivamente a descer, e os objectos a diminuirem, como ao rompermos barra fóra se vão concentrando os edificios da cidade que se afasta.

A carruagem sobe a passo vagaroso, e levando-nos a pouco e pouco de uma formosura real para uma formosura de que só temos a promessa, dá áquella subida uma solemnidade, cuja impressão mal se póde definir.

Tanto mais que, fechando-se momentaneamente o arvoredo, torna-se mais funda a contensão do espirito.

E subimos a encosta sempre em estrada de zigzagues, assim construida para se poder cortar a serra Não se encontra ninguem. Reina um silencio completo.

E sempre a subirmos.

Vae reabrindo o arvoredo da estrada, reabrindo, reabre de todo, e vemos então, cada vez mais abaixo e cada vez alargando-se mais, a planicie que deixáramos, convertida n'um immenso valle que toma uma infinidade de fórmas diversamente accidentadas.

E á proporção que subimos cresce em nós a alvoroçada curiosidade. Desenvolvem-se transformações novas, como n'um theatro se vão succedendo gradualmente as scenas para a surpreza final. Duas grandes fitas serpeiam pelo terreno: uma, branca, o rio Vez, sentindo-se-lhe as quédas de agua; a outra, amarella sobre o terreno escuro, é a estrada que vamos deixando em todas aquellas curvas.

—É aqui? pergunto ao cocheiro, rompendo o silencio em que vamos todos.

—Ainda não, senhor; responde elle.

E quanto mais subimos, mais se dilata ainda aquella preciosidade, mais contornos traça, phantasias mais caprichosas desenvolve.

E a subirmos sempre no mesmo passo vagaroso e solemne.

— É agora? pergunto de novo.

—Ainda não é.

Imbebido n'aquella formosura, não imaginando como ainda podia ser maior, perguntava de momento a momento:

—Ainda não é aqui?

—Ainda não.

E sempre a subirmos.

De repente uma d'estas exclamações subitas, que são

a verdade adivinhada pela alma, não já como pergunta, mas como certeza, sáe-me instantanea dos labios:

— É aqui.

Era ali.

A carruagem pára.

Estamos finalmente no alto da serra do Extremo. Apeâmo-nos no pinaculo.

Nos limites fronteiros serras altas, um cortinado cinzento separando-nos do mundo; no grande espaço, lá em baixo, o Eden.

Leitor, que nunca vieste ao alto da serra do Extremo, ouve a originalidade d'esta vista, unica em todo o Minho. Não esperes que te descreva as casas de neve espreitando d'entre a verdura, nem a povoação dando vida áquella natureza, nem as aves cantando em côros divinos nos seus palacios de arvoredos, nem os sinos quebrando docemente a mudez dos campos, nem o balar dos rebanhos acordando nas almas a melancolia da saudade. Em toda essa extensão não se ouvem sinos, rebanhos, trinar de aves, nem se vê uma creatura humana. Poetas, quebrae as lyras, se precisaes d'esses elementos para cantar os campos do Extremo.

Mas então o que ha?

Só a natureza, como no momento de a fecundar o sol, ao mando do Creador.

Em redor de nós as penedias nuas, adornadas de sua mesma aspereza, e esta nudez e esta aspereza tornando ainda mais solemne a vista que se desfructa.

Em baixo planicies, nas planicies taboleiros de esmeralda. Dos dois grandes lados vão subindo thronos de arvoredo, thronos de degraus sem conto. Pelo meio de toda aquella extensão, quadros parciaes. No centro de uma planicie esverdinhadamente amarella, um arvoredo escuro tão compacto que o diriamos uma ilha. Bosques, searas. Mais ao longe dois montes deixam ver para alem d'elles um accidentado de verdes claros, por tal fórma, que parece uma cidade phantastica nos recortados de casaria. O sol na força do esplendor abrilhantando tudo aquillo.

Maravilhado áquelle espectaculo, o espirito embebe-se a um tempo em impressões grandiosas, encantadoras e melancolicas. Toma-o principalmente a surpreza da novidade.

Não é a Cruz Alta defrontando com a magestade de sete bispados, nem o Bom Jesus onde parece que a vida está saltando de contente. D'este pinaculo do Extremo, como de uma tribuna onde nos achâmos extasiados, não se ouve uma voz, não se vê uma creatura. É, no silencio da solidão, a natureza a contemplar-se a si mesma.

CAPITULO XVII

UM PALACIO ENCANTADO, UM JUIZ DE DIREITO E UM CÃO

I

Forçoso era deixarmos o alto da serra do Extremo para nos dirigirmos a Monção pela Berjoeira.

Mais de uma vez tentâmos inutilmente arrancar-nos d'ali. Por fim não houve remedio.

Continuou á nossa vista por algum tempo o formosissimo valle. Depois foi tomando o terreno um aspecto mais silvestre. A deslumbrante peça do Extremo principiou a ficar para traz, parecendo fugir-nos. A natureza contrahia gradualmente o sorriso, e ia-se tornando séria.

O nosso espirito obedeceu á seriedade da natureza, e o nosso rosto á seriedade do espirito. Quando admi-

râmos os quadros do bello, quando ouvimos musica sublime, quando assistimos á declamação dos grandes actores, é curioso ver como o rosto humano, acompanhando as differentes impressões que a alma sente, as reflecte, n'uma infinidade de mudanças, como um espelho moral.

Ao desapparecer aquella maravilha do Extremo, fechei a carteira, e recolhi-me dentro de mim.

A estrada tomára feição completamente diversa. Caminhavamos por entre pinheiros. Assim proseguimos por muito tempo. Depois voltámos á esquerda, entrámos n'uma alameda, e, ao desembocar da alameda n'um grande pateo, damos no meio d'aquella profunda solidão e mysterioso silencio com um palacio, produzindo-nos o repentino effeito de um palacio encantado.

Grande surpreza.

E, comtudo, creio que não ha um só dos meus trezentos mil patricios de Lisboa que não visse já o celebre palacio da Berjoeira.

Estou d'aqui a ouvir os meus trezentos mil patricios desatarem uma gargalhada.

—Pois se não fomos ao palacio da Berjoeira, como é que o podemos conhecer?

—Não sei se foram ou não, o que sei é que perfei-

tamente o conhecem. Ora digam-me: ha porventura lisbonense algum que não tenha visto o palacio da Ajuda? Pois então conhecem todos o palacio da Berjoeira, construido pelo risco d'aquelle edificio, e, para ser completa a similhança, faltando-lhe até o ultimo torreão.

Pertence o palacio da Berjoeira ao sr. Simão Pereira Velho de Moscozo. Portuguez de lei, amando a patria, pedindo áquella solidão a doce tranquillidade da vida, o illustre castellão recebe a todos de braços abertos, com a franca gentileza de um nobre caracter. Não passa ali portuguez nem estrangeiro que deixe de ser convidado. Raro é o dia em que o palacio da Berjoeira esteja sem hospedes, ás vezes chega a ter muitas familias. Não se pergunta a ninguem quando parte, só se lhe inquire por que não se demora.

Ao chegarmos, veiu ter comnosco o administrador da casa, o sr. João Luiz Gomes, um dos espiritos mais amaveis que em minha vida tenho encontrado.

Dentro em pouco chegou o dono do palacio, que nos recebeu com a facil naturalidade que se não aprende, que se herda.

Vimos tudo. Mostrou-nos a correnteza das opulentas salas que tomam a frente do edificio, e que terminam com a sala de damasco onde se acha debaixo de

grande docel o retrato em corpo inteiro de el-rei D. João VI, seguindo-se-lhe a sumptuosa camara com o riquissimo leito destinado para as pessoas reaes ou para altos dignitarios. Vimos depois a galeria dos quadros, o resto do palacio, os jardins e a quinta.

No fim da tarde partimos para Monção, onde deviamos pernoitar para logo de manhã principiarmos a descer o rio Minho. A custo nos deixou sair o amavel hospedeiro.

E agora, leitor, fica sabendo que estas novidades que te dou, estas linhas dedicadas ao cavalheiro da Berjoeira, me hão de custar o ficar elle indisposto commigo, porque ha só uma offensa que não sabe perdoar: o bem que do seu caracter se confesse. Pois fique embora mal commigo; a verdade antes de tudo.

II

A seducção que nos acenava do alto da formosa provincia era o tão afamado rio Minho, o rival do Lima.

Chegando a Monção á noitinha, Antonio Coelho e eu fomos ainda ver os restos das antigas fortificações, e depois passear na praça.

De repente sinto-me abraçado pelas costas, e ouço

uma voz amiga pronunciar-me o nome. Aquella voz inesperada produziu-me o effeito de uma cortina que repentinamente se abrisse para me mostrar um mundo em que eu já tivesse habitado. Voltei-me. Vi um homem. Caimos nos braços um do outro.

Era um dos bons contemporaneos da universidade, um camarada do batalhão academico, um amigo da quadra das illusões, um companheiro da vida quando a vida é a esperança de um paraizo.

Tinha-o deixado magro e encontrava-o nutrido; alegre, buliçoso, e reapparecia-me reflexivo e socegado. O olhar podia não ter já o brilho em flor, mas o que o tempo não arrancára d'elle era a doçura; e o sorriso, não tão aberto, mas sempre terno, conservava a expressão da bondade; um caracter sem macula, uma das glorias da magistratura portugueza.

É Manuel Ignacio Ramos do Canto.

Tornámo-nos a abraçar, como se instinctivamente abraçassemos todas as esperanças que perdêramos, e todos os amigos que nos tinham morrido.

O povo de Monção estremece aquelle juiz.

O vexado pela prepotencia encontra sempre, na vara que elle empunha, a justiça que lhe pede. O seu tribunal não é só na audiencia, é em casa, nas ruas, nas praças. Em qualquer logar onde o pobre lhe apre-

sentou uma supplica, a mão do juiz recebeu-a, a consciencia do magistrado despachou-a.

Foi esta a voz unanime que ouvi.

III

E agora, sem precipitar a nossa digressão pelo rio Minho, suppõe-te já, leitor amigo, no dia de ámanhã, na praia, porque tenho que te fazer uma apresentação curiosa, e desassombradamente, sem que o nosso Ramos do Canto se queixe da approximação. Faço esta justiça ao homem da justiça. Aquelle excellente coração ama os animaes, e a fidelidade que lhe é natural consagra á fidelidade, venha ella d'onde vier, um sympathico affecto.

Ali está elle, o sr. *Prompto,* prompto sempre a um olhar do arraes, seu dono, que ha de guiar o nosso barco.

Se o imaginaes todo felpudo, alvo ou negro, olhos grandes, um d'esses modelos das gravuras que nos fazem sorrir, perdeis a illusão. O nosso *Prompto* é amarellado, descuidado de si, iracundo ou festeiro, conforme as occasiões. Não é como esses alferesinhos de cintura acatitada, besuntados de essencias, e conquistadores dos primeiros andares; é, sim, como um

triste soldado, companheiro leal por todos os soes e por todas as chuvas, e apaixonado modestamente de um *rez-de-chaussée:* o barco do seu dono, palacio dos seus amores.

É curioso este animal. Quando o dono está no barco, vae o sr. *Prompto* para casa; mas assim que o vê chegar a casa, elle ahi parte logo para o barco. Em o dono se dispondo para navegar pelo rio Minho, *Prompto,* na margem, pergunta-lhe, com o olhar significativo, se o deixa ir ou não. O olhar todo risonho e as orelhas espetadas, denotam a esperança; a cara tristonha e as orelhas derrubadas significam o desengano.

Mas o desengano não quer dizer desespero. Os homens é que se suicidam, os cães não; lutam e offerecem á humanidade mais um dos grandes exemplos em que ella devêra aprender.

Ao ver largar o seu adorado barco sem o levarem (pelo incommodo que dá, estando incessantemente a saltar para o rio e a molhar os passageiros) *Prompto* não desanimou, traçou o plano, e poz-se a caminho pela margem, como em iguaes circumstancias costuma fazer, acompanhando sempre o seu palacio ambulante e o seu dono querido. Então é que démos por elle, que fomos presenceando a scena, e que soubemos a historia d'aquelle sympathico animal.

Sempre correndo pela margem, sem tirar os olhos do seu barco, vae-os fitando no dono, e d'elle recebendo tambem um olhar quasi constante e amoravel: o dono, ingrato que assim o deixa ir penando; elle, amigo fiel, seguindo-o sem desprezar o ingrato. Entendem-se ambos.

Pára, descansa um instante o meigo animal para recomeçar a corrida, e lá vae, offegante, de lingua de fóra, encontrando forças na realisação do desejo.

Mas quando silvados ou arvoredos lhe obstam a passagem? Lá o perdemos então de vista, lá procura atalhos, lá vae rompendo por entre as difficuldades, lá o entrevemos, ora para diante, ora para os lados, ora serpeando, sempre no seu intento e sempre victorioso.

E quando grandes riachos confluentes ao rio lhe cortam absolutamente a margem? Nem assim esmorece. *Prompto* deita-se então aos riachos, ou ao rio, e vae nadando até chegar á continuação da margem firme. E n'esse momento, quando acaba de vencer o obstaculo maior, mais festeiro olha para o seu barco, exactamente como se lhe dissesse: «Mais este sacrificio te fiz, ó meu barco».

E quando, proseguindo a margem pelos povoados, elle receia que o rapasio o estorve no seu caminhar?

Para tudo tem recursos promptos o sr. *Prompto*. Antes de chegar a esses logarejos, atira-se a nado, atravessa o rio em toda a largura, passa para a margem da Galliza, e, naturalisando-se provisoriamente hespanhol, torna para a sua patria, quando vê que passou o perigo do rapasio.

Com estas e outras peripecias, com este proceder admiravel, consegue não abandonar nunca o seu barco, vá elle para onde for, até que vendo-o aportar, salta para dentro no meio de um chuveiro de latidos, de saltos e de festas.

Fóra mesmo de Monção conhece o barco entre os outros todos, e vá lá barqueiro ou individuo qualquer entrar, achando-se elle a guardá-lo! Só se o matarem. Quando está o dono, póde entrar quem quizer.

Ás vezes vêem-no na praia de Monção, assentado na areia, a olhar muito serio para o barco, e durante muito tempo. Em que scismará elle então? Já decifraram segredos d'aquelles? Parece estar a dizer de si para si, com a cegueira do amor com que a pobre Eva ideava o feissimo Gwynplaine: «Poderão todos ser muito formosos, mas não ha nenhum como o nosso barco!»

E se não é n'isto que scismas com o teu olhar apaixonado, por se não consentir aos cães que amem, nem

que tenham saudades, nem que riam, nem que chorem, fique encerrado em ti o mysterio do teu segredo, ó amigo fiel que podes dar lições á fidelidade dos homens.

IV

Que formoso não é este exemplo! E como este quantos milhares não haverá!

Quem foi que ensinou aquelle irracional a amar assim? a sacrificar-se? a morrer talvez, se visse afundir aquelle barco e aquelle dono?

O homem aprende a amar no amor que lhe inspiram, nos beijos de sua mãe, nos carinhos de seu pae, nas doçuras da sua infancia, nos dictames da escola, nas lições que recebe, nos livros que lê, nos casos que presenceia, nas mil fórmas da educação, e quando estes principios lhe não purificam a alma, transforma-se n'uma fera.

Que idéas religiosas, que aninho de familia, que leituras, que educação têm o animal? Quem lhe deu aquelle sentimento mais propriamente seu do que o do homem é do homem? A natureza.

E o homem que anda a blasonar justiça e rasão, ainda não encontrou para os animaes senão desprezo e barbaridade. Ainda espectaculos de sangue enlutam

a Europa, cavallos estripados por entre as gargalhadas de mulheres e creanças, touros mortos covardemente em combate desigual não tendo o engenho para oppôr ao engenho, gallos contra gallos aguçando-se-lhes de intento os esporões para com martyrio mais doloroso divertirem os espectadores, o captiveiro das aves passando pelo facto mais natural, e, n'uma palavra, se o sustentar os animaes não fosse necessario para elles trabalharem, quantos não morreriam de fome!

E, todavia, que amor nos não dedicam elles, que affectos não perdemos nós rejeitando o que elles nos dariam?

Pois que? Não devemos nada ao brioso animal, que nos leva ao campo da batalha? que ali morre para nos cobrir de gloria? todo elle fogo, quando fogo lhe pedimos? todo elegancia, quando a mulher do nosso coração nos aguarda á janella, cheia de alvoroço? todo ternura, quando nos chegâmos a elle para desdenhosamente lhe dispensarmos o favor de uma festa?

E aquelle operario dos campos,

com a fronte baixa, sem mugir ao menos.
. . . O nosso amigo, e o nosso escravo,
que sem ter parte alguma em nossos gostos
tomara parte nas fadigas nossas? [1]

[1] Sr. Castilho, *Primavera.*

E o fiel companheiro de todos os momentos, salvador de tanta gente, nosso engraçado comprador ás vezes, e que por fim sabe chorar a nossa morte, quando não vae morrer sobre o nosso tumulo?

E aquellas aves que vos abrem a inspiração, poetas? que vos ensinam a amar, creanças? que soltam plangentes gorgeios nos vossos dias de saudade, mulheres? que a todos nos melhoram com seus cantos e a quem pagâmos assaltando-lhes os ninhos e dispersando-lhes os filhos das suas entranhas?

E aquella mansidão que se deixa matar com um gemido apenas?

E aquella terna companheira, candida como a sua côr, douda de jubilo quando se vê amada, morta na vida quando a viuvez a despedaça, e toda ella um estremecimento de amor que a torna adoravel?

E tantos outros, tantos!

N'esta occasião, portanto, de encontrar um animal tão amoravel, deixem-me levantar um brado em favor dos animaes.

Ainda não será tempo de se instituirem para beneficio d'elles em todas as nações civilisadas as sociedades que apenas n'uma ou n'outra bruxoleiam? Quando é que a escola dedicará, contra o mal que se lhes faz, mais alguma regra do que o trivial «in-

dicio de mau caracter»? Quando se publicarão regulamentos de bem para entes que amam, que sentem, que aprendem, que trabalham, e que auxiliam poderosamente a humanidade a progredir e a aperfeiçoar-se?

CAPITULO XVIII

OS DOIS RIVAES—RIO LIMA E RIO MINHO

I

Leitor, se rendes culto aos olhos femininos, poderás dizer quaes preferes, se os pretos, se os azues?

Os pretos fazem abaixar os nossos, não fazem? Não ha n'aquella profundeza um mysterio? Não nos mandam reflectir e adorar?

Mas aquelles olhos azues a fazerem-nos sorrir, e a enlearem-nos em doçura que nos encanta?

Vá-se a gente lá decidir por uns olhos pretos ou por uns olhos azues!

Isto me bailava dentro da cabeça quando na formosa provincia, antes de visitar o Lima e o Minho, ouvia dizer a uns: «Ai o Minho! não ha Lima que lhe

chegue»; e a outros ouvia retorquir: «Pois o Minho póde-se lá comparar com o Lima?»

Convenci-me logo de que os dois bellos rios eram dois verdadeiros rivaes.

Com infantil curiosidade me achava, portanto, no alto da provincia, em Monção, ponto onde se embarca para descer o rio Minho até Caminha.

Batem sete horas da manhã. Estamos na praia, Antonio Coelho e eu. Temos por companheiros alguns artifices que emigram para o Brazil. As pobres mulheres desfazem-se em chóros. Ramos do Canto, o bom juiz, acompanha-nos até o barco largar. O sr. *Prompto* dispõe-se para a sua marcha.

A curiosidade toca em anceio ao ver a meus pés o tão discutido rio.

II

Havia poucos dias que eu tinha descido o Lima até á sua foz em Vianna. Impresso me estava na mente o deslumbrante rio, e de caso pensado reservára o esboço d'elle para o comparar com o Minho.

Que belleza não é o largar de Ponte de Lima levando á direita os campos de Bretiandos, á esquerda aquelles amphitheatros espaçosos, matizados de mil quadros de verdura, de ermidas, de alvissimas casas

soltas, e navegando sobre aquella cinta de prata recortando o vasto leito de areia!

Por entre choupos e salgueiraes proseguimos pelo formoso sitio da Passagem, e depois por diante do monte do Castello, para cujo lado se divisa uma immensidade de igrejas e de vivendas bordando já os ondeados do terreno, já as planicies, e em terreno elevado um grande numero de moinhos a trabalhar. De cada um dos lados junto ás margens, por onde vae navegando o barco toldado de salgueiros que sobre elle se debruçam, vê-se alternadamente a paizagem do lado opposto.

Quando abrem os salgueiros, como se não enfeitiça a vista, por ambas as margens espraiadas, pelos diversos logarejos, quintas, pomares, arvores soltas, prados floridos, risonhas campinas, panorama esplendido que successivamente se desfructa! Ali está o logar de Santos Idos, de que sobresáe a vivenda do sr. Rocha adiante de uma linha de moinhos, e um morro para alem, e para lá do morro dois montes, e depois os logares de Cardellas, e Serlães, e Barco do Porto, e Villar, e outros ainda, beijados pelo rio, os demais situados no interior, e cada um formando seu quadro campestre e variado.

E mais adiante, na margem direita, Santa Martha

com a sua casaria por entre os arvoredos, e na margem esquerda Mazarefes n'um grande semicirculo do rio, e ainda depois á direita o phantasioso castello de Pereira da Cunha, com seus torreões, no centro de verdejante paizagem, e defronte os pittorescos montes de Deuchriste e de Anha; no meio do rio, entre a vivenda do poeta e os montes, a grande insua onde pastam bois e ovelhas. Depois a Abelheira, mais adiante o arrabalde, por fim entre as campinas enxadrezadas de verde e amarello o rio n'um circulo immenso, já especie de mar, beijando a encantadora Vianna, assente na raiz do monte de Santa Luzia.

Assim é o Lima todo na grande extensão desde Ponte a Vianna, espraiado, com as margens atapetadas de verdura, matizado de logarejos, cheio de vida, de sorrisos, de amor.

III

Comparado com elle, que será este rio Minho, mais formoso que o Lima, dizem?

Vae já na agua o barco. Monção a recuar; não, somos nós que avançâmos.

Procuro as margens do Lima, aquellas campinas matizadas, aquelle esplendor de contrastes, e nada vejo.

Mas por onde vamos então? Por outra belleza.

Quadro austero, linhas simplices. Não sorrimos, reflectimos. Não queremos saltar do barco para divagarmos pelas campinas, poisque não apparecem; queremo-nos recolher dentro de nós para conversarmos comnosco. Não ha nada mais simples de Monção a Valença, mas por isso mesmo não ha nada mais intimo.

O rio não vae, como o Lima, brincalhão, serpeando; vae cheio, de margem a margem. Não proseguimos em bordos, vamos em linha recta, na linha séria. De um lado e do outro paredes compactas de arvoredo silvestre que nos encobrem as campinas. Como o rio está um espelho, as paredes verdes dos lados retratando-se nas aguas representam através, por baixo de nós, outro rio com as mesmas paredes de verdura em sentido opposto; e, como volta depois á direita e as margens o acompanham, durante um longo espaço o Minho forma dois successivos salões de arvoredo silvestre á similhança d'aquelles por onde passámos na estrada de Braga para Ponte de Lima, com a singularidade de serem agora sobre a agua, o que os torna severamente magestosos.

Soberbo espectaculo!

Sabe-se que o rio Minho é a raia que separa Portugal da Galliza. Á seriedade da natureza acresce não sei que pensamento solemne ao irmos seguindo

por entre dois reinos. Á esquerda sempre a nossa margem, a margem portugueza, nós; à direita sempre a margem estrangeira, a margem hespanhola, elles.

Eu bem sei que a natureza creou a humanidade uma, e não creou nações, que por isso o rio Minho não está obrigado por *natureza* a ter portugueza uma das margens e a outra hespanhola, e apesar d'isso o viajante vae-se impressionando mais com a margem direita, examinando se as culturas são as mesmas, se os rebanhos se parecem com os nossos, se as arvores são de outro feitio, se os gallegos são homens differentes.

É que a imaginação vae exaltada ali. É que no espirito, já impressionado com a severidade do rio e não menos por navegar entre dois reinos, se lhe levanta n'aquelles momentos a idéa mais querida ao coração, a idéa da independencia nacional, e com ella a historia completa da patria, dos seus fóros, do seu direito, das suas glorias, dos dias da sua felicidade, da epocha das suas lagrimas. Toda essa historia surge no espirito dentro d'aquelle barco, sobre aquellas aguas que o balouçam, á rude magestade d'aquella vegetação melancolica, d'aquella natureza pensativa, por entre aquellas margens onde se estreou a nossa

independencia com a primitiva tenacidade dos portuguezes, onde para a firmar se jogaram guerras civis e celebraram tratados de paz, onde o animo varonil de D. Thereza lançou as primeiras raizes nacionaes, onde um dos mais nobres caracteres, Egas Moniz, tinha os seus senhorios, e d'onde partiu para a heroica humilhação que o tornou immortal: patria formosa, cuja aurora raiou nas margens d'este rio, onde o navegante, olhando com estima para a direita, vae dizendo: «Hespanha, prezo-te», e olhando com amor para a esquerda: «Adoro-te, Portugal».

A estas solemnidades junta-se ainda outra de Monção a Valença: são as falladas *ranhas* (degraus de agua na largura do rio) pelas quaes o barco tem de descer, e tres d'ellas, as duas da *Filha boa*, e a da *Terra caida*, de perigo mortal. Se o barco se volta ali (e para não se voltar necessita-se de grande pericia) é morte certa, pela violencia da corrente. Apesar d'isso o espirito vae por tal fórma exaltado, que não se embaraça com o perigo, até que o rio alarga, passâmos por diante da pittoresca torre da Lapella, a torre de Belem do Minho; e se defronte de Caldellas, povoação hespanhola á beira do rio, surge repentinamente um lindo prado, é para o Minho retomar logo em seguida o seu aspecto silvestre.

E assim continuâmos sempre até este bello panorama: uma grande bacia circulada pelos dois reinos, e ali na margem direita, a cidade de Tuy, a sentinella da Hespanha, com a sua cathedral dominando a povoação, e na margem esquerda Valença, a atalaya portugueza, com a sua corôa de fortificações, de cujo centro se hastea a bandeira das quinas, que, desfraldada ao vento, nos produz no meio d'aquellas impressões um estremecimento de jubilo.

IV

Desembarcâmos em Valença ainda commovidos do espectaculo magestosamente severo que se nos apresentou desde Monção, para ámanhã continuarmos a navegar.

Depois de subirmos a grande ladeira até à praça, repousâmos a vista nos formosissimos olhos azues de que é proprietaria a sr.ª Mariquinhas, dona da hospedaria, e usufructuario segundo a lei o sr. André, seu marido.

Cousa notavel! Querem admirar os olhos pretos mais arrebatadores? Vão a Monção e admirem os olhos

da sr.ª Mariquinhas, dona do hotel da praça. Lindos olhos azues? Vão logo em seguida á sr.ª Mariquinhas de Valença. Os olhos verdes que fazem lembrar os da Joanninha de Garrett? Sigam logo tambem de Valença para a hospedaria de Caminha. Assim, se houvesse na Europa exposição internacional de olhos, Portugal receberia a medalha de oiro.

Mas como já deu meio dia, e nem o meu amigo Antonio Coelho nem eu havemos de almoçar olhos, vamos aos classicos biffes e á classica omeleta que a loura Mariquinhas nos está ali pondo na mesa.

Almoçámos como devêra ter almoçado o conego gallego que de tarde ouvimos cantar as matinas na cathedral de Tuy, o conego mais gordo que tenho visto, e cujo vozeirão retumba nas abobadas a ponto de ser em Tuy uma das curiosidades mais notaveis que impressionam o viajante.

Tomaram amavelmente conta de nós alguns amigos de Antonio Coelho, levaram-nos ao club, ás ruas principaes, ao passeio de D. Luiz, ao hospital, arrancado á ruina pelas valiosas doações do sr. visconde de Guaratiba, subindo uma d'ellas a sessenta contos de réis, e terminámos a digressão pela vista que se gosa do baluarte do Soccorro, d'onde se admira um dos paineis mais esplendidos da poetica provincia.

V

Perdoa-me tu, magestoso rio Minho, esta pequena interrupção. Como querias que eu deixasse de fazer uma visita á nossa estimada Valença, ainda mais tua do que minha?

Já aqui estou ás oito horas da manhã sobre as tuas aguas para te continuar a descer, e, descendo-te, ir continuando a admirar, se não tão imponentes de altura, os arvoredos das tuas margens, sempre a tua feição solitaria, solemnemente uniforme, e, ao contrario do Lima, sem amphitheatros, sem casarias a matizarem os campos, sem romanticas ermidas, sem aquelle ramalhete que é o contraste de ti, ó Minho, classico em tuas linhas simplices.

E assim vamos proseguindo, proseguindo...

Mas do mesmo modo que uma ou outra vez mostra o Lima aspecto sério, assim tambem uma ou outra vez o apresentas tu gracioso. Alem está na margem gallega a povoação de S. Campos com os frondosos amieiros em linha sobre o rio formando florestas para o interior, e alem estão defronte de Campos, na margem do nosso Portugal, sobre um prado verdejante, massas de arvoredo que diriamos quadrados de caçadores.

Logo desapparece o quadro, para o Minho retomar a sua feição, até que por fim, na ultima parte, de Villa Nova da Cerveira a Caminha, se transforma n'uma tal magnificencia, que é necessario, ó Lima, que tu valhas muito para que a palma disputada não seja entregue sem hesitação ao teu poderoso rival.

Sim, um deslumbramento!

O Minho volta á esquerda. Em todo o horisonte, serras. No espaço intermedio, montes caprichosamente eriçados, lembrando os Alpes. Sumiram-se finalmente das margens os arvoredos. Vemos em redor de nós a immensa bacia que forma o rio, communicando com o mar em nossa frente. Não sabe a vista onde vá pousar. No meio do rio estendem-se insuas. A primeira é a da Aboega. Pela margem portugueza, prados, relvas, arvores espalhadas, para lá das planicies terrenos alteados, a casaria dispersa, logarejos, palacetes, capellinhas, uma paizagem admiravel.

Á nossa esquerda Gondorem, mais adiante Lanellas, produzindo gracioso effeito as columnas de fumo que das chaminés se levantam, e do lado direito a Galliza com a sua povoação de S. Miguel em situação formosa, porque para alem d'ella vão-se os montes abaixando e deixando apparecer ao longe novos montes mais esbranquiçados e arenosos contrastando com

os que lhes ficam mais proximos. E lá está mais, para a nossa esquerda, sobre uma collina, a povoação de Seixas recostada por entre verdura defrontando com a segunda insua por onde vamos passando, e a margem direita espraiando-se em planicies com os seus logarejos poeticamente dispersos, e já ali outro rio, o Coura, a desembocar no Minho, e finalmente a fazer as honras da nação ao Oceano a graciosa Caminha, branca de neve, a cujo caes o viajante chega attonito, por querer abarcar ao mesmo tempo cada um dos variados quadros d'aquelle quadro fascinador.

E ao desembarcar, perguntava a mim mesmo: porque motivo rivalidades?

Eu tive a felicidade de me embalar nas tuas aguas, mavioso Lima, desde Ponte a Vianna, de me embalar tambem nas tuas, silvestre Minho, desde Monção até Caminha. De ver em ti, Lima, o rio que não cede ao lago Maior; de admirar em ti, Minho, aquelle a que o lago de Cômo se não avantaja. Ambos vós percorri na sua principal extensão, ambos me encantaram durante horas, um em grandes pensamentos, o outro em sonhos deliciosos, e ambos n'aquelle dormir acordado, n'aquelle bem estar scismador que é uma das raras felicidades d'este mundo.

Que hei de eu dizer de vós ao leitor, que me está

aqui a perguntar pelas vossas aguas e pelas vossas margens? Quero-me decidir pela tua severidade magestosa, Minho, e já de alem me está a sorrir aquelle formoso Lima a que se não resiste. Quero fugir para ti, Lima, e ali está aquelle Minho a fazer-me abaixar os olhos com o imperio que nos manda inclinar a fronte e ajoelhar submissos. Ah! vem tu ao alto Minho, leitor, vem resolver o eterno problema dos olhos pretos e dos olhos azues.

CAPITULO XIX

CAMINHA

I

Uma joia!

Não sei em que tempo foi, mas sei, ou sonhei, que um architecto, grande artista e doudo refinado, pegára um dia n'uma pouca de neve e a brincar com ella lhe saira uma villa. É Caminha.

Pequena, mas de appetite. Faz vontade de a mandarmos metter n'um caixote, á maneira dos *chalets* da Suissa, e de a trazermos como lembrança de viagem á pessoa que mais estimâmos.

Transmittem-se todas as terras de geração em geração com as suas tradições, porque a tradição é o espirito dos povos. Caminha transmitte de paes a filhos uma tradição fundamental: o asseio, no seu mais

elevado apuro. Praças, ruas, frontarias, casas, passeios, tudo tem aquella feição. É uma originalidade.

Corremos a villa n'um momento, e parecia que tudo se estava a rir para nós. Vem á idéa pegar ao collo em tudo aquillo e dar-lhe um beijo.

Do centro da villa, que parece acabadinha de fazer, levanta-se a celebre igreja matriz, monumento do seculo XVI no genero da ornamentação florida da epocha manuelina. Sabe-se que o genero pedia ao artista a poesia phantasiosa. Assim lh'a deu o architecto João de Tolosa, levando nos ornatos da cimalha a liberdade artistica (inspirada no amor da independencia portugueza) ao ponto de collocar uma das figuras voltada para a margem hespanhola, em attitude tão extravagante, que será difficil conter o riso quem estiver a examinar a architectura do monumento.

No interior é admiravel o templo pela obra de talha dourada, mas o povo, esse o que mais admira é a enorme estatura do S. Christovão, que ainda excede o da matriz de Vianna.

Foi lançada a primeira pedra no dia 10 de março de 1528, em presença do pae do bispo de Elvas D. Antonio Mendes, o qual gratificou os officiaes com a quantia de *um vintem* para fructa e vinho. Assim reza um manuscripto de Caminha com que me presentearam,

e de cuja leitura não se arreceie o leitor, porque ao menos espero que me agradeça o tê-lo poupado a alfarrabios e documentos.

Só lhe peço licença para citar um facto curioso de que faz menção o tal manuscripto, já que todos temos a felicidade de pagar ao estado o real de agua.

Pois saibam que as *bernardas* contra o real de agua não só estão sanccionadas pelos seculos, mas até as legitima o direito canonico. Riem-se? Suppunham talvez que eram invenções d'estes revolucionarios de agora, que não têem onde cair mortos?

Ora ouçam o texto, só duas palavras:

«No mesmo ano de 1636 veyo o Provedor da comarca a esta villa para introduzir o *real da agua*, e logo se levantou motim de Abades, Clerigos e Estudantes, e se retirou (o Provedor) dando parte a Elrey...»

Consolem-se á vista d'este espelho, senhores recebedores e escrivães de fazenda, quando lhes forem fazer autos de fé á papellada, que o motim já data de seculos, que a invenção foi de abbades e de clerigos, e, se tiverem de fugir, que já tambem fugiram figurões mais graúdos n'isto de implorar dinheiro por carnes e vinhos com a faca financeira aos peitos da gente.

II

Agora reparo! Pois não me ia eu mettendo a proclamador de petrolices no escripto mais innocente que typographos podem compor! Ah, continuemos o nosso passeio da tarde, subamos a encosta do baluarte de Santo Antonio por onde o meu companheiro me convida a uma novidade, a uma das maiores novidades na formosa provincia. Subamos pela encosta, descansemos, continuemos a subir, e ainda a descansar, e ainda a subir.

É aqui.

Leitor, se aprecias sensações que te encantem, não passes por Caminha sem subires ao baluarte de Santo Antonio, para te extasiares n'este magnifico panorama.

Aqui estamos no alto. Á esquerda o oceano a roncar. Em nossa frente, na margem da Galliza, a colossal e recortada montanha de Santa Tecla, de effeito ainda mais imponente por ficar entre duas planicies, toda verdejante na falda, no cimo ouriçada e silvestre. Na mesma frente o rio Minho em toda a sua largura a desaguar na foz. Na margem portugueza, defronte da montanha de Santa Tecla, Caminha, a candida, bei-

jada pelo Minho, e beijada tambem á sua direita por outro rio, pelo Coura, que ali mesmo vem misturar-se no Minho. Na outra margem do Coura, sobre uma collina em amphitheatros em cuja altura ondeada ha uma linha phantasiosa de pinheiros, reclina-se a aldeia de Seixas em grupos de casas escuras, por entre vegetação. Caminha, d'este lado do Coura, deitada em leito alvissimo, fresca, singela, como que a dizer para Seixas: sou a formosura. De lá, Seixas, reclinada voluptuosamente, trigueira, enfeitada, respondendo a Caminha: sou a provocação. Fechando o circulo, que principia no mar, que segue por dois rios e quatro margens até acabar tambem no mar, a extensão extensissima, com arvoredos, povoações, casaes, moinhos, nos extremos as serras esfumadas, e todo este panorama soberbo de grandeza e opposições, de mais a mais, visto do alto, em despovoado, no silencio da solidão!

Recostei-me n'um comoro a contemplar tudo aquillo.

Só depois de algum tempo é que o espirito, mais senhor de si, foi despertado por uma novidade que vinha completar o quadro. Mais abaixo, em volta de um tanque lavavam roupa as raparigas da terra, quebrando suavemente a mudez de toda aquella altura;

e, sobre a relva, tapetava o declivio do monte immensa quantidade de roupa a corar. Escuso de acresçentar que era de neve. Como não lavariam a roupa as raparigas da asseadissima Caminha? Olhando de repente para ali, e logo para baixo, para a villa, dir-se-ia que as lavadeiras de Caminha queriam ali photographar a sua terra. Era de um effeito original.

As que não lavavam, estendiam a roupa, ou principiavam a ajunta-la. Ali está a sr.ª Felismina com o seu rosto magano; mais adiante um demonico pequeno, de cabello em parte louro, em parte de furta-cores, a quem ouço chamar Clotilde; ali está, principalmente, a menina Maria Augusta, ou antes a menina Mariquinhas, pallida, com a sua figura esbelta e flexivel, com o seu ar entre engraçado e sisudo, e com os olhos castanhos mais doces que têem brilhado em rostos de moças lavadeiras.

E querem saber qual era o enlevo d'aquelles olhos tão lindos? Contou-me ella o seu segredo, e não fiques mal commigo, Mariquinhas, se aqui o deixo revelado.

Pensam talvez que estava apaixonada por algum bello mocetão de Caminha, que a havia de levar á igreja, e tirar d'aquella malfadada lida, não? Pois enganam-se. Isso era bom para a menina Felismina,

por exemplo. A menina Mariquinhas tinha amores mais romanticos, e até mais originaes.

Os amores da Mariquinhas eram a sua roupa, quando a via, como n'aquella tarde, toda estendida sobre a relva, branca de jaspe, «ao pé da roupa das mais», como ella desdenhosamente dizia.

—Ah, senhores (acrescentava ella para Antonio Coelho e para mim), olhem por ahi fóra, e vejam se alguma d'ellas é capaz de apresentar uma roupa mais branca do que toda aquella minha roupa que alem está!—E os olhos ternos da Mariquinhas lampejavam ao cravarem-se na roupa.

—Não sou eu que o digo. Olhem que o diz lá em baixo a villa toda.

E os olhos sem se lhe despregarem d'aquella alcatifa de neve! tão imbebidos estavam n'ella, nem que fosse no rapaz dos seus primeiros amores, ou no berço do seu primeiro filho.

E calou-se, deixando-se estar assim a contempla-la com um olhar que sorria.

É que effectivamente a doce rapariga amava a alvura da sua roupa, que era o fructo —não se ria quem o não entenda— que era o fructo do seu coração scismador.

Era.

Pensaes que não ha amores senão ás mulheres, ás pastas, ao jogo, ao vinho? Perguntae a Saintine, alma que lia nas almas, se não ha amor ás flores. E, mais do que a Saintine, perguntae ao coração humano se se não tem apaixonado pelas estatuas que o seu buril arrancou do marmore, pelas cupulas magestosas que o seu camartello atirou para os espaços, pelas pontes elegantes, como a ponte monumental do Zezere, para a qual o nosso João Evangelista se punha a olhar, perguntando se no mundo havia alguma mais bonita do que ella, pelas bandeiras dos regimentos de cuja saudade chora o soldado, e por cuja gloria morre ao pé d'ellas para as defender.

Os que se rirem pois de se enlevar a Mariquinhas na sua roupa de neve, é porque nunca souberam fazer nada nem comprehenderam cousa alguma.

CAPITULO XX

ESTRADA DE CAMINHA A VIANNA

Chuvosa apparecêra a manhã, o que nos contrariava, porque a estrada de Caminha a Vianna passa por ser a mais formosa do Minho.

Pois hei de regressar a Vianna depois da viagem circular ao alto da provincia, e aos que me perguntarem pela estrada de Caminha, terei de responder: «Não a vi?» que seria não a ver o atravessa-la debaixo de chuva e por entre nebrina.

Quando porém nos animam, surge em nós a esperança. Querem a prova?

Ha ahi alguem que deixe de conhecer Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, o auctor da *Douda de Albano*, do *Tasso*, da *Corrida veloz?*

—Mas a que proposito... pergunta-me agora o leitor...

A que proposito vem para a chuva de Caminha o poeta Cordeiro, que a estas horas está muito bem socegado nas margens do seu Liz? Dentro em pouco o vaes saber, leitor amigo.

Mas já que fiz entrar em scena n'estes meus apontamentos o poeta Cordeiro, dize-me se realmente o não conheces? aquelles olhos vivissimos? aquella boa fé dos caracteres sãos? aquella alma aberta e sempre indulgente? aquella chistosa intimativa em tudo quanto lhe sáe da consciencia? com a penna sempre disposta a fazer justiça, e a bolsa sempre aberta para os emprehendimentos locaes de progresso?

Amigos de infancia, condiscipulos na universidade, companheiros nos commettimentos educativos e jornalisticos no districto de Leiria, até o fomos na popular campanha da Maria da Fonte, no vapor hespanhol *Izabel II* que nos trouxe do Porto a Lisboa, e ainda tambem o fomos no perigo imminente da barra do Porto, onde, lançados sobre os rochedos, vimos a morte quasi a devorar-nos, e ao pé de nós o chorado Lopes de Mendonça exclamando n'aquelle transe: «Quem póde no meio d'isto duvidar de Deus?»

De Lisboa para Leiria no intento de evitarmos a estrada real, o menos fraternal possivel n'aquella quadra para dois academicos de Coimbra, cortámos por

montes e atalhos, sob a direcção do nosso Cordeiro, conhecedor dos sitios.

Era tambem alta manhã. Tinhamos pernoitado em plena serra de Ayre na casa terrea do tio Ignacio, de mais de setenta annos, casado com a tia Innocencia, uma santa mulher, e mal presumia o meigo velhinho (estou-o vendo!) que a sua casa houvesse acoutado dois furibundos revolucionarios! Fomos á cozinha, que era a sala da recepção, e olhando para a rua mostrámo-nos contrariados por chover, tendo de jornadear por aquellas serras.

O bom do velho, entendido por sua longa pratica em chuva e vento, chegou á porta, rijo como se os ares d'aquelles montes o rejuvenescessem, poz-se a observar, e d'ahi a pouco sorrindo-se brandamente para nós, exclamou com profunda convicção:

—Pois logo não choverá.

E não choveu.

Foi com o pensamento no meu amigo Cordeiro e na scena do velhinho, que, ao lastimar eu em Caminha a chuvosa manhã, ouvia ao meu amigo Antonio Coelho (que observava tambem os ares) a mesma prophecia e pelas mesmas palavras:

—Pois logo não choverá.

E tambem não choveu.

Pelo correr da manhã o céu desannuveava-se, e, como succede depois da chuva no estio, apparecia-nos mais limpido e azul que de ordinario.

A estrada de Caminha a Vianna, já o dissemos, é tida pela mais formosa do alto Minho. Toda a gente pergunta ao viajante se a viu, e em verdade merece a fama que tem. Durante muito tempo vae seguindo, por entre verdura, n'uma linha recta e alva; o mar acompanha-a sempre á direita com a singularidade de que, em vez de ser marginado de areaes, o é ao contrario de vegetação, de maneira que reune a grandeza e severidade de um mar ao encanto e doçura de um rio. Entre a estrada e o oceano, em linha parallela, a extensão de veigas, ora verdes, ora louras, e á nossa esquerda uma variedade de quadros successivos.

Um sitio ha por entre pinheiros, transição de effeitos silvestres, apreciavel como entre-acto.

Apeàmo-nos em Ancora, povoação de banhos habitada agora por muitas familias do alto Minho. Ahi choveu, e tornou a estiar.

Continuando, atravessàmos a notavel ponte, e vemo-nos no meio de tres extensões a que chamarei tres oceanos: um, escuro, de pinheiraes; outro, louro, de searas; e para alem d'este, o azul, o mar, que reflectindo o sol, estava um espelho.

Mas a parte mais arrebatadora da estrada é desde Affife até Vianna. Em todo esse espaço de oito kilometros o viajante vae passando em revista um quadro maravilhoso.

Á direita sempre o oceano, e entre nós e o oceano, na largura de um kilometro, o seguimento de veigas, de campinas, de searas, tudo amarelladamente verde.

Á esquerda, em todo aquelle comprimento de oito kilometros parallelo á estrada, as planicies abertas para o interior até ás serras recortadas e ponteagudas, nas planicies continuadas uma serie de aldeias formosissimas, a de Affife, de Passô, do Monte de Oiro, de Carreço, da Ariosa, e outras, como que formando uma cidade até unir com a de Vianna; e essas aldeias, umas em grupos de casaria, outras com as casas separadas, aqui, alem, mais adiante, já apparecendo francamente, já meio escondidas por entre arvoredo; umas, á beira da estrada, outras, campinas a dentro, ainda outras formando pequenos amphitheatros; e mais ou menos longe tambem os moinhos com a sua poetica perspectiva.

E pela estrada, como pelas campinas, as affaveis minhotas (de cuja originalidade fallarei em capitulo especial), umas cavando, sachando, lavrando; outras conduzindo carros, carregando com feixes, fiando nas

rocas; e toda essa galeria de quadros, todo esse variado movimento da vida campesina succedendo-se até á pittoresca aldeia da Ariosa, e da Ariosa até á capella da Agonia, que é já a entrada de Vianna pelo norte.

Passâmos pela frente da cidade, entre ella e o Lima, e reentrâmos no conhecido hotel onde nos esperam os moços engenheiros que em Ponte de Lima apresentei ao leitor.

A encantadora estrada de Caminha confirmára a sua fama. Com chave de oiro fechavamos a viagem circular do alto Minho.

Regressando a Vianna, encontrei-a saindo do seu serio, por ser a unica cidade que tem de casa os banhos do mar. Lisboa vae-os tomar a Cascaes, á Foz o Porto, Braga á Povoa de Varzim, Coimbra á Figueira; Vianna, beijada ao poente pelo oceano, gosa da vantagem de ser ao mesmo tempo urbana, campestre e marinha.

Encontrei portanto familias de fóra da cidade, e a propria cidade em animação mais viva. Vianna abria as salas. Duas vezes havia a felicidade de ver as elegantes: de manhã, na praia, com os cabellos soltos e ao esplendor do sol; á noite, nas reuniões, com as tranças caprichosas e os sorrisos seductores.

A immensa varanda de Portugal sobre o oceano

(como Rodrigues Cordeiro chistosamente chama ás quatrocentas milhas da nossa costa) descerrava as suas cortinas, e parecia ouvir-se já a vozeria confusa do turbilhão onde dentro em breve me lançarei com o leitor.

CAPITULO XXI

A MULHER DO MINHO

I

De quantas impressões me encantaram a alma na formosa provincia, nenhuma se me entranhou tão viva como a da mulher do Minho.

Para muito vinha predisposto, para tanto não. Foi a um tempo novidade e encanto.

Em Ponte de Lima é que, n'este ponto, me tomou a primeira impressão. Attentei casualmente n'uma miniatura viva, e assim como um simples raio do sol nos dá signal do immenso que é o astro do dia, assim aquelle pequeno esboço me deu logo idéa de que elle indicava, no Minho, um quadro de primeira ordem.

Miniatura viva, disse eu. E ali está ella na grande alameda de Ponte de Lima. Vem caminhando um para o outro, dois carros de bois; guiam-n'os duas raparigas engraçadissimas, duas creanças. Nenhuma d'ellas terá mais de doze annos. Ao approximarem-se param a pequena distancia uma da outra. Os bois, adivinhando-lhes os movimentos mais insignificantes, param logo tambem. As pequenas adiantam-se até se encontrarem, e principia entre ellas um dialogo curiosissimo, não pelo que se ouvia, mas pelo que se entreadivinhava.

Umas vezes encostadas ao aguilhão, outras vezes riscando com elle a terra e para a terra olhando machinalmente, outras servindo-se d'elle como instrumento para a intimativa reciproca, não se estavam a rir como as ociosas, sorriam-se ligeiramente como as trabalhadeiras. Por mais de uma vez meneavam as cabeças olhando para os animaes, ou apontavam com viveza para os seus carros. Bem claro se deprehendia que fallavam dos seus bois, da sua lida, da historia quotidiana do seu trabalho; e se isto se deprehendia n'ellas para com os bois, nos bois, possantes, submissos, comprehendia-se que estavam ali obedientes, reconhecendo aquellas creanças como suas senhoras, e atrás de cada uma como um esquadrão na reta-

guarda do seu commandante. Eram de se pintar, no meio da alameda, na margem do Lima, aquelles dois carros e aquellas duas raparigas, aquelle quadro. De uma graça eram ellas que só por me não chamarem doudo lhes não fui dar um beijo.

No fim de largo tempo as duas creanças trocaram-se um ultimo sorriso, d'esta vez mais franco, talvez por ser o da despedida, e partiram em direcção opposta. Os bois, escuso de acrescentar que, sem necessidade de advertencia, seguiram logo aquellas duas bonecas.

— Nada! disse eu de mim para mim, isto não é casual, aqui ha revelação.

Havia. Aquella viva miniatura infantil revelava-me effectivamente a minhota.

II

Differem nas modas do trajo as mulheres do Minho, só não differem no caracter. São muitas, são differentes conforme os districtos e as localidades; são todas uma na essencia. O caracter, a essencia da minhota é o trabalho.

Facto extraordinario encontro n'ella: a alliança entre a poesia e o trabalho. Mais affabilidade, mais

carinho do que na minhota, difficilmente se encontrará. É poetica. Provam-no essas qualidades da alma que têem, a elegancia dos seus penteados, o bom gosto dos seus trajos, a doçura do seu olhar e dos seus sorrisos. Prova-o o enthusiasmo com que as cantadeiras revelam o caracter das suas comprovincianas; o amor, o ciume, a elevação que revêem d'esse trovar, já ardente, já languido, já amoravel que ninguem lhes ensina, mas que só da alma lhes sae. Provam-no essas lendas imaginosas que se lhes encontram a cada passo, esses cantos singelos que ás ave-marias quando largam o trabalho desprendem em córos suavissimos que enternecem. Provam-no esses arvoredos em que vivem, essas margens, essas relvas, essas flores, que tudo lhes está fallando ao coração, e que d'este modo lh'o inspiram e lh'o educam.

Sim, é poetica a minhota, mas sendo poetica, é ao mesmo tempo a mulher essencialmente trabalhadeira, positiva, real; porque, n'esta provincia, ao contrario do que em toda a parte succede, a mulher é que toma verdadeiramente o logar do homem, e o homem não passa de accessorio. Vê-lo-hemos em breve.

Este cunho mixto da poesia e do trafego pinta, no meu entender, a originalidade, e originalidade sublime, da mulher do Minho.

III

Em geral o trajo exprime a feição da pessoa. O fato do peralvilho é tolo como elle; busca instinctivamente compostura a senhora idosa; o ancião torna-se ainda mais respeitavel quando harmonisa as vestes com a gravidade; a virgem sobre as tranças esplendidas que põe ella de mais bello do que uma rosa branca? sobre o corpo gentil que veste de mais elegante do que um vestido branco? Digam se não é no intento de provocar que certa gente inventa penteados e vestuarios deslumbrantes, e ao mesmo tempo se ha nada mais innocente do que a nudez de uma creança.

O que se dá no individuo, dá-se na classe e na localidade; por isso é pittoresco e formoso o trajo da minhóta.

Exigiria um livro a descripção do trajar em todos os sitios da notavel provincia. Na impossibilidade de largo desenvolvimento, deixando a mulher de Avintes, da Magdalena, da Maia e outras do Minho-sul, assim como as do Minho-norte, daremos uma idéa do trajo minhoto do centro da provincia, no districto de Vianna, onde vemos a lavradeira ou nas romarias ou nos mercados, verdadeiros bailes de mascaras, e tão

verdadeiros, que de lavradeiras se entrajam no carnaval muitas senhoras, em trajos de lavradeiras se photographam muitas tambem, em trajos de lavradeiras vão aos campestres *pik-niks,* para mais elegantes e poeticas se apresentarem.

Logo ao chegar a Vianna vi um mercado.

A primeira minhota que me surprehendeu foi uma lavradeira da freguezia de Deuchriste. Era alta, entre branca e morena. Alem de elegante, esbelta. Não sei o que ella tinha no elevado d'aquella cabeça e no timbre d'aquella voz; olhos grandes e vivos, d'estes de olhar tão fundo, que não olham só, que fixam, e, quando fixam, fallam e impõem. O cabello, moldurando-lhe a testa, caía-lhe sobre as costas; cobria-lhe o alto da cabeça, e acompanhava o cabello na linha caprichosa que elle formava, um lenço de neve bordado de flores, em nó atado na nuca, especie de turbante gracioso. Devo desde já dizer que o grande lenço na cabeça, deixando ver na frente o cabello, e enlaçado atrás, caindo as pontas elegantemente pelas costas, é a casquilharia da minhota, o enlevo d'ella e dos que a vêem. Corresponde ao pé da parisiense e ao abanico da hespanhola. Das orelhas pendiam-lhe arrecadas resplandecentes, ao redor do pescoço um grilhão de oiro em cinco voltas, deixando por entre ellas ver a

carne. O peito arqueado, cobria-lh'o lenço á chineza, traçado para traz das costas. Sáia de lã fina, entrançada de listas de cores com barra escarlate debroada de verde; jaleco de riscas curtissimo, deixando entre elle e a sáia apparecer mão travessa de camisa alvissima; mangas largas, brancas e bordadas. A personificação do asseio e da campestre elegancia minhota.

Este era o vestir d'aquella freguezia, que apresento como feição geral, mas o que torna deliciosa a romaria, o mercado e o arraial, é a immensa variedade dos trajos, conforme as freguezias e os districtos.

Assim as da freguezia de Anha, em logar dos lenços traçados, trazem grandes cabeções brancos, com bordaduras e rendilhados, desenvolvendo o apuro maior nos jalecos sem mangas, muito pequeninos e airosos, que deixam ver francamente o collo; são todos a cores, e a capricho os feitios e os bordados.

As de Santa Martha e Miadella põem o seu chiste principal na viveza das cores. O grande lenço-chale, verdadeiro turbante, em que predomina o escarlate, é lançado com a mais phantasiosa elegancia. A sáia, riscada a quantas cores ha, um verdadeiro arco-iris; grande lenço bordado nas mãos; meias alvissimas, chinellinhas pelo meio dos pés, terminando em bico.

As da Ariosa são as de trajo mais caprichoso e no-

tavel, principiando algumas, infelizmente, a amodernar-se. As do Outeiro, de Perre e de todas as outras freguezias, conservam em geral a feição provincial, variando nas cores, mas mantendo o asseio e a graça.

Se porém são variadissimos os trajos, conforme as freguezias, os concelhos e os districtos, ha um ponto geral em que se ajustam as mulheres de todas as localidades, e que intencionalmente reservámos para o fim, por pintar essencialmente a mulher do Minho. Esta feição, seu baptismo social, imprime-lhe caracter na individualidade: é o oiro.

Nenhum outro symbolo da riqueza conhece a minhota senão o seu oiro. Podem-lhe fallar em inscripções, em acções de bancos, em emprestar dinheiro a juros, em enterra-lo no quintal, que tudo isto é fallar-lhe grego. O coração da minhota adora o seu namorado, a imaginação da minhota sonha com o seu oiro. A que apresenta nas orelhas um par de compridas e largas arrecadas obedece simplesmente ao minimo do dever; a que apresenta dois pares, cumpre-o; o luxo é penderem-lhe das orelhas tres pares, e ás vezes quatro. São os mostradores dos ourives exposições curiosas. O peito da minhota, um céu estrellado. Grilhões de todos os feitios, corações de oiro lavrado excedendo a palmo, florões que disseramos os

grandes crachás hespanhoes de Carlos III, arrecadas que chegam aos hombros, crucifixos enormes, enormes Virgens da Conceição, peças inteiriças de calvarios, contendo alem das tres grandes cruzes de Jesus e dos ladrões, o grupo das Marias e a scena da tremenda tragedia. Não toca só em luxo esta notavel originalidade da minhota, quasi que toca em vicio, pelo menos é paixão. Ás creanças já se lhes vê tambem o seu oirinho, e para o comprarem se esforçam em trabalhar. As noivas não acceitam outro dote, nem outro se atreveriam os noivos a offerecer-lhes. E para tudo se dizer n'uma palavra, o seu oiro é inviolavel e sagrado, até lhe sacrificam as suas affeições: se têem luto alliviado, põem signal de luto, mas não tiram do peito aquellas joias. E se o luto é carregado? Se a morte lhes entrou em casa? Nem assim. O que fazem então, ao trajarem-se de preto, é cobrirem de transparente dó o seu oiro; enlutam-n'o, mas não o tiram.

Tal é em geral a mulher do Minho no seu trajo, a um tempo elegante e phantasioso.

Obedece d'este modo, primeiramente à sua imaginação vivissima, depois a representar o oiro o ganho da sua lida. E assim, do que á primeira vista póde parecer, na minhota, simples presumpção, transpare-

ce uma idéa moral: mostrar no seu peito a gloria do seu trabalho.

IV

O trabalho da minhota!

No Minho poderá ainda o trabalho das artes e officios pertencer ao homem. Os campos pertencem á mulher.

Não irei buscar á poesia a rasão d'este grande facto, e comtudo estaria tentado a suppor que a minhota, adorando a formosura da sua provincia, dissesse um dia: «Mal empregados campos, ou antes jardins, nas mãos dos homens; não, não irão para elles, tomemo-los nós, irmãs, e tratemo-los com a dedicação carinhosa do nosso amoravel affecto». Menos tentado estou a buscar o fundamento do phenomeno na emigração do homem. A emigração, como torrente, não data de muitos annos, e de poucos annos não é que a minhota cunhou pelo trabalho a sua originalidade n'uma provincia inteira.

Seja como for, faço uma reverente venia á philosophia, e consigno simplesmente o facto, que é esplendido.

Enternece a lagrimas o ver os campos cheios de mulheres nos variados misteres que elles demandam.

As mulheres é que lavram as terras, cavam, sacham e desempenham todos os trabalhos ruraes. Carregam com pesos incriveis. Nos arredores do Porto parecem pyramides de neve as roupas que trazem á cabeça. Nos portos, nos caes, mulheres é que fazem as carregações do peixe nos desembarques; em Avintes até são barqueiras, nas praias servem de banheiros tambem. Os homens lá emigram para o Brazil, Alemtejo, Lisboa, Porto, Hespanha; á minhota, quasi exclusivamente, é que está incumbido o trabalho da provincia. Suppondes que a aterra o córte do mato? Vede como para tudo descobre expediente: lá calça grossas luvas até aos cotovellos e vae rossar o mato. Julgaes que os rigores do inverno lhe obstam a continuar o insano labor? Menos ainda. A minhota mune-se então de botas altas, e lá está, guerreira intrepida, no seu incessante batalhar. As proprias creanças vão já creadas desde a mais tenra idade para a lida que as espera; a miniatura que presenceámos em Ponte de Lima foi um exemplo. Industriam-n'as successivamente no trafego campestre, como nas companhias dos circos principiam a adestrar as creanças logo que as desmamam. Assim é que se vae educando aquella incomparavel mulher do nosso Minho.

Alem de commover o espectaculo de a vermos

d'aquelle modo nos campos, não commove menos o encontrarmo-la pelas estradas duplicando a sua actividade e o seu ganho, poisque sendo já um trabalho a conducção dos carros, a transportação de instrumentos agrarios, a carregação á cabeça de fardos pesadissimos, vae conjunctamente fiando ou cosendo para não perder o tempo, como se mesmo sem esta nova occupação o fosse perdendo.

Não menos impressiona o vê-las nos mercados, todas senhoras da sua missão, activas, conversando com seriedade e acerto, como quem possue o conhecimento da vida e a experiencia dos negocios; e, quer seja nos campos, nas estradas ou nos mercados, delicadas, de sympathica affabilidade, sem se mostrarem arrufadas, como as nossas incriveis saloias quando se lhes dirige a palavra, antes pelo contrario rindo naturalmente, respondendo com doçura, conscientes de que têem ali o poder.

Ah, mulher do Minho! tu sabes o que é o trabalho, o que elle custa ao suor do rosto! Teus parentes, párias na sua provincia, têem de ir pedir á terra estrangeira o pão de cada dia. Quantas vezes não é o teu parco alimento cortado de lagrimas e de saudades! Não tens quem te ganhe, ganha-lo tu; tu é que lidas, formosa trabalhadeira, e te sustentas no meio de uma

lida insana, com que dás á tua patria o mais bello exemplo. E comtudo, essa vida admiravel, esse trabalho portentoso, o que te deixam por dia? um pedaço de pão de milho, um caldo, nem sempre uma sardinha, bacalhau raras vezes. O que te vale, gentil minhota, para não sossobrares de cansaço, é esse genio que tens, essa phantasia, o teu namorado, as noites das tuas esfolhadas, os teus dias de festança, as tuas romarias esplendidas, e electrisando o teu coração a tua original cantadeira.

V

É, em verdade, das esfolhados e das romarias que vemos sair em todo o seu esplendor um dos typos mais engraçados: a cantadeira.

Afinada no canto, larga na voz, arrojada nos conceitos, meiga no affecto, prompta no improviso, quasi sempre chistosa, apaixonada sempre, a cantadeira é a grande artista, a *prima donna* das provincias do norte.

Lá está ella, o bulicio, a vida, o enthusiasmo das festas populares, lá está na grande romaria do Bom Jesus, na da Agonia em Vianna, na da Peneda nos Arcos, na da Maia, com o seu cantador defronte, e lá

principia o desafio, a renhida batalha, ao som já furioso, já melancolico, da guitarra. Em roda a concorrencia geral, o terreno disputado com encarniçamento, o silencio unanime, gargalhadas geraes se a imaginação lhe lança do peito cantigas chistosas, rumor significativo tambem geral quando a paixão lhe arranca do seio a reprehensão ou o furor, e as palmas da romaria toda quando depois de horas successivas ella despede contra o seu apaixonado cantador, como o canto do cysne, a ultima quadra da sua peça, lançada do principio até o fim n'um improviso obrigado a rima, á tepida aragem de uma tarde seductora, ou ao meigo luar de uma noite mysteriosa.

E perderem-se para sempre aquellas trovas admiraveis de graça, de amor, de ciumes, de originalidade e de talento! Perdem-se, porque nascem no improviso e morrem no ar que as dispersa.

Refiro-me aos *improvisos,* cantigas de *ronda,* como dizem em Traz os Montes, ou de *chula* na expressão minhota, quando as que as *botam* obedecem á inspiração; porque alem do improviso ha tambem cantadeiras e cantadores que usurpam aquella nomeada ou repetindo cantigas alheias, ou fazendo edições peioradas das que uma vez inventaram.

Lisboa e o Porto nas proximidades de se abrirem

os theatros lyricos perguntam os nomes das damas que se acham escripturadas. Do mesmo modo nas vesperas das romarias pequenas ou dos serões pergunta-se quem são as cantadeiras que hão de figurar na festa. É passado o serão ou a romaria? Os que não assistiram inquirem sobre quaes cantadeiras appareceram. Em algumas localidades formam-se companhias de cantadeiras e cantadores, n'outras localidades, principalmente nas romarias de primeira ordem, os desafios travam-se entre contendores que se não conhecem. Quando se promove alguma festa popular desusada, faz-se correr voz que vae cantadeira das mais falladas, como nos cartazes das cidades se põem em letras maiores os nomes das artistas de grande nomeada para haver enchente.

E que de vezes não dão ensejo a scenas de ciumes, a rivalidades, a invejas e até ás mais sérias desordens! Nem tudo rosas.

Vejâmo-lo n'um dos milhares de casos. Foi n'uma romaria nas circumvizinhanças de Vianna. Em geral no canto ao desafio cáe a vergonha sobre o primeiro dos dois que se cala. O mesmo é que ficar vencido. Ás vezes prolonga-se o desafio por toda uma tarde ou noite. Pois bem, n'aquella romaria trovavam um cantador e uma cantadeira, cujo noivo assistia como sim-

ples espectador. Havia muito que proseguia a batalha, quando de repente a cantadeira principia a affrouxar; o cantador, ao percebê-lo, redobra de esforços, e ella a affrouxar, a affrouxar, luta ainda, ainda brilha com os ultimos arrancos, mas tem de lhe ser funesta a sorte n'aquelle dia, fraqueja de todo, succumbe, e cala-se desatando a chorar.

Mal tinha porém o cantador lançado para as turbas o olhar da victoria, quando a victoria lhe vae por ares e ventos. Que succede? O noivo da cantadeira, querendo artisticamente provar que o cantador é que ficára vencido, desaba-lhe a mais furiosa arrochada de que havia memoria em tradição de romarias, fazendo-lhe ir ao chão cabeça, estro e gloria. A cantadeira vencêra o desafio. Scena ultima: pancadaria geral, panno abaixo.

VI

Tal é em ligeiro esboço a mulher do Minho no seu conjuncto original. Gentil, phantasiosa, meiga e sobretudo trabalhadeira por excellencia. Não erro, pois, quando digo que a mulher do Minho enternece. E não só enternece, mas dá motivo para nos gloriarmos de pertencer a uma nação, que ao mundo póde perguntar com ufania: «Onde tendes uma mulher como a minhota de Portugal?»

CAPITULO XXII

ESTADO DA PROVINCIA

I

Tem a provincia do Minho progredido em relação ao passado nos quarenta annos da epocha liberal, mas não tanto como podéra.

Não possuia estradas, e tem-nas hoje nas linhas principaes, vendo correr diligencias a preços convidativos. Este é o facto capital do progresso minhoto. Acompanham-no as creações de alguns bancos mercantis, theatros e associações recreativas, que estreitam a convivencia e approximam as relações sociaes.

Não nos consta porém que o ram-ram fosse substituido por melhoramentos fundamentaes na agricultura, nem pelo desenvolvimento audaz das industrias fabris. A educação popular, escusariamos talvez di-

ze-lo, jaz no estado lastimoso em que os poderes publicos a têem successivamente abysmado em toda a nação. Pois se ha provincia onde o ensino da mulher devesse chamar todos os cuidados officiaes era principalmente o Minho, pela missão importante que ella desempenha, como acabámos de ver. Educação agricola, industrial, profissional, são contrabando. Algumas escolas de *primeiras letras*, onde as ha. Conservâmos-lhes a nomenclatura, que é *honrosa*, *significativa*, e sobretudo *progressista*.

As estradas, de que fallâmos, têem creado a necessidade de hoteis. Entretanto, que hoteis em geral! Em algumas terras, mesmo importantes, Guimarães por exemplo, foge-se de pernoitar como de povoações empestadas. Que Monção os tenha maus, vale-lhe a desculpa de villa pequena e afastada, mas Braga! Nos hoteis melhores as camas molestam pela dureza, aos travesseiros e almofadas é necessario pedir com muito empenho que nos não façam levantar com dores de cabeça. Mais cuidado, srs. hospedeiros, com os hospedes, com os doentes, com os habitos de cada um, e isto não só por justiça, se não por credito vosso e para utilidade do vosso Minho.

Importantes serviços tem feito à provincia a imprensa periodica. Não póde ser indifferente a exis-

tencia d'este grande elemento da civilisação. O que lhe pediriamos era que se unisse toda por um systema combinado para influir, com a sua auctoridade, nos progressos sociaes, no melhoramento dos hoteis, na barateza das carruagens de viagem, na facilitação emfim das commodidades para o viajante, pois entendemos que a encantadora provincia do Minho, verdadeira especialidade entre nós, deve proporcionar todos os meios para ser visitada e apreciada pelo maior numero de pessoas, não só como recreio, mas até como fonte de educação.

D'este modo, chegaria o viajante á villa de Ponte, e não deixaria logo de encontrar barco para descer o Lima até Vianna; chegaria a Monção, e não seria obrigado a ir no barco geral da carreira para descer o rio Minho; chegaria a Valença, e não encontraria difficuldade em achar barco para Caminha.

Todas estas idéas de reconhecido progresso desejariamos ver advogar por um accordo commum, a bem da propria provincia e da nação toda.

II

Curioso é no Minho analysar os costumes antigos intermeados com os modernos.

Sáe o viajante de Lisboa, entranha-se na interessante provincia, vê os bailes, os theatros, os passeios, os botequins, com a feição da capital, mas conjunctamente aquelles trajos populares, aquellas romarias originaes, aquellas estradas cheias de cruzeiros e de nichos, aquelles palacios coroados de brasões, respirando tradição, fallando-nos de outras eras, introduzindo-nos em tempos classicos com a poesia e novidade que nos dá a distancia, o echo dos tempos cavalheirosos, o respeito ás cousas antigas, espelho de uma civilisação que existiu, e de que parece transparecerem sorrisos e saudades. Contemplam-se ainda em parte d'esses palacios os pannos de arraz, as salas ataviadas á moda de então, os tremós altissimos com os dourados em debandada, o aço dos espelhos mal com elles, os tectos floreados de talha, os azulejos curiosos, as cadeiras de espaldar, os retratos de familia, ás vezes um bispo sem um olho, um general com os copos da espada duvidosos, uma avó do moralissimo reinado da senhora D. Maria I, que prohibia as dansarinas, com uma frescura de vestuario que hoje fere a susceptibilidade dos paes, que aliás acham decentissima para a educação das filhas a *Bertha Linda* de S. Carlos, e o edificativo repertorio do theatro normal.

N'esses palacios apparecem-nos, antes dos amos,

os bondosos mordomos com a nobre distincção e cortezia que já de seus avós, os mordomos dos avoengos fidalgos, tinham herdado, fallando-nos com aquella suavidade que se não aprende, com aquelle sorriso respeitoso, mas adoravel, que a moda considera hoje velharia, com a delicada benevolencia que nos attrahe. Se por um lado nos encontrâmos com os mordomos, por outro entrevemos por entre portas aquellas antigas creadas, de toucas de folhos, com passo grave, com o sorriso maternal. santas mulheres, para quem as alegrias e desgraças da casa são como d'ellas proprias, a quem as meninas revelam os seus primeiros amores com a ampla confiança, e ao mesmo tempo sem o acanhamento com que o fariam ás mães; em cujo seio os rapazes lançam as gloriosas confidencias das suas travessuras; recebendo d'ellas, rapazes e meninas, aquella indulgencia que a virtuosa velhice sabe dispensar á mocidade que viu nascer, que trouxe ao collo, e por quem dera a vida com o desinteresse da popular, enxertada nas nobres tradições; mordomos e anciãs, que as capitaes já perderam, ou vão perdendo, mas que ainda se veneram como reliquias piedosas nos costumes da poetica provincia.

E aquelles chás acompanhados das fartas bandejas de doces! e aquellas senhoras com a feição avoenga

emquanto as meninas andam já conquistadas pela moda! e em todas essas casas a trocar-se aquelle respeito que reciprocamente se deve ter, tratando cada um, não de rebaixar, mas de levantar os outros, a primar-se em desaffectado recebimento, a mostrar-se a educação fina, o dizer agradavel, a doçura do tracto, a nossa benevolencia portugueza e inoffensiva, dessassombreada do *espirito* francez, macaqueado entre nós sem nenhum dos attractivos da graça, do chiste, da espontaneidade que lá o abrilhantam, mas com todo o ridiculo de que o revestem aqui.

III

Das classes populares, não só nas povoações, senão nos campos, que direi? É admiravel esta meiguice da nossa gente do Minho. Rostos francos, indole suave. A propria linguagem o revela, não o revelam menos os diminutivos que empregam, o sorriso sincero que lhes acompanha a linguagem, o agrado com que respondem. Quantas vezes ao deliciar-me n'esta sympathica suavidade não tenho perguntado a mim mesmo se a boa indole da povoação minhota não exprimirá uma harmonia natural com a formosura e poesia que resaltam da provincia.

IV

Entre as classes aristocraticas e as populares levanta-se uma entidade que tem logar distincto e que representa um elemento notavel. É o brazileiro.

Não são conhecidos senão por brazileiros os nossos compatriotas das provincias do norte, que, indo ao Brazil grangear haveres pelo seu trabalho, regressam á patria.

Desconhecer que o brazileiro está representando no progresso minhoto um papel caracteristico seria faltar ao que se deve á observação, e até uma injustiça. Nem podia deixar de o representar, averiguado que regressa annualmente um grande numero dos nossos antigos emigrados, e que, tambem annualmente, sobem a tres mil contos de réis as quantias que entram em Portugal conquistadas pela emigração.

É innegavel este progresso. Os bancos das principaes terras do Minho devem-se em parte áquelles nossos conterraneos, assim como algumas escolas. Nas povoações urbanas e ruraes são raros os palacetes novos e alindados que não pertençam a brazileiros. A propriedade campestre encarece prodigiosamente, porque ao voltarem ás suas localidades compram-na

por preço exorbitante, valor estimativo que lhe ligam, e, emquanto não regressam á patria, muitos d'elles mandam mezadas ás familias. O brazileiro invade assim a sua provincia, e imprime-lhe um certo cunho especial.

Poderiam elles fazer mais? Podiam, deviam, e aqui lhes pedimos que o façam. São portuguezes, são nossos irmãos, aos lares patrios regressam, comeram outr'ora o pão da desgraça, suaram o suor do trabalho, padeceram talvez martyrios, expozeram-se a morrer no clima estrangeiro; recommendam-n'os estes titulos á consideração nacional. Refiro-me aos honrados, não aos traficantes de carne humana ou aos que por qualquer modo infamaram o trabalho na origem das suas riquezas ou na fórma villã de a fazerem render. Para estes, o desprezo; para os honestos, a honra e a gloria.

Mas não basta o que têem feito. Ha quem lhes chame egoistas e avarentos. Cumpre-lhes dar mais um passo: provarem que lhes fazem injustiça. A provincia carece de grande industria, de instituições de credito popular e agricola, de caixas economicas, de sociedades cooperativas, de desenvolvimento da instrucção profissional. Ahi lhes está aberto um campo vasto em que podem successivamente, congregando-se, abrir á provincia onde nasceram, onde têem as raizes da

sua alma, um progresso amplo e desenganado. Se a emigração está por um lado desfalcando o Minho, seja ella mesma não só que resarça o damno, mas com acrescimos de vantagens e de civilisação.

Mencionei o trafego e o progresso relativo que provèem do brazileiro. Não os posso porém desligar do facto da emigração.

A emigração do Minho!

Os que voltam ricos e felizes!

E os que não voltam? e os que lá morrem longe das familias? e os que lá cáem n'outra desgraça porventura peior que a morte, a vida em semi-captiveiro?

Antes de partirem, os engajadores a lerem-lhes nas mãos a *buena dicha* para lhes provarem que os espera a felicidade; a apontarem para os palacios, para as quintas e haveres dos vizinhos, cujos paes ou avós nada possuiram como elles; a mostrarem-lhes o sol que brilhante rompe das nuvens, mas a esconderem-lhes a tempestade, cujos destroços, por longiquos, não podem ver, nem sequer suspeitar.

Partiram.

Doze mil por anno, em cada dezena de annos cento e vinte mil portuguezes largam das nossas praias em demanda de pão, de fortuna, de porvir.

Grande numero d'esses nossos irmãos, em vez do sonhado porvir, que vão elles encontrar?

Logo na viagem fome, espancamento, como se fossem escravos. Lá contratos intencionalmente ambiguos, o trabalho de nove e dez horas por dia em clima abrasador, com alimentação a que não estão costumados e muitas vezes com salario inferior ao de um servo, ferimentos resultantes de chicote (como declara um dos nossos embaixadores, acrescentando que os traficantes da escravatura branca são mais deshumanos do que os traficantes de negros), nos contratos das mulheres sendo o maior ou menor grau de belleza condição expressa, mais ou menos vantajosa, para immoralmente influir nos mesmos contratos, os agentes consulares de Portugal na America uns sem terem podido proteger os seus infelizes compatriotas, outros até coniventes, desattendendo as suas queixas quando cruelmente espancados ou illudidos.

Horrorisa ler a correspondencia official dos nossos ministros plenipotenciarios no Brazil, principalmente a do sr. conde de Thomar, expondo as violencias e padecimentos dos infelizes portuguezes. Prejudicando a muitos para só a uma parte d'elles utilisar, a emigração portugueza é um mar de lagrimas de que se tiram perolas.

E cruzaram-se os braços diante d'este espectaculo! e tem-se consentido durante tantos annos que a bandeira das quinas, a bandeira em que está gravado o symbolo do amor fraternal, haja protegido uma escravatura assim, imaginando-se que deve ser com delongas e poeira nos olhos que se resolvem questões da importancia d'esta.

Não sabeis que a emigração do Minho é a poesia da desgraça? Pois ninguem quer morrer á fome, e só o ha de querer o minhoto? Todos têem uma familia, e só no minhoto não ha de haver coração para a desejar? Todos sentem a ambição na alma, e só o minhoto ha de ser n'este mundo uma excepção? É facil aos que não padecem fome dizer aos outros que não emigrem. Dizeis ao minhoto: «Não emigreis, porque a emigração é o infortunio dos que lá morrem». Pois o minhoto vê porventura os que lá morrem? O que elle vê é aquelles que regressam, e que ao pé da sua choupana levantam palacios. Quando foi que a desgraça preveniu a desgraça? Onde vistes que o soldado deixasse de investir contra o inimigo porque o seu camarada lhe caiu morto ao lado?

Não, não é com paliativos que se resolve esta questão gravissima. Póde-se impedir, aqui ou alem, uma infelicidade, mas a questão fica de pé,

Onde está para o excesso da população minhota a grande colonisação do Alemtejo? onde, não as reformunculas, mas a reforma séria da vida local? onde está a regeneração das nossas possessões ultramarinas? onde está a educação, em sentido colonial, n'um povo que não tem rasão de ser militar, que não foi nem póde ser senão maritimo por quantas rasões ha de situação, de tradições e de tendencias aventurosas? onde o amplo desenvolvimento das industrias? onde á instrucção popular profissional? onde têem estado os governos exclusivamente da nação e para a nação?

CAPITULO XXIII

A BEIRA-MAR

I

Desertam as familias, ricos e pobres abandonam os lares e atiram comsigo para a immensa beira-mar da provincia, fecha-se a maior parte das casas nas povoações. Economisou-se, todo o anno, para se gastar nos dois mezes dos banhos. Muitos paes chegam até a empenhar-se. As esposas lembram-se de quando eram solteiras, de quando doudejavam de alegria na quadra divertida. Ás meninas, sem uma dor de cabeça pelo correr do anno, chegam-lhes agora todas as molestias para que se receitam os banhos do mar. Têem as faces rosadas, vermelhos os labios, a apparencia de saudavel frescura, os rostos alegres, tudo isto em fins de agosto significa doença; não sabem de que, mas

padecem muito. Os proprios paes o acreditam, ou fingem acreditar, para terem de fazer os gastos e de contrahir as dividas. Não exigem mesmo rasões, bastam-lhes pretextos.

A provincia (o reino poderamos dizer) repousava tristonha ao longo do anno. Acorda, ergue-se. As cabeças desvairam, a imaginação phantasia. —Para os banhos! para a novidade! para o amor! creanças do Minho.

Ali esta a provincia dispartida por toda a beira-mar e em toda ella no enthusiasmo, no delirio.

Acabámos de nos embrenhar nos bosques durante tantos dias, de nos hospedarmos na recolhida natureza, de vaguearmos solitarios. Alem está porém a vida a chamar por nós. Margens dos rios, adeus.

Acompanhemos a grande beira-mar do Minho, do norte a sul. Já tocámos successivamente na praia de Caminha, na de Ancora, na de Vianna. Depressa, prosigamos, como que nos chegam aqui os sons da Povoa de Varzim, a moda, a perdição das cabeças.

Saimos de Vianna, os moços engenheiros e eu. A carruagem vae de corrida. Atravessâmos a extensa ponte.

Que manhã!

Tepida, de uma dulcissima frescura que faz bem,

Os pulmões recebem ar franco e leal. A evaporação das aguas apresenta uma atmosphera rosea. O esplendido quadro que o leitor já conhece, agora esplendidissimo, mostra-se-nos pela primeira vez áquella hora virginal do sol. Tinhamo-lo visto pôr ali tantas vezes, surgir viamo-lo só agora. Parecia que se estavam a rir as margens do Lima. A natureza, reabrindo-se em redor de nós, reabria-nos tambem a alma, toda ella em jubilo aos influxos da mãe commum.

Deixâmos a ponte, e entranhâmo-nos na estrada, orlada de pinheiros, que depois se abrem para nos enfeitiçar a vista o lindo valle do Neiva, descobrindo-se ainda ao longe Vianna, mas já concentrada, já com a solemnidade da distancia, a acceitar as despedidas que lhe enviâmos.

De novo retoma a estrada a feição silvestre.

Descansemos em Barcellos, demos um relance de olhos pela villa remoçada com predios novos, entremos no mercado construido á moderna, um dos melhores da provincia, vergonha para a capital onde o mercado é um monumento de barbaridade que nos cobre as faces de pejo, e terminando na admiravel vista da ponte, Barcellos de um lado, Barcellinhos do outro, o rio em graciosas curvas, de margens esmaltadas, e dominado pelos restos do palacio dos

condes de Barcellos, entremos na carruagem e sigamos.

Como que se ouve já o sussurro, a algazarra.

Caminhemos, prosigamos, é ella, a Povoa de Varzim.

Custa a passar a carruagem pela rua da Junqueira. Povoação extensa, está atulhada de banhistas. É, de pouco tempo, uma completa invasão: a moda, na provincia. De manhã, praia; de tarde, passeio no paredão, ou ver as pescarias; depois, o delirio do jogo. No coração da villa, onde se acham os hoteis, os tres botequins, e as tres casas publicas de jogo, difficil é o transito á tardinha e á noite. De agosto a outubro concorrem aqui vinte e duas mil pessoas.

A praia fica n'um dos extremos, praia larga, aberta, excellente.

II

As praias de Portugal! o banho portuguez!

A vista do mar tão espraiado, tão azul! o ar fresco da manhã a reanimar! As familias mais madrugadoras, que já tomaram o banho, a despedirem-se das familias que chegam. O movimento dos que vem da agua, e dos que vão para ella. Os paes, mortos por que se apresse a ceremonia, para irem almoçar. As

cabecinhas engraçadas, encobrindo ainda o corpo com a lona das barracas, mas deixando já ver os rostos risonhos, e sorrindo-se ao perceberem que são vistas por quem ellas querem. Ao pé das barracas onde ha sombra, na areia, n'aquella providencial areia, fofa e amorosa alcatifa em que se aninham os ranchinhos, as mães fingindo que não reparam quando os namorados das filhas são ricos de dinheiro, mas umas carrancas a olharem de revés se elles unicamente o são de intelligencia ou de bondade.

Ellas, as santinhas da festa, nos banquinhos a brincarem com os chapellinhos de sol; elles, com as bengalas, ou com os bordões, a fazerem semi-declarações por aquellas palavras soltas que a condescendente areia recebe como cartas de amores, e logo deixa apagar com prudencia confidencial. E em pé, na linha detrás, as creadinhas percebendo com o olhar de relance os namoros das suas meninas primeiro do que ellas mesmas, e corando ligeiramente quando os rapazes lhes deitam aquelle olhar em cheio que ellas fingem repellir com a risonha seriedade.

E já para este ponto, e para aquelle, e para outros as diversissimas peripecias da praia, aquelle gorducho em cadeirinha de mãos dos banheiros que o deixam cair na agua antes de elle o esperar; aquella ra-

pariga a saír da barraca, ligeira como a gazella, e a entrar no mar menos apressada do que o sentenceado á morte; aquelle menino aos saltos de contente quando já volta, vendo-se-lhe por entre a carinha enxarcada aquelles olhos brilhantissimos e aquelle riso adoravel; e já aquelle outro, alem, um traquinas lá em casa, e agora todo berreiros e esperneamento nos braços do barqueiro que o leva para o sacrificio; e o outro ainda dentro da barraca e n'um chôro, nem que o matassem; e mais o outro, agarrado ao vestido da mãe que debalde o mette em brios, e que finge ralhar com elle, mas de cujo ralho elle zomba, porque bem sabe, filho mimoso, que o ralho da mãe não é senão amor.

E todo aquelle movimento desencontrado, o ir e vir, os pequenos grupos, aquelle conversar, aquelle rir, aquellas pazes, aquelle acabar dos que já se enfastiaram, aquelle principiar dos que ainda na vespera, no passeio ou na assembléa, se entenderam sem saber como, e a socegada indifferença dos egoistas, e as mãos estendidas mais risonhamente, as fallas mais francas, os corações mais abertos, e tudo isto na serenidade d'aquellas manhãs e á beira d'aquelle mar.

Toda a immensa linha das praias se espande na fei-

ção buliçosa, embora guarde cada uma d'ellas sua especialidade.

III

Na praia da Povoa de Varzim a primeira cousa que me salta ao olhos é a fila dos barqueiros. Todos elles uniformisados, fato de lã branca, descalços, barretes brancos tambem, rostos para nós, costas para o mar, cabeças movediças, olhar penetrante para as barracas a ver quando sáem os seus freguezes, fazem lembrar a linha de atiradores, na frente do exercito, ao romper do fogo. Estão de se pintar.

Não o estão menos, na extrema direita, as que dão o banho ás classes populares, intrepidas como verdadeiras minhotas, com as saias de lã branca por meio da perna, levando nas cadeirinhas de suas mãos homens possantes.

As barracas em grupos formam compartimentos, salas successivas (por assim dizer) abertas para o mar. Cada uma tem hasteada a sua bandeira de cores. O viajante vae visitando aquelle variado acampamento até ás barracas populares, já remendadas, onde o movimento é de feição propria, com botequins ambulantes, o riso ás gargalhadas, mutua a dadiva de comidas e bebidas. Para fóra de toda esta linha o mar

espumando neve, e ao longe um grande numero de vélas bordando a alcatifa azul do oceano, tombadas sobre as ondas, barcas de uma das praias de mais abundante pesca da nossa costa [1].

Á noitinha a concorrencia é immensa no centro da villa, onde estão os botequins e o hotel de Italia, cuja proprietaria, a conhecida actriz Ernestina, de dia dirige o hotel e á noite representa de primeira dama no theatro. É no mesmo hotel a assembléa, em cujo salão apinhado de familias se dansa com enthusiasmo todas as noites.

São luxuosos os botequins, como nenhum outro em Portugal, e cada um com sala de jogo de parar. O de David não é tão grande como o do hotel de Italia, mas sobreleva em ornamentação: papel e moveis á chineza, dez espelhos de alto a baixo, lustres, poltronas, estatuas, quadros. Tem junto um jardimzinho communicando com o grande pavilhão, tambem á chineza, envidraçado a cores. Quatro estatuas figurando as estações, outras duas tambem allegoricas, quadros

[1] Ha n'esta praia 415 barcos de pesca; 123:000 canastras de peixe saem annualmente da Povoa para diversas terras das provincias do norte, correspondendo a 46:000 cargas. O valor do peixe sobe a 269:000$000 réis. Devo estes esclarecimentos ao sr. Manuel Joaquim Alves Passos, confessando-me summamente agradecido a s. ex.ª

grandes, cadeiras á chineza, um notavel e marchetado contador no topo do pavilhão, espelhos em redor, oito grandes talhas de cores variadas. O tecto, com lustres; por entre os lustres, vasos de crystal suspensos, e em roda pingentes do mesmo crystal. É o chamado *templo do jogo* este pavilhão.

Á noite, assembléa, botequins, bilhares, casas de jogo, tudo cheio de gente.

Da praia da Povoa seguimos para a villa do Conde.

Chegâmos. Sobre o rio Ave, e dominando tudo, alem está o magestosissimo convento das freiras de Santa Clara com o seu aqueducto pittoresco de novecentos noventa e nove arcos, convento riquissimo, cuja abbadessa nomeava as auctoridades da villa, e como *juiza de fóra* ia dar as audiencias á Povoa de Varzim, pelo que se póde suspeitar que a idéa da emancipação da mulher viesse já dos governos absolutos sem elles o presentirem. Ali está o fallado estaleiro. Da capellinha de Sant'Anna desfructa-se uma vista admiravel, como se o Ave tivesse inveja do Lima, do Minho, do Cávado; e fazendo-me esquecer a amabilidade dos meus estimaveis hospedeiros, a ex.ma sr.a D. Guilhermina de Faria e seu marido José Maria Dias Vieira, a recommendação de cerrar bem as cortinas do leito,

sou martyrisado por uma praga de mosquitos, a que só levaria a palma a praga dos de Sevilha.

Ás successivas praias de Caminha, Ancora, Vianna, Povoa de Varzim, Villa do Conde, sem mencionar as da risonha Apulia e as de outras aldeias, succede a praia da Foz.

Cá está ella, com a sua feição especial, aristocratica.

Quando todas as outras offerecem o divertimento e a vida que faltam ás banhistas no correr do anno, esta parece offerecer o descanso unicamente.

Ao inverso da multidão em toda a linha que se entrega á dansa, aos theatros, ás assembléas, ao riso, ao amor, esta praia, sem theatro, sem assembléa, sem bulicio, vem pedir treguas.

O Porto em miniatura. A mesma distincção, a mesma elegancia, o mesmo luxo quasi, ou mesmo sem quasi. A praia, em vez de larga e aberta, é entre rochedos apertados, escuros, contrastando com a limpidez e magestade das outras praias. Sobre um penedo recortado é que estão os espectadores com todo o cuidado para não cairem. Dos dois lados vão indo processionalmente os banhistas até seguirem por uma especie de corredor que os leva ao sitio onde a agua do oceano parece que faz o favor de chegar. As barracas, em

vez de abrirem todas para o mar, estão arruadas estreitamente. Ver a correnteza das praias é como assistir a um entrudo; esta lembra o tempo da penitencia. Nem a extensa fileira das barracas, nem a dos banhistas e visitantes, nem as mantas estendidas na areia, nem as variadas peripecias. Vi alguns penteados do correr do dia, vi os homens de luvas, a só concessão que se permittem é o chapéu mais baixo, mas preto, vi mesmo botas envernizadas. No primeiro dia que fui á praia, com toda a minha boa fé, ao olhar de repente para mim envergonhei-me das minhas botas brancas e do meu chapéu de côr. Pedi perdão a mim mesmo de faltar á etiqueta, e no dia seguinte felizmente appareci já com decencia.

E comtudo que formosa que é a Foz, a dois passos do Porto, de Leça e de Mathosinhos, com os seus predios novos, com o seu passeio de Carreiros, onde é a praia dos inglezes e onde devêra ser a praia geral dos banhos pelas vantagens da limpidez e da amplidão.

De tarde sim, no bello passeio Alegre, com a casaria de um lado e do outro o mar, de tarde sim, aprecia-se a graça dos sorrisos, a affabilidade do trato, que ali está a cidade da Virgem representada pela extrema bondade das suas damas.

Continuâmos já a nossa correria: Leça da Palmeira, branca de neve, a Granja, o Espinho, que ainda menciono pelas relações que tem com o Porto.

Ha quatro annos o Espinho era apenas uma pequena povoação de pescadores. Hoje di-lo-hemos uma villa como que repentinamente saída do mar. Um improviso do progresso. Ali está a praia vastissima. As ondas, quando vem caminhando para nós, lembram esquadrões de espuma a galopar. Em vez de serem de lona, as barracas são de madeira e pintadas, o que dá novidade á praia, toda ella enxameada de gente.

Encontro-me com alguns amigos, entre elles o dr. Antonio José Teixeira, que me pergunta:

— Já viu uma das curiosidades da terra?

— A praia?

— Melhor.

— A assembléa?

— Melhor ainda.

— A hospedaria Braganza onde estou alojado, e que me dizem ser o pinhal da Azambuja?

— Melhor que tudo isso. Venha cá.

A poucos passos o dr. Teixeira aponta-me para uma portinha ao rez da rua, e diz-me:

— Desça.

Olhei para dentro, ouvi um borborinho, vi tudo es-

curo, depois, mais affeito á escuridão, e abrindo bem os olhos, umas figuras que pareciam espectros pela casa terrea, e um velho impassivel. Como a luz não coava no antro senão por aquella portinha que mais parecia uma fresta, as nossas duas figuras tinham-lhe roubado esses poucos raios que fingiam alumiar a caverna.

— Onde me trouxe, doutor? É uma pusilga?

— Não, respondeu elle, é uma escola popular de educação physica, moral e intellectual.

Deitámos ambos a fugir.

De manhã o banho; depois do almoço, na assembléa onde as banhistas se apresentam lealmente de cabellos caidos sobre os penteadores, o piano, o canto, a conversação animada, a recitação dos poetas, a dansa, a walsa; á noite, o baile com duzentas senhoras.

E d'ahi continúa a beira-mar para onde no outono corre meio Portugal, onde de anno para anno se melhoram as antigas praias, e onde, como se estas ainda não bastassem, brotam outras como que surgidas das areias.

IV

Mas eis que d'ahi a pouco se cala a extensissima tribuna das quatrocentas milhas. O sonho esvae-se.

Todo esse turbilhão, feiras, mercadores, ourives, cambistas, photographos, botequins, bilhares, theatros, dansa, carruagens, diligencias, omnibus, ranchos populares, meninas às janellas com os seus penteadores de neve, risos, amores, tudo desapparece, alastra-se o silencio, cerram-se as trevas, e toda esta vida, todo este delirio das praias parecerá um conto de fadas a quem de repente vendo tudo esvaecer-se não descobrir em toda a immensa linha senão o pescador, martyr do oceano, crucificado entre duas cruzes: o dono da companhia que o suga em nome do oiro, e o tributo do pescado que o devora em nome do fisco.

CAPITULO XXIV

A ULTIMA IMPRESSÃO

Senhora:

Nunca vos vi, e entretanto sou-vos devedor da ultima impressão que levo do Minho, e das mais sublimes, porque não é dos sentidos, mas da alma.

Inspira-m'a a vossa caridade na ultima terra que visito ao sair da provincia, em Leça da Palmeira.

Não vos conheço, senhora... engano-me, nunca vos vi, é certo, mas conheço-vos. Quem jamais olhou fito para o sol, e quem não vae jurar que elle é formosissimo ao ver-lhe os raios que illuminam a natureza? Assim, quando eu vejo na escola da infancia feminina de Leça tantas meninas expandindo-se n'aquelle edificio que tem ar, luz, saude, commodidade, elegancia, subindo por todos esses raios ao espirito de que elles derivaram, digo para mim: é uma alma formosissima; sem nunca a ter visto, conheço-a.

Vivieis modesta na vossa aldeia, mas a vossa alma christã era da tempera das que dão lições de virtude. Filha do povo, ereis compassiva como elle e para elle. Ah, se os ricos soubessem o que o povo padece com as injustiças que lhe fazem e com a ignorancia em que o abysmam!

Um dia entregaram-vos uma carta. Vinha de longe. Poucas linhas, mas encerravam uma grande riqueza. Vosso irmão, José Pinto de Sousa, emigrado no Brazil, acabava de fallecer solteiro, deixando-vos herdeira dos seus immensos haveres, ganhos pelo trabalho.

De pobre passaveis a rica n'um momento.

Sorristes-vos, senhora, não pela riqueza que vos entrava inesperadamente pela porta dentro, mas lá por um segredo que tinheis aninhado no intimo do coração.

Projectava-se então construir ao pé da vossa casa um modesto edificio devido a um homem que se chamava conde de Ferreira, e destinado para escola do sexo masculino.

— Que! — dizieis comvosco sem o poder levar á paciencia — pois levantam-se edificios escolares para os homens, e ficam em esquecimento as mulheres! É necessario ensinar a ser pae, e não a ser mãe, a fazer

soldados, marinheiros, artifices, e não a crear esposas e educadoras! Pois não ha de ser assim na minha terra. E tornastes-vos a sorrir para o vosso segredo.

N'esse dia o vosso divino pensamento redimiu muito sangue e muitas lagrimas que se têem derramado no mundo.

Leça viu então irem-se lançando mesmo ao pé da escola *Conde de Ferreira* os alicerces de outro edificio para escola do sexo feminino, e com accommodações ainda mais vastas. Aos alicerces seguiu-se o edificio. Já ia successivamente pulando a obra sem faltarem os meios nem os sorrisos affectuosos da mãe desvelada, até que um dia, o mais bello da sua vida, teve ella a felicidade de o ver concluido. N'esse dia mal pensava Portugal que uma senhora houvera tido a semsabor idéa de gastar o seu dinheiro na construcção de um edificio para se ensinarem meninas a ler e escrever; mal sabia que uma senhora da pequena povoação de Leça da Palmeira se encaminhava para a camara municipal do seu concelho para lhe offerecer um nada, uma chave, mas uma chave que abria um thesouro.

Saistes então de Leça, atravessastes a ponte, e, ao desembocar na alameda, que é que vos suspende repentinamente? De que homem é aquella estatua, em

pé, com um sorriso tão doce, aquella estatua que os conterraneos d'elle levantaram em 1864?

É de certo aquelle sorriso que vos suspende os passos, como a afigurar-se-vos que não é a estatua que sorri, mas o espirito do vosso conterraneo, do intrepido reformador da instrucção popular. Ah, que momento devia ser esse! Passos Manuel, em pé, abrigado por aquellas arvores, á beira d'aquelle rio, a sorrir-se para vós, sua conterranea, no momento de passardes com a chave de uma escola que edificastes; vós, senhora, suspensa ali áquelle sorriso, talvez de joelhos a receberdes aquella benção; elle já no mundo da historia, vós ainda no mundo da vida, e ambos no da instrucção caritativa, a comprehenderem-se e a felicitarem-se!

E seguindo o vosso caminho, senhora, fostes offerecer a chave do vosso paraizo escolar aos representantes do municipio.

Estava já construido o edificio, mas não saciada a vossa alma: mandaste-lo tambem mobilar, e os reparos da escola são feitos á vossa custa.

Duvidastes, ao mesmo tempo, de que uma professora de instrucção publica podesse alimentar-se, vestir-se, comprar livros, estudar e ensinar com doze vintens e cinco réis por dia que lhe dá o governo da

nação portugueza, e mais quatro vintens uma corporação que se intitula camara do municipio; e a vossa bolsa estabeleceu uma gratificação para a mendiga official encarregada de educar, moralisar e instruir as futuras esposas e mães da vossa terra.

Não se limitou a isto, pois que tinheis dado tambem uma verba para a compra do terreno em que se edificasse a escola *Conde de Ferreira.* Ainda n'isto não parou a vossa liberalidade inesgotavel: de vós tem recebido quantias avultadas a igreja matriz para a sua reedificação, o cemiterio para o seu alargamento, auxilio constante qualquer melhoramento nas freguezias de Leça e Mathosinhos, tendo por mais sympathico o soccorro quando se trata de creanças desvalidas. Um dos informadores diz de vós: «A bolsa d'esta senhora é um verdadeiro monte pio, e a sua falta seria uma calamidade». Outro declara: «É tida como a pessoa mais esmoler d'este concelho». Acrescenta outro: «Affirmam todos que esta senhora soccorre quasi toda a pobreza das duas freguezias segundo as necessidades e a posição de cada um». — Formaes palavras.

Mas como é que adivinhastes as desgraças femininas? Presentiste-las talvez com o vosso instincto materno. Que faz de tantas meninas o genero humano? Primeiramente expõe-nas, depois entrega-as a amas

que as tomam como mercancia, e que em geral as matam á fome. Se a exposta tem a infelicidade de escapar, abandonada na mocidade como o fôra no berço, encontra duas carreiras que a mãe lhe abriu e que o estado lhe confirma: a prostituição e o serviço.

A primeira falla por si propria, a do serviço representa o seguinte, confirmado por documento official: «As creadas de servir contribuem com um contingente de filhos para a roda na proporção menor de um terço em relação ao total das exposições». Assim a engeitada engeita. E se a exposta se lembra de que devia ter mãe, nem mesmo o tempo se encarrega de dar á mãe um coração. Lia-se nos jornaes este annuncio:

UMA FILHA QUE PROCURA SEUS PAES

«Faz hoje vinte e dois annos que ás oito horas e um quatro da noite entrou pela roda para a real casa das expostas uma menina com mais de um mez de nascida, á qual Deus concederia hoje a maior das alegrias se lhe fosse possivel conhecer e abraçar os seus progenitores, ao menos sua mãe» . . .

Pobre creança! Na estreia da tua vida adivinhavas o seio d'aquella mãe, aquelle seio precioso que se não confunde com o de mulher nenhuma, porque de mi-

lhões de mulheres não ha senão uma que seja nossa mãe.

Cresceste, martyr, padeceste fome, frio, dores, sempre com a mesma falta de mãe, mas sempre com a mesma esperança de a encontrares. No teu grito de alma, que todos lemos com as lagrimas nos olhos, declaravas que o teu maior prazer seria abraçar os paes que te abandonaram, *ao menos tua mãe;* e aquella mãe que assim invocas, para cuja imagem tens os braços abertos ha vinte e dois annos, se ouve a tua voz, não responde ao teu chamamento, repelle a donzella que a sorrir lhe implora amor, como repelliu a creança quando veiu á luz e lhe pedia o seio.

E como esta, quantos milhares de meninas não ha sem familia, sem pão, sem principios, sem educação, nem ensino!

Senhora, que sentindo no coração todas aquellas dores, mandastes edificar a escola de Leça, disse-vos de certo a vossa alma que a ignorancia é a causa da infeliz sorte das mulheres. Sois a providencia da vossa terra. Têem a ambição da caridade infinita os corações como o vosso: quanto mais fazem, menos julgam fazer. Abençoada riqueza quando cáe em mãos como essas. Eu visitei a vossa escola, senhora; em seguida passei pela vossa casa, parei, lembrei-me de entrar,

de pedir que me recebesseis para vos beijar a mão, e todavia não me atrevi a dar um passo, não sei que piedoso respeito me tinha ali, parado, suspenso, enternecido defronte das vossas janellas!

Perdoae-me se revelo o vosso nome, se vos obrigo a corar de modestia, mas é forçoso, menos por fazer-vos a justiça de que prescindis, do que para trazer a publico este grande exemplo. O nome d'esta senhora exemplar é D. Maria Francisca dos Santos Araujo.

Ah, senhora, devem de ser formosos os vossos momentos, quando na escola que edificastes vos achardes rodeada das meninas que se estão educando ao vosso bafo, e não menos quando saindo d'ali festejada por ellas, ao passardes pelas ruas de Leça, chegarem ás portas todas aquellas mães com as filhinhas mais pequenas ao collo, e fordes vendo todas essas mães apontarem para vós, dizendo alvoroçadas para as creanças: « É aquella ».

CAPITULO XXV

CONCLUSÃO

Deixo-te, Minhò, com a saudade com que nos apartâmos de um ente querido. Dias formosos me déste, em noites pensadoras me embalaste a alma: as impressões que ahi ficam, foi o affecto que as lançou do coração. Taes como as senti, aqui as revelo. Agradeço-t'as. Não ha nada que mais se agradeça do que a doçura das impressões que nos deram momentos felizes.

Mas é que estas suaves impressões são ambiciosas, Minho, e eu que me impuz fallar sempre com a alma n'estes meus apontamentos de viagem, não quero, ao encerra-los, desmentir o meu proposito.

A ambição, que têem, é a de pedir tambem o campo como fonte de educação para a mocidade da minha

patria, muito principalmente para a mocidade do sexo feminino: a educação pelo sentimento delicado, pela imaginação viva, pela elevação das idéas; e campo, onde o ha mais poetico, mais sentido do que no Minho?

Os bailes deslumbram, os theatros enthusiasmam, as paixões electrisam o espirito; mas tudo isto desapparece como um sonho até o sonho seguinte. Só a natureza apresenta sempre segredos novos nos milhares dos seus encantos e na immensidade das suas scenas.

Mas é necessario saber comprehender esses encantos e decifrar esses segredos. Esta aprendizagem amoravel e regeneratriz é que eu peço para a mocidade feminina como productivo manancial de educação; este magisterio do amor por intervenção do bello é que eu reclamo ás mães de familias.

Eduquemos pelo magestoso e bellissimo livro dos campos.

Meninas, vinde aqui aprender a ser mães educadoras, para que depois vossas filhas não digam o que vós dizeis agora: «Que o campo é uma semsaboria». E tendes rasão. O campo que fingis em Cintra, na Foz, em Cascaes, em Paço de Arcos, não ha semsaboria que o possa igualar. Nas vesperas de partir para o Minho encontrei-me no passeio publico de Lisboa com

uma das senhoras mais elegantes da capital, que ouvindo-me dizer que ia admirar a bella provincia, me respondeu: «Ai que sensaboria, o campo!» A outra senhora tambem de Lisboa, e das mais intelligentes, ouvia eu exclamar ao encontra-la em Vianna quando enthusiasmada acabava de admirar as margens do Lima: «Que lindeza! mas hei de occulta-lo ás minhas amigas para não fazerem escarneo de mim». Ora succede que a primeira d'aquellas senhoras é uma das mais frivolas que podem frequentar salas, e esta uma das mais bondosas que ha entre corações femininos.

Para se operar uma revolução educativa por meio das bellezas campestres é que levanto um fervoroso brado.

Creanças, que só vedes a felicidade nos figurinos da *Mode illustrée*, eu creio na magia dos vossos sorrisos e no poder das vossas almas, mas nos vossos sorrisos transparentes de bondade, nas vossas almas de dedicação e sympathia.

Não tenhaes medo. Não amaldiçoeis o meu livro, que o meu livro vem pedir-vos a vossa gloria maior, e a maior das vossas regenerações.

Não receeis que eu proponha a abolição das vossas *toilettes* esplendidas, dos labyrintos dos vossos penteados, das caudas imperiaes dos vossos vestidos, nem

do captiveiro dos vossos pés seductores. A phantasia humana necessita de tudo isto; e a natureza, que não cria lei nenhuma debalde, não ficará desobedecida ao despertar no intimo das vossas almas a ancia de agradar, que é o vosso primeiro condão. A moda é uma lei da natureza, a eterna semente das vossas revoluções, como a liberdade o é das nossas. Deslumbrae-vos e deslumbrae-nos, ricas e pobres, umas pela magnificencia, outras pela simplicidade, e todas pela graça. A esculptura, a architectura, a musica, a poesia, todas as artes e industrias, para se manifestarem com brilhantismo, carecem de que as inspirem a belleza e a phantasia, e vós sois a phantasia e a belleza.

Sim, obedecei á lei que vos creou a belleza, mas obedecei tambem, e principalmente, á lei que vos concedeu a bondade. Arrebatae o artista, mas amae o homem; inspirae o genio que inventa e multiplica maravilhas no mundo, mas enleae tambem os corações com a vossa ternura. Concedemo-vos a moda, mas dae-nos tambem a alma, não a aperteis de todo nos espartilhos de seda que vos suffocam os corações. Daes á luz material o genero humano. Gloria vos seja, mães da humanidade, mas não basta, é necessario por isso mesmo dar tambem o genero humano á luz moral, e dando-o, e realisando esta segunda missão,

é que verdadeiramente completareis o vosso nobre destino.

Sim, minhas senhoras, ha mais alguma cousa para vossas filhas do que os penteados, o pó de arroz, os vestidos, o passeio do Aterro, o francez, as variações do Trovador, e um noivo muito rico sabe Deus com que bullas, para morrerdes descansadas sabendo que ellas hão de poder ir ao theatro, ao club e ás corridas do Campo Grande. Creanças, ha mais alguma cousa para serdes felizes do que a riqueza do marido que ambicionaes para «*fazerdes a vossa carreira*». Ha mais alguma cousa, e essa, a que tão pouco se attende, é o instrumento ignoto cujas vozes são infinitas como as harmonias da natureza: é a alma.

Viveis n'um grande erro, mães e filhas. Suppondes que o homem só procura a mulher pela formosura, e pelo novo achado a que se dá o pomposo nome de *espirito*. Fazei-nos mais justiça, e fazei-a tambem a vós. Valeis muito mais do que suppondes, e esse muito valei-lo ainda mais pelas qualidades em que não tendes fé, porque vo-las deixaram em embrião e não fizeram d'ellas brotar os fructos deliciosos. Ide a um theatro, leitor. Quereis conhecer uma alma n'uma noite? Attentae nos camarotes, analysae bem todos aquelles rostos, não nos trechos mais sublimes da musica ou nas

scenas mais arrebatadoras da declamação, porque alli a expansão natural póde ser mais geral, mas no correr da opera ou na successão do drama. Analysae então cada um d'aquelles rostos como se lesseis n'um livro. Conhecereis a vaidosa, a futil, pela distracção incessante, olhando para a scena, mas não vendo; uma estatua ou uma pintura; não chegando senão a observar a superficie; não dando signal nenhum de comprehender o que ouve; não penetrando, através da fórma, aquelles sentimentos nem aquellas situações, de que a fórma não deve ser o fim, mas só a transparencia. Adivinhareis a intelligente, sobretudo a bondosa, na contracção quasi imperceptivel do rosto; acompanhando a producção como se a estivesse traduzindo mentalmente; a devora-la com os olhos; percebendo-se-lhe, ao seguir as transições da acção, um entresorriso nos labios, a ternura do olhar, as lagrimas sem caírem nas faces, suspensas, a pularem-lhe nas palpebras; a entender e a sentir o que sentiu e entendeu o auctor; e, em vez de exprimir a frivolidade parada ou distrahida, a deixar ler nas feições tudo o que lhe vae na comprehensão do pensamento e nas sensações do admiravel coração. Uma é a curiosa que vê, a outra a pensadora que sente.

Mas, para valerdes muito mais do que suppondes,

é necessario que desde creança vos lancem a alma por todo esse caminho de uma educação nova, a *educação pelo bello,* para apreciardes depois as grandes manifestações, para serdes procuradas e avaliadas não pelo que julgaes valer, porém pelo muito que em realidade valereis, para creardes filhas que se pareçam comvosco, e para gosardes assim a verdadeira felicidade, que é a felicidade que se dá.

Para esta resurreição da alma feminina pela educação provinda do bello, para este abrir de todas as cordas da intelligencia e da meiguice, elemento nenhum póde concorrer tanto como o campo, um campo formoso, ensinado, meditado, sentido, onde a perspicacia, a delicadeza, e o sentimento materno tenham à sua disposição as variadissimas scenas da natureza, preferiveis aos capitulos de um livro; a intuição, superior ao preceito.

Sim, o campo. Aqui o tendes para avigorar a saude, para não assassinardes vossas filhas, dando á luz fructos perdidos, antes para creardes mães fortes, aleitaveis, aptas para acompanharem os maridos e os filhos nos trabalhos da vida; o campo, sim, para por meio d'elle receber a creança uma organisação robusta que no futuro lhe dê o valor, a perseverança, a fé em si, para saber resistir, tomar todas as respon-

sabilidades, evitando-se que d'aqui a duas ou tres gerações (como receiam espiritos pensadores) as classes elevadas não sejam representadas senão por nervosos, rachyticos, hypocondriacos e descontentes.

Aqui póde estar tambem a educação moral, no campo, como o d'esta provincia, para ser analysado pelas mães e explicado ás filhas desde a mais tenra idade, e em todas as circumstancias d'elle. Aqui deve ser educada a menina, para levantar a alma até ao Creador, por intervenção d'este immenso livro de paginas admiraveis, illuminado com as pinturas mais naturaes, os quadros mais pittorescos, e que por isso mais impresso lhe ficará na imaginação. Aqui deve ser educada para saber sentir e instillar o sentir, pois que ainda não ha na humanidade sentimento de mais, o que ha é mingua de sentimento; para se elevar até onde sobem os pensamentos mais nobres; para observar, mesmo nos objectos que lhe pareçam insignificantes, sublimidades que lhe eram desconhecidas, e que apuradas depois pela propria perspicacia, possam inspirar idéas novas para a vida; para em cada coração feminino descobrirem o homem e o artista thesouros desconhecidos, encantos mais bellos. Os campos encerram tudo. Que poesia não resae das diversas estações, e como se não entranha gradual-

mente na organisação a bondade semeando a candura, a sympathica placidez, a innocencia, o amor, pondo assim de accordo a alma com a natureza, de cuja harmonia o espirito humano anda tão erradio, e por isso tão materialisado. E depois, com gerações femininas assim educadas, para assim educarem seus filhos, como não melhoraria nas sociedades o caracter, que de anno para anno mais se vae enfraquecendo!

Aqui tendes para a vossa formosura physica, e para a vossa belleza moral e artistica, a pureza d'este ar, estas noites para pensardes, estes dias para vos expandirdes, estas auroras, estes occasos, este sol em cujos raios (segundo a bella phrase de Janelle) ha mais eloquencia do que em todos os systemas de philosophia, esta religião dos campos com os seus mysterios e segredos que nos elevam o espirito para quanto ha grande no infinito das nossas aspirações.

Vêde, ó mães, o que valerá então a alma das vossas filhas, que não terão de mendigar os ricaços, mas que emancipadas pela propria riqueza da saude, bondade, arte e alma verdadeira, seduzirão os corações que lhes venham pedir a felicidade.

Deve pois entrar no programma educativo dos paes de familias o viajar n'uma provincia, onde a natureza

offerece á contemplação um complexo das scenas mais admiraveis.

Deixo-te com saudade.

Adeus, Minho, jardim da minha patria. Quem, pertencendo tu a Portugal, não terá gloria de ser portuguez?

Rios da bella provincia, adeus, Cávado, Ave, Minho, Lima. Adeus, montanhas em que se está mais perto do Creador. Adeus, vegetação esplendida, frescas sombras, planicies suaves, valles que revivem com o toque dos sinos, o chilrar dos passaros, os canticos das raparigas; adeus, doces manhãs, tardes deliciosas, noites feiticeiras, murmurios das fontes, silencios que fallam, melancolias, esperanças, saudades...

Adeus, Minho; adeus, rival da Suissa.

FIM

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
26	25	rambulhões	trambulhões
216	10	afundir	afundir-se
230	19	S. Campos	S. Campio